



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Livia de Mello Reis

A cartografia dos locativos pré-verbais no Português Brasileiro

Florianópolis

2022

Lívia de Mello Reis

A cartografia dos locativos pré-verbais no Português Brasileiro

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof.(a) Sandra Quarezemin, Dr.(a)

Florianópolis
2022

Reis, Livia de Mello

A cartografia dos locativos pré-verbais no português brasileiro / Livia de Mello Reis ; orientadora, Sandra Quarezemin, 2023.

175 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Abordagem cartográfica. 3. Sujeito. 4. Sujeitos locativos. 5. Português brasileiro. I. Quarezemin, Sandra. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Lívia de Mello Reis

A cartografia dos locativos pré-verbais no Português Brasileiro

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 16 de dezembro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Izabel Christine Seara, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.(a) Aline Peixoto Gravina, Dr.(a)
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Prof. Aquiles Tescari Neto, Dr.
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Prof. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho, Dr.
Universidade de Brasília – UnB

Prof.(a) Roberta Pires de Oliveira, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^a. Sandra Quarezemin, Dr^a.
Orientadora

Florianópolis, 2022

Para os apaixonados pela língua portuguesa,
assim como eu.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu protetor. A Ele, por guiar meu caminho nos momentos difíceis e por me iluminar em cada decisão tomada nesses anos de estudo.

Aos meus pais, Sílvia e Eduardo, que ocupam um papel essencial em minha vida e que, com muito esforço, paciência e dedicação, me educaram sempre com muito amor e carinho. Obrigada por cada palavra de incentivo, por acreditarem em mim e por estarem ao meu lado nos momentos de alegria e também nos grandes desafios da vida.

À querida professora orientadora, Sandra Quarezemin, amiga e parceira de todas as horas, que acompanha minha trajetória acadêmica desde a graduação. Obrigada, Sandra, por cada incentivo, por toda a dedicação, e, sobretudo, por acreditar no meu trabalho.

Ao meu irmão Gabriel, pela parceria de vida e por acreditar nos meus projetos pessoais e profissionais. Obrigada, meu irmão querido, por me incentivar e se orgulhar das minhas conquistas. Conta sempre comigo!

Ao meu amor, João Geraldo, que cruzou meu caminho durante o período de doutorado. Obrigada, meu querido, por dar cor aos dias cinzentos e por me fazer enxergar o lado bom da vida... Obrigada por me incentivar e, sobretudo, por me fazer acreditar que tudo daria certo e que chegaria ao fim com sucesso.

Às amigas, Bárbara e Liliane, que acompanharam minha trajetória ao longo destes anos de estudo. Vocês são os presentes que a graduação em Letras me deu! Obrigada por todos os momentos especiais que vivenciamos juntas.

À querida Alejandra, que compartilha alegrias e angústias desde a época do Mestrado. Obrigada, Ale, pelas longas conversas e boas risadas, pelo incentivo nas horas difíceis e pelos cafés nas tardes de estudo. Obrigada pelas aulas de espanhol e por me dar aquele “*help*” com os dados estrangeiros.

À Cainara, que acompanha a minha trajetória pessoal e profissional há muitos anos. Obrigada, minha amada, pela escuta sensível e por todo o suporte durante essa jornada. Obrigada por vibrar pelas minhas conquistas sempre.

À Sarah, minha querida “cunha”, que sempre me motivou com o seu alto-astral, desde que entrou para a família. Obrigada pelo incentivo na reta final da pesquisa, acreditando que logo chegaria ao fim (e com direito à comemoração).

Aos professores, Aline Peixoto Gravina (UFFS), Aquiles Tescari Neto (Unicamp) e Marcus Vinícius da Silva Lunguinho (UnB), por terem aceitado o convite para participar da banca de defesa. Agradeço as valiosas contribuições que, com certeza, enriqueceram a pesquisa e suscitaram novas reflexões para o futuro.

À professora Izabel Christine Seara (UFSC), por ter prontamente aceitado presidir a banca de defesa.

Aos professores Aquiles Tescari Neto (Unicamp), Janayna Carvalho (UFMG) e Marcus Lunguinho (UnB), pelas indicações de leitura e pela disponibilidade de diálogo sobre as questões investigadas.

Aos professores da Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, que me proporcionaram tantos momentos de reflexão e de aprendizado desde a época do Mestrado.

Aos colegas do Núcleo de Estudos Gramaticais – NEG, pelas trocas e pelos ótimos momentos vivenciados.

Aos colegas de Doutorado que estiveram comigo nesses anos de estudo, compartilhando experiências, angústias e conquistas.

Ao Instituto Federal de Santa Catarina - *campus* Florianópolis, em especial aos colegas da Coordenadoria Pedagógica, por me concederem condições de realizar a pesquisa, incluindo um período importante de afastamento integral. Obrigada por me apoiarem nesses anos de estudo.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão dessa desafiadora etapa acadêmica.

MUITO OBRIGADA!

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*

(GUIMARÃES ROSA, 1956)

RESUMO

O conceito de *sujeito* apresentado nas gramáticas tradicionais, muitas vezes, não é suficiente para explicar fenômenos recorrentes nas línguas naturais. Nesse sentido, a partir dos pressupostos da Abordagem Cartográfica, a qual determina a hierarquia das posições destinadas aos diferentes tipos de constituintes (CINQUE; RIZZI, 2008), a presente tese busca ampliar a investigação sobre a sintaxe dos sujeitos do Português Brasileiro (doravante PB), sobretudo das construções com locativo pré-verbal preposicionado: [Na livraria da esquina]_{PPloc} vende/vendem livros baratos. Quanto à metodologia, optamos por realizar uma revisão bibliográfica, junto à análise empírica dos dados, método típico da Cartografia. Partimos de três hipóteses iniciais, a saber: (i) PP locativo (PPloc) pré-verbal não deve ser tratado como adjunto sentencial, e sim ser alocado em uma posição acima de vP; (ii) sentenças com PPloc pré-verbal no PB apresentam a mesma estrutura sintática, independente da flexão verbal; e (iii) Spec,SubjP é a posição do domínio flexional, onde os constituintes checam o traço *sujeito da predicação* (CARDINALETTI, 2004), incluindo os PPs locativos do PB. A fim de enriquecer a discussão, comparamos os dados produtivos do PB com os do espanhol colombiano e verificamos que a principal assimetria entre essas línguas diz respeito à flexão verbal, assim como ocorre com o italiano e o português europeu. Além disso, investigamos a posição de origem desse PPloc, considerando a hierarquia dos PPs circunstanciais, proposta por Cinque (2006), entre o *middlefield* e a zona argumental. Discutimos também a posição de SubjP em relação à hierarquia universal dos advérbios de Cinque (1999). Diante da investigação realizada, assumimos que o PPloc nasce na posição LocP na zona circunstancial, acima de vP, e sobe até SubjP para checar o traço *sujeito da predicação*, quando não há realização fonológica do argumento externo. Caso contrário, o PPloc tende a figurar deslocado à esquerda. Ademais, assumimos SubjP como a posição mais alta do domínio flexional, uma vez que compartilha propriedades tanto do domínio CP, quanto do TP (RIZZI; SHLONSKY, 2007). Por fim, consideramos que a pesquisa possibilitou reflexões quanto ao *status* tipológico do PB.

Palavras-chave: Abordagem Cartográfica. Sujeito. Sujeitos Locativos. Português Brasileiro.

ABSTRACT

The subject definition presented in traditional grammars is often not enough to explain recurrent phenomena in the natural languages. In this sense, based on the assumptions of the Cartographic Approach, which determines the hierarchy of positions for different types of constituents (CINQUE; RIZZI, 2008), this dissertation seeks to expand the investigation into the syntax of subjects in Brazilian Portuguese (henceforth PB), especially structures with prepositioned pre-verbal locative: [Na cantina da escola]_{PPloc} vende/vendem coxinha (In the school canteen (he) sells/(they) sell ‘coxinha’). As for the methodology, we chose to carry out a bibliographical review, and the empirical analysis of the data, a typical Cartography method. We present three assumptions: (i) pre-verbal locative PP (PPloc) should not be treated as an adjunct phrase, but should be allocated in a position above vP; (ii) regardless of verbal inflection, the locative sentences present the same syntactic structure; and (iii) the locative PPs are in the Spec,SubjP position, where they check the subject feature of the predication (CARDINALETTI, 2004). In order to increase the discussion, we compared the productive data of PB with those of Colombian Spanish. The main asymmetry between these languages concerns verbal inflection, while sentences with pre-verbal PPloc in PB are licensed with both singular and plural verbs, in Colombian Spanish only constructions with inflected verbs in the third person plural are productive, as it occurs in Italian and European Portuguese. We also investigated the first merge of the PPloc, considering the hierarchy of circumstantial PPs, proposed by Cinque (2006). In this point, we try to define where the SubjP appears related to the Cinque's (1999) universal hierarchy of adverbs. In this dissertation, we propose that PPloc is born in the LocP position in the circumstantial zone, above vP, and goes up to SubjP to check the predication subject feature, when there is no phonological realization of the external argument. If this occurs, the PPloc tends to be displaced to the left. Furthermore, we assume SubjP as the highest position of the inflectional domain, since it shares properties of both the CP and TP domains (RIZZI; SHLONSKY, 2007). Finally, we believe that the study realized contributes with the discussion about the typological status of PB.

Keywords: Cartography Approach. Subject. Locative Subjects. Brazilian Portuguese.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ADVP – *Adverbial phrase*
DP – *Determinant phrase*
DPloc – DP locativo
EC – Espanhol Colombiano
EPP – Princípio de Projeção Estendido
GT – Gramática Tradicional
GU – Gramática Universal
LF – *Logical form*
NP – *Noun phrase*
OV – Ordem Objeto-verbo
PB – Português Brasileiro
PE – Português Europeu
PF – *Phonological form*
PP – *Prepositional phrase*
PPloc – PP locativo
pro – Categoria vazia pronominal
SV – Ordem Sujeito-Verbo
SVO – Ordem Sujeito-Verbo-Objeto
uD – traço ininterpretável de determinante
uP – traço ininterpretável de P (= *phonological*)
VO – Ordem Verbo-Objeto
VOS – Ordem Verbo-Objeto-Sujeito
VS – Ordem Verbo-Sujeito

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES	15
1.2 METODOLOGIA.....	17
1.2.1 Metodologia das pesquisas cartográficas	17
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	18
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A ABORDAGEM CARTOGRÁFICA	20
2.1 DEFININDO A CARTOGRAFIA	20
2.1.1 A extensão de VP e a sua periferia	22
2.1.2 O domínio IP	24
2.1.2.1 <i>A hierarquia universal dos advérbios</i>	26
2.1.2.2 <i>A hierarquia dos PPs circunstanciais</i>	30
2.1.3 O domínio CP e suas extensões.....	36
2.2 CONTRAPONTO ENTRE CARTOGRAFIA E MINIMALISMO	42
2.3 AS POSIÇÕES DE SUJEITO	44
2.3.1 Sujeito <i>versus</i> Tópico	53
2.4 O SUJEITO PRÉ-VERBAL DO PB	56
2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 2.....	64
3. PROPRIEDADES RELACIONADAS AO COMPORTAMENTO DO SUJEITO	66
3.1 PRINCÍPIO DE PROJEÇÃO ESTENDIDO.....	66
3.2 PARÂMETRO PRO-DROP.....	67
3.2.1 Sistema pronominal e flexional.....	72
3.2.2 Ordem <i>verbo-sujeito</i>	80
3.3 STATUS TIPOLOGICO	84
3.3.1 PB como língua de proeminência de tópico	85
3.3.2 PB como língua de proeminência de sujeito	87
3.3.3 PB como língua de proeminência de tópico e de sujeito	91
3.3.4 Assumindo uma classificação.....	95
3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO 3.....	97

4. PANORAMA GERAL SOBRE AS SENTENÇAS COM SUJEITO LOCATIVO	98
4.1 PESQUISAS ANTERIORES	101
4.1.1 A ordem VS e as construções com inversão locativa - Silva (2001).....	101
4.1.2 Constituintes locativos e a influência das línguas bantu – Avelar & Cyrino (2008a / 2008b).....	104
4.1.3 Inversão locativa e concordância – Avelar (2009)	109
4.1.4 Concordância locativa e a hipótese do contato – Avelar & Galves (2013).....	112
4.1.5 A cartografia dos sujeitos locativos – Reis (2017).....	115
4.1.6 Sentenças Impessoais Nulas Existenciais – Carvalho (2018a; 2018b).....	118
4.1.7 Locativos, concordância e Caso – Avelar & Galves (2021).....	122
4.2 SÍNTESE DO CAPÍTULO 4.....	127
5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DO LOCATIVO NA HIERARQUIA DA SENTENÇA	129
5.1 O PP LOCATIVO	129
5.1.1 Assimetria entre o apagamento dos argumentos externo e interno e a boa formação da sentença	129
5.1.2 PPloc e o deslocamento à esquerda	130
5.1.3 Assumindo uma estrutura para as sentenças com PPloc pré-verbal.....	133
5.2 O DP LOCATIVO.....	138
5.2.1 Assumindo uma estrutura para as construções com DPloc	140
5.3 SUBJP E A HIERARQUIA UNIVERSAL DAS PROJEÇÕES FUNCIONAIS	140
5.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO 5.....	154
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS	159
APÊNDICE A – COMPARANDO O PB COM O ESPANHOL COLOMBIANO	168

1. INTRODUÇÃO

O conceito de *sujeito* nunca foi consenso entre os estudiosos das línguas. Nas gramáticas tradicionais (GT) do português brasileiro (doravante PB), é possível observar que o sujeito é geralmente identificado através de algumas características gerais, entre elas: a posição que ocupa na sentença; ser o praticante da ação; ser o elemento que estabelece concordância com o verbo; ser o termo sobre o qual se exprime uma declaração.

De acordo com Rocha Lima (2002) e Cegalla (2008), por exemplo, o sujeito é classificado como o ser de quem se diz algo. Na mesma linha, Cunha e Cintra (2007, p. 22) o definem como “o ser sobre o qual se faz uma declaração”. É evidente que tais conceitos são simplistas e insuficientes para explicar muitos dos fenômenos recorrentes na língua.

O PB se classifica como uma língua de ordem *sujeito-verbo-objeto* (SVO). Isso quer dizer que a posição canônica de ocorrência do sujeito é a posição que antecede o verbo. Observamos em (01) que a ordem SVO ocorre em sentenças com todos os tipos de verbos, transitivos, inergativos e inacusativos, respectivamente.

- (01) a. Maria vendeu sua casa.
 b. Maria corre todos os dias.
 c. Maria saiu.

Entretanto, chamamos atenção para o comportamento curioso dessa língua, com relação ao preenchimento da posição pré-verbal, uma vez que ela pode ser preenchida por sintagmas não agentivos, como nos exemplos (02) a (04).

(02) **Sentenças com inversão locativa¹:**

- a. Naquela livraria vende / vendem livros.
 a'. Aquela livraria vende livros.
 b. Em Florianópolis chove muito no verão.
 b'. Florianópolis chove muito no verão.

¹ Conforme classificação de Silva (2001), Avelar e Cyrino (2008a; 2008b), Avelar (2009); Avelar e Galves (2013), entre outros. Reis (2017) e Reis e Quarezemin (2019) denominam essas construções de *sentenças com sujeito locativo*. Carvalho (2018), por sua vez, denomina-as de *sentenças impessoais nulas existenciais*.

(03) Sentenças causativo-incoativas²:

- a. O vidro da casa (se) quebrou.
- b. A porta (se) estragou.

(04) Sentenças incoativas periféricas³:

- a. A roupa já lavou.
- b. A casa ainda não vendeu.

Considero importante ressaltar aqui que meu primeiro contato com a sintaxe do sujeito pré-verbal ocorreu durante a minha pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Sandra Quarezemin. Minha dissertação teve como principal objetivo investigar as sentenças com locativos pré-verbais no PB, mais precisamente a assimetria entre a estrutura sintática de sentenças com PP locativo (PPloc) e DP locativo (DPloc), como apresentado em (02a) e (02a'), respectivamente. Embora pareçam apresentar similaridades, assumi estruturas sintáticas distintas para as construções. Além disso, também assumi que os constituintes locativos no PB figuram em posição argumental, no domínio flexional, e não em posição A-barra. Desse modo, as construções investigadas, como as sentenças em (02), passaram a ser classificadas por mim como *sentenças com sujeito locativo*.

Diante da investigação iniciada no mestrado, surgiu a motivação de ampliar a pesquisa e investigar mais a fundo as posições estruturais destinadas ao sujeito, bem como o comportamento dos constituintes locativos. Desse modo, a presente tese tem como tema central a sintaxe do sujeito pré-verbal e busca contribuir com o desenvolvimento do domínio flexional, a partir das construções com sujeito locativo.

Tais construções figuram entre os casos de alternância sintática (AVELAR, 2009), a qual, muitas vezes, é associada à topicalização. Nesse sentido, há pesquisadores que defendem o PB como língua de proeminência de tópico, isto é, voltada para o discurso (PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001; DUARTE, 2004; DUARTE; KATO, 2008; AVELAR, 2009, entre outros). Entretanto, há autores que defendem a classificação do PB como língua de proeminência de sujeito, como é o caso do italiano e do português europeu (doravante PE) (DUARTE, 1996; KENEDY, 2002). E, ainda, autores que classificam o PB

² Conforme classificação de Amaral e Cançado (2017).

³ Conforme classificação de Amaral e Cançado (2017). Cabe ressaltar que essas estruturas são denominadas de *construções absolutas* por Negrão e Viotti (2010).

como língua de proeminência de tópico e de sujeito (ORSINI; VASCO, 2007, entre outros). Observamos, assim, que as discussões sobre o *status* tipológico do PB não estão esgotadas e carecem de novas investigações.

Diversas pesquisas têm mostrado que as propriedades do sujeito nem sempre estão relacionadas a uma única posição na estrutura sentencial (POLLOCK, 1989). A partir disso, muitos autores defendem que o movimento do sujeito passa a ser motivado pela satisfação de algum requerimento formal, o que fortalece a hipótese-VP, segundo a qual o sujeito é originado na posição temática interna ao VP e, em seguida, é movido para uma posição mais alta, Spec,TP, a fim de checar seus traços formais (KOOPMAN; SPORTICHE, 1991).

Já as pesquisas cartográficas que se ocupam da investigação sobre a sintaxe do sujeito pré-verbal sugerem uma divisão dentro do domínio flexional com diferentes posições para sua alocação, a depender de seus traços (CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI; SHLONSKY, 2007; RIZZI, 2015; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

Nas seções a seguir, apresentaremos os objetivos, as hipóteses e a metodologia que norteiam a pesquisa.

1.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Conforme já mencionado, esta pesquisa busca ampliar a investigação sobre a sintaxe do sujeito pré-verbal em construções do PB, tendo como foco principal as sentenças com sujeito locativo, isto é, sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais.

- (05) a. Nessa loja vende / vendem sapatos de couro.
 a'. Essa loja vende / *vendem sapatos de couro.
 b. Na escola da Maria aceita / aceitam cartão de crédito.
 b'. A escola da Maria aceita / *aceitam cartão de crédito.

A seguir, elencamos os principais questionamentos que motivaram a continuidade da pesquisa:

1. Diferentes traços estão envolvidos no movimento do constituinte para a posição de sujeito?
2. Qual é a posição de origem dos constituintes locativos que figuram em posição pré-verbal?

3. Como os sujeitos locativos – PPloc e DPloc pré-verbais – se comportam em relação à hierarquia dos advérbios, proposta por Cinque (1999)?

4. Sentenças com PPloc e verbo no plural apresentam estrutura distinta das sentenças com PPloc e verbo no singular, as quais são produtivas no PB, mas não em outras línguas?

A fim de colaborar com a investigação dessas questões, a presente tese está assentada na Abordagem Cartográfica (ou Cartografia), a qual investiga as estruturas sintáticas e a hierarquia das posições destinadas aos diferentes tipos de constituintes. Buscamos, assim, avançar na discussão sobre a cartografia do sujeito.

Conforme mencionado anteriormente, não há consenso sobre o *status* tipológico do PB. Dessa forma, pretendemos fornecer evidências, com o intuito de apresentar um posicionamento sobre essa questão. Além disso, também é nosso objetivo estabelecer comparações entre o PB e outras línguas, como o italiano, o PE e o espanhol colombiano⁴ (EC), por exemplo, a fim de verificar a produtividade de construções com sujeito locativo nessas línguas.

Em relação às hipóteses, apresentamos três inicialmente. A primeira é que o PPloc que figura em posição pré-verbal não deve ser tratado como adjunto da sentença, e sim alocado em uma posição acima de vP (CINQUE, 2006; 2010).

A segunda hipótese é que as sentenças com PPloc pré-verbal no PB apresentam a mesma estrutura sintática, independente da flexão verbal. No caso das sentenças com verbo no singular, o que pode estar em jogo é justamente a preferência pelo preenchimento da posição à esquerda do verbo, levando os falantes a tentarem estabelecer concordância entre PPloc e verbo. Outro indício que reforça essa preferência é a possibilidade de concordar o verbo meteorológico com o DPloc pré-verbal, como observamos em (06a') e (06b').

(06) a. Em São Paulo venta muito no verão.

a'. São Paulo venta muito no verão.

b. Nas cidades do interior choveu muito.

b'. As cidades do interior *choveu / choveram muito.

Já a terceira hipótese está relacionada à posição SubjP no domínio flexional: seguindo a análise de Cardinaletti (2004) para os dados do italiano, Rizzi (2005) e Rizzi e Shlonsky

⁴ Optamos pela variedade colombiana do espanhol, por ser uma língua românica e de proeminência de sujeito. Além disso, o acesso aos dados também foi levado em consideração.

(2007) sugerem que SubjP seria a última posição de sujeito no domínio TP, destinada não só ao sujeito gramatical, mas a constituintes que são movidos para a posição pré-verbal, a fim de checar o traço *sujeito da predicação* (*'subject-of-predication feature'*). Acreditamos que os locativos pré-verbais, PPloc e DPloc, figuram nessa posição do *middlefield*, também no PB.

1.2 METODOLOGIA

De modo geral, para atingir os objetivos propostos, realizamos uma revisão bibliográfica de estudos anteriores. Além disso, utilizamos um método típico da metodologia cartográfica: a análise empírica de dados.

Na seção 1.2.1, a seguir, apresentamos alguns pontos cruciais sobre a metodologia das pesquisas em cartografia, os quais serão importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.2.1 Metodologia das pesquisas cartográficas

Sobre a metodologia característica dos estudos cartográficos, Cinque e Rizzi (2008) afirmam que, nessa abordagem, as pesquisas são de caráter comparativo e tipológico, revelando a riqueza e a complexidade das estruturas da Gramática Universal.

Os autores revelam que há duas visões a respeito das estruturas funcionais enquanto universais linguísticas. A primeira é assumir que se uma língua fornece evidências para a existência de um núcleo funcional, então esse núcleo está presente em todas as línguas, independente de ter matriz fonológica. Isso quer dizer que as hierarquias na estrutura são universais em número de categorias e tipos de núcleo e especificadores, diferindo-se apenas em relação à movimentação dos constituintes e à realização fonológica dos núcleos. Tal posicionamento é considerado o mais forte dentro da abordagem cartográfica.

Já a segunda visão, considerada a mais fraca, parte da premissa de que as línguas variam em termos de número de projeções funcionais, as quais são selecionadas a partir de um inventário universal. Entretanto, Cinque e Rizzi (2008) afirmam que os estudos comparativos entre as línguas revelam que certos ordenamentos são inconcebíveis translinguisticamente, isto é, indicam que há limites para a variação.

De acordo com Tescari Neto (2021), há dois importantes expedientes metodológicos utilizados nas pesquisas cartográficas: o eixo de base e o eixo prático.

O eixo de base contempla os testes para a determinação dos mapas sintáticos, relacionando-se à proposição de posições de Soldagem externa. Nesse caso, as hierarquias

cartográficas são determinadas a partir de dois expedientes principais. O primeiro diz respeito à proposição de projeções com vistas a explicar diferenças translinguísticas, em relação aos movimentos assumidos. Como exemplo disso, temos a proposta de Pollock (1989) que, a partir da comparação entre inglês e francês, propõe um nó Agr, abaixo de T⁵. O segundo expediente do eixo de base contempla os testes-de-precedência-e-transitividade, os quais foram utilizados por Cinque (1999) em sua proposta de hierarquia universal dos advérbios⁶. Para Tescari Neto (2021, p. 83), tais testes são cruciais para a determinação da hierarquia sentencial, revelando-se como “o expediente metodológico cartográfico por excelência”.

O eixo prático, por sua vez, parte das determinações do eixo base para definir a posição de outros constituintes na sentença, através do movimento sintático. Em outras palavras, o eixo prático possibilita ao sintaticista determinar o “local de pouso” de outros constituintes, considerando as hierarquias já propostas nos testes do eixo de base. Como exemplo disso, podemos citar o uso da hierarquia dos advérbios de Cinque (1999) para determinar a posição de diferentes formas do V temático na estrutura da sentença.

Nesse sentido, cabe ressaltar a possibilidade de se investigar a posição do sujeito pré-verbal, mais precisamente a posição criterial SubjP, a partir da hierarquia universal dos advérbios, ao assumirmos o ordenamento rígido e hierárquico de certas categorias na estrutura sentencial. Além disso, é possível explorar para o PB a proposta de Cinque (2006) para os PPs circunstanciais, a qual sugere que estes constituintes figuram entre os advérbios do *middlefield* e a zona argumental.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para fins de organização, o trabalho está estruturado em seis capítulos. Neste primeiro, tecemos as considerações iniciais da pesquisa, introduzindo o objeto de estudo e definindo os objetivos, as hipóteses e a metodologia.

No segundo capítulo, apresentaremos a abordagem teórica que embasa essa tese: a Cartografia. Nele, discutiremos sobre os principais domínios da estrutura sintática sentencial, a saber: CP, IP e VP. Além disso, apresentaremos contrapontos entre a abordagem Cartográfica e o programa Minimalista, com o intuito de justificar a escolha da primeira para o embasamento teórico desta pesquisa. Também mostraremos as posições para sujeito e as diferenças entre tópico e sujeito, de acordo com a Cartografia. Por fim, esse capítulo contará

⁵ A proposta de Pollock (1989) será apresentada na seção 2.1.2 desta tese.

⁶ A hierarquia universal dos advérbios será melhor explorada na seção 2.1.2.1 desta tese.

com uma seção sobre a sintaxe do sujeito pré-verbal do PB, considerando as posições propostas pela Cartografia.

Já no terceiro capítulo, abordaremos as principais propriedades relacionadas ao comportamento do sujeito, como, por exemplo, o Princípio de Projeção Estendido (EPP) e o Parâmetro *Pro-drop*, também conhecido como Parâmetro do Sujeito Nulo. É também neste capítulo que discutiremos o *status* tipológico do PB, a fim de contribuir com essa questão não consensual entre os pesquisadores da área.

No quarto e no quinto capítulos, investigaremos mais a fundo as sentenças com sujeito locativo do PB, buscando responder os questionamentos apresentados. A fim de contribuir com a investigação sobre a sintaxe do sujeito, apresentaremos estudos já realizados sobre o tema (SILVA, 2001; AVELAR, 2009; REIS, 2017; CARVALHO, 2018; entre outros). Em seguida, trataremos sobre o movimento do locativo na hierarquia da sentença, considerando uma proposta para suas posições inicial e final.

Por fim, no sexto capítulo, apresentaremos as considerações finais sobre a investigação realizada, retomando os principais pontos de discussão.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A ABORDAGEM CARTOGRÁFICA

Nesta seção, apresentaremos alguns pontos importantes do quadro teórico que embasa este estudo: a abordagem Cartográfica. Além disso, apresentaremos os principais contrapontos entre Cartografia e Minimalismo. Por fim, discutiremos sobre as posições destinadas ao sujeito pré-verbal e sobre as diferenças entre tópico e sujeito, sob o olhar da Cartografia.

2.1 DEFININDO A CARTOGRAFIA

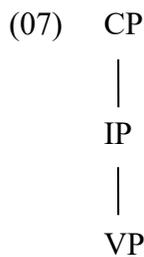
O Programa Cartográfico, ou Cartografia, surge no final dos anos 1980, ganhando força sobretudo na década de 1990. Um de seus principais objetivos é estabelecer uma correspondência sistemática entre características morfossintáticas e semânticas, partindo da ideia de que as estruturas funcionais, disponíveis a todas as línguas, são ricas e detalhadas e constituem parte da Gramática Universal (GU).

Sob esse prisma, a Cartografia se traduz em uma linha de pesquisa que busca investigar as configurações sintáticas, através de mapas detalhados, os quais determinam as posições destinadas aos diferentes tipos de constituintes presentes nas línguas naturais (CINQUE; RIZZI, 2008). Em outras palavras, a Cartografia investiga estes mapas em relação à estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos, identificando representações complexas com posições destinadas a diferentes interpretações (RIZZI, 1997, 2004; BELLETTI 2001, 2004; CINQUE; RIZZI, 2008).

Os sintagmas, nessa abordagem, são estruturados e ordenados através de núcleos lexicais e funcionais presentes nas línguas, o que é conhecido como Princípio de Uniformidade (CHOMSKY, 2001). Isso quer dizer que todas as línguas compartilham os mesmos princípios de formação de sentenças e de sintagmas, além das mesmas sequências funcionais (QUAREZEMIN, 2009). Entretanto, nem sempre é fácil estabelecer relações precisas entre as categorias funcionais visivelmente exibidas pelas diferentes línguas. Assim,

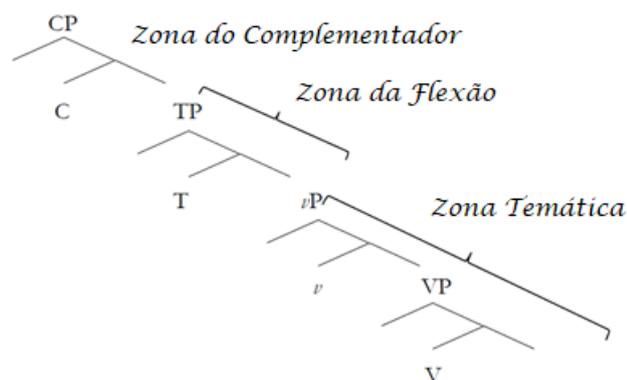
A universalidade das línguas está relacionada ao tipo de núcleos e especificadores que as projeções funcionais envolvem, em seu número, e em sua ordem relativa. As línguas diferem no tipo de movimento que elas admitem ou no conteúdo do que elas visivelmente realizam em cada núcleo e especificador (QUAREZEMIN, 2009, p. 29).

De acordo com Chomsky (1980), para a formação de sentenças há uma hierarquia de constituintes complexos de natureza lexical e funcional. Cabe ressaltar que os primeiros compreendem nomes, verbos, adjetivos e preposições, enquanto os segundos contemplam o complementizador e a flexão. Em 1986, o autor apresenta uma proposta de expansão da teoria X-barrá às categorias funcionais e defende que as sentenças sejam representadas como em (07).



Sobre essa hierarquia, Rizzi (1997) explica que a camada lexical VP é nucleada pelo verbo e é nela que os papéis temáticos são atribuídos aos constituintes nominais. Já a camada flexional IP, lócus de valoração de traços de tempo, modo, aspecto e traços-phi, é responsável por licenciar Caso e concordância. Por sua vez, a camada complementizadora CP é onde se alocam tópicos e operadores, como pronomes interrogativos e declarativos e elementos focalizados. Tescari Neto (2021, p. 146) representa a arquitetura da oração, conforme segue:

(08)



Nesse sentido, cada constituinte de uma sentença tem seu próprio importe semântico/pragmático ou estrutural, apresentando, assim, propriedades específicas (MIOTO, 2001). A partir de Kayne (2005), o princípio *one feature, one head* passa a figurar como um princípio basilar da Abordagem Cartográfica, juntamente com o Princípio da Uniformidade.

Segundo ele, cada traço morfosintático corresponde a um núcleo independente com uma projeção específica na hierarquia sentencial, ou seja, a estrutura contempla um núcleo para cada traço. Por fim, cabe ressaltar, ainda, que, além de estudar a estrutura interna dos constituintes, a Cartografia estuda a forma como eles se relacionam entre si, através de movimentos (*merge interno*).

2.1.1 A extensão de VP e a sua periferia

A partir da Teoria da Projeção Argumental, Larson (1988) sugere a ampliação do VP em duas camadas, denominadas *VP Shells* (conchas de VP). Chomsky (1993; 1995) refina a proposta e afirma que a camada mais baixa (VP) é lexical, enquanto a camada mais alta (*vP*) é funcional.

(09) [*vP* v [*VP* V]]

Desse modo, a projeção mais alta contempla um especificador, com intuito de alojar o argumento externo do verbo. Nesse sentido, os argumentos do verbo devem ser alocados dentro da projeção VP. Para as sentenças com verbos triargumentais (dar, doar, pôr, entregar, por exemplo), o autor propõe a extensão do sintagma verbal, de modo que seja acrescentada uma projeção máxima, acima de VP, para alocação do argumento externo do verbo.

Já a partir de uma análise de sentenças com ordem verbo-sujeito (VS) do italiano, Belletti (2004) propõe uma periferia de VP, isto é, uma área acima de *vP* para constituintes que têm funções discursivas de tópico e de foco, conforme (10).

(10) $IP > TopP > FocP > TopP > VP$

Belletti (2004) afirma que há duas relações estabelecidas a partir da configuração sintática: (i) relação entre sintaxe e interface interpretativa (LF); e (ii) relação entre sintaxe e interface fonológica (PF). Assim, para que constituintes focalizados e topicalizados *in situ* possam ser devidamente interpretados, eles devem preencher as posições de Foco e Tópico, respectivamente. Tal interpretação se dá a partir da relação entre o núcleo Foc/Top e seu especificador.

A partir de (10), é possível perceber que o domínio VP, proposto por Belletti (2004) é semelhante à área de CP, proposta por Rizzi (1997). Em ambos os domínios, VP e CP, há

somente uma posição destinada ao constituinte foco. Já para a alocação do constituinte tópico, há duas ou mais posições disponíveis.

Em contrapartida, é relevante destacar que o constituinte que preenche a posição FocP, interna ao IP, veicula interpretação e entonação diferentes daquelas associadas a esta mesma posição na periferia esquerda da sentença, isto é, no domínio CP (QUAREZEMIN, 2009).

O foco contrastivo é aquele que se situa na zona funcional de CP, ao passo que o foco de informação está situado na extensão de VP, conforme observado em (11) e (12).

(11) a. - João comprou uma moto.

b. - Foi [UM CARRO] que João comprou (e não uma moto).

(12) a. - Quem comprou um carro?

b. - Foi [o João] que/quem comprou um carro.

Em (11b), temos um exemplo de foco contrastivo, o qual aparece em contextos de correção de informação (negação do pressuposto), com o objetivo de dar ênfase ao constituinte “corrigido”. Já em (12b), temos foco de informação, uma vez que ele veicula uma informação nova, desconhecida por pelo menos um interlocutor. Neste caso, é utilizada uma pergunta-Q para descobrir aquele que dá valor para o pronome: o foco.

Além das posições de Tópico e Foco, Belletti (2004) defende que o sujeito pode figurar em uma posição baixa na estrutura. A autora chega a esta conclusão a partir da análise de sentenças do italiano com advérbios baixos, como, por exemplo, *completamente e bene*.

(13) a. ?Capirà completamente Maria.

(Compreenderá completamente Maria)

b. ?Spiegherà completamente Maria al direttore.

(Explicará completamente Maria ao diretor)

c. ?Capirà/spiegherà bene Maria (al direttore).

(Compreenderá/explicará bem Maria (ao diretor)

(14) a. *Capirà/spiegherà Maria completamente (al direttore).

(Compreenderá/explicará Maria completamente (ao diretor)

b. *Capirà/spiegherà Maria bene (al direttore).

(Compreenderá/explicará Maria bem (ao diretor)

(BELLETTI, 2004, p. 19)

O contraste entre os exemplos em (13) e (14) revela, segundo a autora, que o sujeito da sentença deve ocupar uma posição baixa. Em (13), os advérbios ocupam posições baixas e o sujeito os acompanha, gerando sentenças relativamente bem formadas, isto porque há a possibilidade de o advérbio interferir na relação entre sujeito e verbo (daí o ponto de interrogação no início das sentenças). Já em (14), as sentenças são consideradas agramaticais já que o sujeito aparece anteposto aos advérbios, o que reforça a ideia de que o sujeito ocupa uma posição baixa nesses casos.

Diante das evidências apresentadas pela autora, é possível afirmar que a periferia baixa apresenta várias posições que estão relacionadas a diferentes tipos de interpretação e suas respectivas entonações.

2.1.2 O domínio IP

O avanço nas pesquisas sobre o domínio IP se deu a partir dos estudos de Pollock (1989) sobre a posição do advérbio de negação e do verbo lexical no inglês e no francês. Partindo da ideia de que a posição de advérbios baixos é fixa e adjungida ao VP, o autor defende que há movimento do verbo para uma projeção funcional acima de VP, se este estiver à esquerda do advérbio. Entretanto, se aparecer à direita, isto indica que o verbo continua no domínio VP.

Dessa maneira, é possível constatar, nas línguas investigadas, uma diferença estrutural relacionada ao movimento do verbo, uma vez que os advérbios, de modo geral, não realizam movimentos. No francês, o constituinte verbal se move para uma posição mais alta, o que não ocorre no inglês, conforme (15).

- (15) a. *John kisses often Mary.
 b. Jean embrasse souvent Marie.
 (João beija frequentemente Maria)
 c. John often kisses Mary.
 d. *Jean souvent embrasse Marie.
 (João frequentemente beija Maria)

(POLLOCK, 1989, p. 367)

Comparando (15a) e (15c), o autor observa que o verbo em inglês não pode deixar o domínio temático. Ao contrário disso, o movimento do verbo se mostra obrigatório em francês, isto é, o verbo finito deve subir para se juntar à flexão, tornando a sentença gramatical (15b). Nesse sentido, o autor defende que os traços morfológicos integrados em Infl têm naturezas distintas e, por isso, devem ocupar projeções independentes: TP e AgrP.

Em termos teóricos, Pollock (1989) acredita que Agr tem um caráter mais “opaco” em inglês, o que impede o verbo movido para Infl de atribuir papel temático ao seu argumento interno. Em contrapartida, o traço de Agr em francês é mais “transparente”, permitindo a qualquer verbo atribuir papel temático ao argumento selecionado. Chomsky também acredita que o movimento do verbo nestas línguas está ligada ao nóculo Agr. A explicação do autor é que o inglês apresenta Agr fraco e, por isso, não é capaz de atrair os verbos, com exceção dos auxiliares. Já o francês apresenta Agr forte, ocasionando a subida deles.

Com relação à posição do advérbio de negação, Pollock (1989) argumenta que ele ocupa sempre a mesma posição. Essa característica é comum nas línguas analisadas, conforme (16).

- (16) a. *John likes not Mary.
 b. Jean (n') aime pas Marie.
 c. John does not like Mary.
 d. *Jean ne pas aime Marie.
 (João não gosta de Maria)

(POLLOCK, 1989, p. 367)

No francês, o verbo infinitivo pode permanecer no domínio VP ou se mover para uma posição mais alta, acima da negação. Já o verbo finito se move sempre para a posição acima do advérbio. Em contrapartida, no inglês, o verbo finito permanece *in situ*.

O advérbio de negação, por sua vez, ocupa uma posição na área da flexão – NegP. O núcleo da posição destinada à negação, Neg, está conectado ao verbo, todavia, não faz parte de sua morfologia. Nesse sentido, a área flexional teria a seguinte representação, conforme Pollock (1989):

(17) [TP [T [NegP [Neg [AgrP [Agr [VP]]]]]]]]

A partir de (17), é possível perceber que o domínio IP é desmembrado em dois núcleos funcionais, AgrP e TP, e seus núcleos Agr e T, respectivamente, são ligados à morfologia verbal, diferentemente do núcleo da negação – Neg. A posição TP envolve traços de tempo, modo e aspecto, enquanto a posição AgrP envolve traços de pessoa e número (conhecidos como traços *phi*). Cabe ressaltar que a estrutura sugerida nasceu a partir da comparação entre o inglês e o francês, já que um único núcleo não dava conta de alojar os diferentes elementos morfológicos dos verbos dessas línguas.

Belletti (1990) questiona a estrutura proposta por Pollock (1989), baseando-se em questões morfológicas. Para a autora, a posição AgrP estaria acima de TP, uma vez que o morfema de tempo-modo-aspecto precede o de pessoa-número nos verbos das línguas românicas. A autora chega a essa conclusão a partir de dados do italiano.

(18) [_{IP} AgrP [Agr [TP [T [AspP [Asp [VP]]]]]]]

Além de defender a posição AgrP acima de TP, conforme a estrutura ilustrada em (18), Belletti (1990) inclui a projeção AspP entre a posição TP e o domínio VP, a qual fica responsável por traços relacionados ao aspecto do verbo.

2.1.2.1 A hierarquia universal dos advérbios

Cinque (1999) apresenta novas contribuições para a cartografia do domínio flexional, mais precisamente sobre a hierarquia dos advérbios. Ele sugere que os advérbios não são elementos necessários na formação das sentenças, sendo considerados elementos modificadores. Entretanto, para ele, os advérbios não entram na derivação por um processo de adjunção; antes, são inseridos em posições de especificadores de categorias funcionais, checando os traços dos núcleos correspondentes.

Através de uma investigação detalhada de evidências interpretativas, sintáticas e morfológicas em diferentes línguas, como italiano, inglês, norueguês, chinês, hebreu, etc., Cinque (1999) observa que os advérbios não ocorrem livremente nas estruturas sintáticas, e sim de forma ordenada.

Comparando o italiano com o francês, o autor distingue duas classes. A primeira refere-se aos advérbios de VP, mais baixos na hierarquia, que possuem uma ordem

relativamente fixa. A outra engloba os advérbios sentencias, os quais figuram em posição mais alta e manifestam certa mobilidade. Além disso, o autor observa que eles se organizam segundo suas respectivas funções gramaticais: Modo > Tempo > Aspecto > Modo > Voz.

Utilizando testes metodológicos de precedência-e-transitividade, ele realiza uma série de combinações entre advérbios de classes distintas. Em relação aos mais baixos, por exemplo, advérbios habituais como *solitamente* (italiano) e *généralement* (francês) devem preceder a negação, *mica* e *pas*, para a boa formação da sentença.

(19) Advérbios: *solitamente/généralement* e *mica/pas*

a. Alle due, Gianni non ha *solitamente mica* mangiato, ancora.

(Às duas horas, Gianni geralmente não comeu, ainda)

a'. *Alle due, Gianni non ha *mica solitamente* mangiato, ancora.

(*Às duas horas, Gianni não geralmente comeu, ainda)

b. A deux heures, Gianni n'a *généralement pas* mangé, encore.

b'. *A deux heures, Gianni n'a *pas généralement* mangé, encore.

(CINQUE, 1999, p. 04 – 05, grifos do autor)

Os advérbios de negação (*mica* e *pas*) devem necessariamente preceder *già* e *déjà*, que, por sua vez, devem preceder *più* e *plus*, em italiano e francês, respectivamente.

(20) Advérbios: *mica/pas* e *già/déjà*

a. Non hanno *mica già* chiamato, che io sappia.

(Eles não telefonaram ainda, que eu saiba)

a'. *Non hanno *già mica* chiamato, che io sappia.

(*Eles ainda não telefonaram, que eu saiba)

b. Si tu n'as *pas déjà* mangé, tu peux le prendre.

b'. *Si tu n'as *déjà pas* mangé, tu peux le prendre.

(21) Advérbios: *già/déjà* e *più/plus*

a. All'epoca non possedeva *già più* nulla.

(Na época ele já não possuía mais nada)

- a'. *All'epoca non possedeva *più già* nulla.
 (*Na época ele não já possuía mais nada)
- b. A l'époque, il ne possédait *déjà plus* rien.
- b'. *A l'époque, il ne possédait *plus déjà* rien.

(CINQUE, 1999, p. 05, grifos do autor)

Para estabelecer a ordem hierárquica dos advérbios mais altos, Cinque (1999) se valeu da mesma metodologia. Com isso, a seguinte proposição de ordenamento dos advérbios foi lançada: atos de fala > avaliativos > evidenciais > epistêmicos. A seguir, apresentamos alguns pares de sentenças do inglês que permitiram essa conclusão.

(22) Advérbios: *honestly* e *unfortunately*

- a. Honestly I am unfortunately unable to help you.
 (Honestamente, eu sou infelizmente incapaz de ajudar você.)
- b. *Unfortunately I am honestly unable to help you.
 (*Infelizmente, eu sou honestamente incapaz de ajudar você.)

(23) Advérbios: *fortunately* e *evidently*

- a. Fortunately, he had evidently had his own opinion of the matter.
 (Felizmente, ele evidentemente tinha sua própria opinião sobre o assunto.)
- b. *Evidently, he had fortunately had his own opinion of the matter.
 (*Evidentemente, ele felizmente tinha sua própria opinião sobre o assunto.)

(24) Advérbios: *clearly* e *probably*

- a. Clearly John probably will quickly learn French perfectly.
 (Claramente João provavelmente vai rapidamente aprender francês perfeitamente)
- b. *Probably John clearly will quickly learn French perfectly.
 (*Provavelmente João claramente vai rapidamente aprender francês perfeitamente)

(CINQUE, 1999, p. 33)

Em (22), é possível confirmar que os advérbios de ato de fala (*honestly*) devem preceder os advérbios avaliativos (*unfortunately*) e, por isso, (22b) não é possível no inglês. Já as sentenças em (23) mostram que os advérbios avaliativos (*fortunately*), por sua vez, devem preceder os evidenciais (*evidently*). Desse modo, (23b) é agramatical. Em (24), por sua vez, os evidenciais (*clearly*) devem preceder os epistêmicos (*probably*) para a boa formação da sentença.

Observamos que o advérbio A (AdvPA) necessariamente precede o advérbio B (AdvPB) que, conseqüentemente, deve preceder o advérbio C (AdvPC). Diante disso, a distribuição em (17) é proposta pelo autor.

- (25) a. AdvPA > AdvPB
 b. *AdvPB > AdvPA
 c. AdvPB > AdvPC
 d. *AdvPC > AdvPB

- (26) AdvPA > AdvPB > AdvPC

Assim, com base nos testes realizados, e considerando dados de diferentes línguas, nasce a proposta de hierarquia das projeções funcionais de IP. Em (27), apresentamos a hierarquia de Cinque adaptada por Tescari Neto (2013) para o PB.

- (27) [*francamente* MoodSpeechAct > [*surpreendentemente* MoodEvaluative > [*supostamente* MoodEvidential > [*provavelmente* ModEpistemic > [*uma vez* TPast > [*então* TFuture > [*talvez* MoodIrrealis > [*necessariamente* ModNecessity > [*possivelmente* Modpossibility > [*normalmente* AspHabitual > [*finalmente* AspDelayed > [*tendencialmente* AspPredispositional > [*novamente* AspRepetitive(I) > [*frequentemente* AspFrequentative(I) > [*de/com gosto* ModVolition > [*rapidamente* AspCelerative(I) > [*já* TAnterior > [*não ... mais* AspTerminative > [*ainda* AspContinuative > [*sempre* AspContinuous > [*apenas* AspRetrospective > [(*dentro*) *em breve* AspProximative > [*brevemente* AspDurative > [(?) AspGeneric/Progressive > [*quase* AspProspective > [*repentinamente* AspInceptive(I) > [*obrigatoriamente* ModObligation > [*em vão/à toa* AspFrustrative > [(?) AspConative > [*completamente* AspSgCompleative(I) > [*tudo* AspPlCompleative > [*bem* Voice > [*cedo* AspCelerative(II) > [*do nada* AspInceptive(II) > [*de novo* AspRepetitive(II) > [*frequentemente* AspFrequentative(II) > Verbo...

Cabe reafirmar que as projeções funcionais para alocação dos advérbios são universais entre as línguas. Nesse caso, o que pode variar é a posição que o verbo pode ocupar, uma vez que ele pode transitar entre essas posições, o que nos leva a concluir que a estrutura da sentença é mais rica do que proposto inicialmente (CINQUE, 1999).

2.1.2.2 A hierarquia dos PPs circunstanciais

Inicialmente, Cinque (1999) defende que há uma diferença estrutural entre advérbios sentenciais e PPs. Enquanto os primeiros ocupam especificadores de projeções funcionais no *middlefield*, os segundos estariam alocados em posição interna ao VP.

Em certos casos, Cinque (1999) afirma que PPs complemento e PPs adverbiais parecem não entrar na derivação com uma ordem hierárquica restrita, como observamos em (28). Quando traduzimos as sentenças para o PB, o mesmo parece ocorrer, conforme mostrado em (29).

(28) a. John talked to Mary about Bill.

(João falou para Maria sobre Bill)

a'. John talked about Bill to Mary.

b. I met John in the park on Friday.

(Eu conheci João no parque na sexta-feira)

b'. I met John on Friday in the park.

(CINQUE, 2006, p. 148)

(29) a. João falou para Maria sobre Pedro.

a'. João falou sobre Pedro para Maria.

b. Eu conheci João no parque na sexta-feira.

b'. Eu conheci João na sexta-feira no parque.

Entretanto, a partir de uma análise mais apurada, Cinque (2006) propõe que os PPs circunstanciais são combinados respeitando uma ordem hierárquica rígida. Nesse sentido, algumas evidências que fundamentam a proposta são apresentadas. A primeira é que, em línguas de duplo complemento (V – NP – PP), a ordem aceita para a boa formação é NP > PP,

quando os dois constituintes estão expressos na sentença. A construção em (30) mostra isso no italiano e pode ser adaptada para o PB, evidenciando o mesmo comportamento (31).

(30) a. Lui mette sempre i puntini sulle ‘i’.

(Ele sempre coloca os pontos nos “is”)

b. %Lui mette sempre sulle ‘i’ i puntini.

(CINQUE, 2006, p. 149)

(31) a. Ele sempre coloca os pontos nos “is”.

b. *Ele sempre coloca nos “is” os pontos.

Outra evidência que reforça o ordenamento rígido é que o PPManner (modo) deve sempre preceder o PPloc (locativo), em construções do tipo V – PPmodo – PPloc. Sobre o exemplo do italiano, em (32), a ordem canônica possível é a sentença em (a).

(32) a. Gianni parla sempre di corda in casa dell’impiccato.

(João fala sempre sobre corda na casa do enforcado)

‘João sempre comete erros’ / ‘João sempre dá mancada’

b. ?Gianni parla sempre in casa dell’ impiccato di corda.

(CINQUE, 2006, p. 149)

Seguindo Nilsen (2000), Cinque (2006) mostra que, em norueguês, um PPtemp (tempo) deve seguir o PPloc (33a), sendo possível a ordem inversa somente se o PPloc estiver focalizado (33b).

(33) a. Jeg møtte ham i parken på fredag

(Eu conheci ele no parque na sexta-feira)

b. Jeg møtte ham på fredag I PARKEN / *i parken

c. Jeg møtte ham **der da**

(Eu conheci ele lá então)

d. *Jeg møtte ham **da der**

(CINQUE, 2006, p. 151, grifos do autor)

A ordem canônica, então, seria (33a), enquanto (33b) seria derivada pelo movimento do PPloc para a posição de foco, no domínio CP. Quando há substituição pelas formas pronominais, como em (33c) e (33d), somente a ordem canônica V – PPloc – PPtemp é possível.

Cinque (2006) ainda se baseia na discussão proposta por Frey (2000) para o alemão e observa que há uma rigidez semelhante nos indefinidos, embora a ordem se apresente “espelhada”, quando comparada com o norueguês: PPtemp > PPloc.

- (34) a. Hans sollte **wann wo** darüber vortragen
 (Hans deveria às vezes em algum lugar falar sobre isso)
 ‘Hans deveria falar sobre isso em algum lugar às vezes’
 b. *Hans sollte **wo wann** darüber vortragen

(CINQUE, 2006, p. 151, grifos do autor)

Já para os dados do búlgaro, Krapova e Cinque (2004) observam que os pronomes Wh devem figurar em ordem rígida, isto é o PPtemp deve preceder o PPloc que, por sua vez, deve preceder o PPmodo:

- (35) a. **Koga kǎde** šte hodiš tova ljato?
 quando onde fut-ir-você nesse verão
 ‘When will you go where, this summer’
 b. ***Kǎde koga** šte hodiš tova ljato?
 onde quando fut-ir-você nesse verão
- (36) a. Iskam da znam **kǎde kak** si se dǎrzǎl.
 pres-querer-eu saber onde como pas-comportar-você
 ‘I want to know where you behaved how’
 b. *Iskam da znam **kak kǎde** si se dǎrzǎl.
 pres-querer-eu saber como onde pas-comportar-você

(37) a. Iskam da znam **koga kak** si se dǎrzǎl.

pres-querer-eu saber quando como pas-comportar-você

‘I want to know when you behaved how’

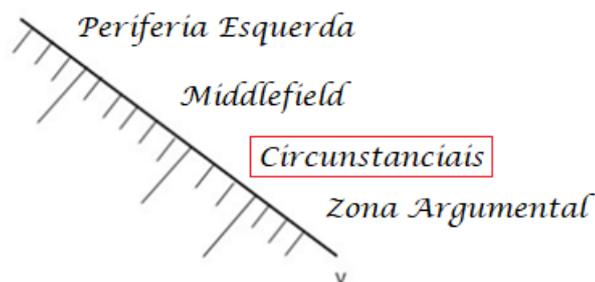
b.*Iskam da znam **kak koga** si se dǎrzǎl.

pres-querer-eu saber como quando pas-comportar-você

(Cinque, 2006, p. 151; 152, grifos do autor)

Nesse sentido, e considerando a proposta de Schweikert (2004), Cinque (2006; 2010) amplia a investigação e sugere que alguns PPs figuram em posições mais próximas da zona argumental, conforme ilustrado em (38).

(38)



(CINQUE, 2006)

As assimetrias verificadas no ordenamento dos constituintes em diferentes línguas revelam que a ordem canônica dos PPs não é livre e que as operações sensíveis ao foco podem dificultar a definição dessa hierarquia. Em outras palavras, Cinque (2006), assim como Schweikert (2004), defende que esses circunstanciais ocupam uma posição hierárquica rígida e fixa entre si e também em relação a outros modificadores da projeção estendida do verbo.

O autor sustenta a ideia de que esse ordenamento que pode se apresentar espelhado entre as línguas é: (i) inteiramente sistemático nas várias classes de PP; (ii) relacionado ao caráter OV *versus* VO das línguas; e (iii) apenas um dos casos de assimetria esquerda-direita encontrada nas diferentes línguas.

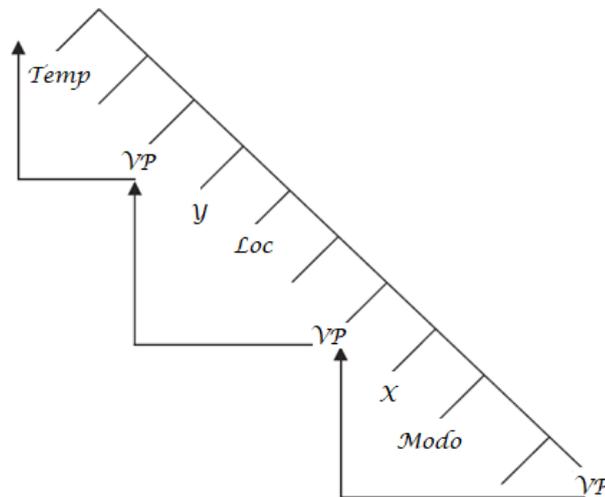
- (39) a. Temp > Loc > Manner > V
 b. *Manner > Loc > Temp > V
 c. V > Manner > Loc > Temp
 d. V > Temp > Loc > Manner

(CINQUE, 2006, p. 152)

Em concordância com Boisson (1981), Cinque (2006) mostra que há uma assimetria na ocorrência dos PPs à esquerda do verbo: enquanto (39a) é possível, a ordem em (39b) torna a sentença agramatical. Já o ordenamento dos PPs em posição pós-verbal pode ocorrer de duas formas, como (39c) e (39d). Cabe ressaltar que a ordem espelhada (39c), segundo Cinque (2006), é a mais frequente.

A partir do que é proposto pelo autor para dar conta dos modificadores do DP, a proposta de estrutura hierárquica universal dos PPs circunstanciais pré-verbais é lançada:

(40)



(CINQUE, 2006, p. 155, adaptado)

Isso quer dizer que nas diferentes línguas, o PPtemp ocupa uma posição mais alta do que o PPloc que, por sua vez, figura mais alto do que o PPmodo e PPs complemento. O contraste entre os exemplos do alemão e do inglês, abaixo, reforçam a estrutura proposta em (40).

- (41) a. Wo hat Hermann an jedem Tag gespielt?
 b. Where did Hermann play every day?
 (Onde Hermann jogava todos os dias?)
- (42) a. Wann hat Hermann in jeder Stadt gespielt?
 b. When did Hermann play in every town?
 (Quando Hermann jogou em todas as cidades?)

(CINQUE, 2006, p. 156)

As sentenças em (41) são ambíguas, ao contrário das sentenças em (42). Isso ocorre porque, no primeiro caso, o quantificador universal *c*-comanda a expressão *Wh* e, por isso, pode ter escopo sobre ela⁷.

Rogeri (2019) apresenta exemplos do PB que mostram os PPs circunstanciais possíveis de figurar nessa zona mais próxima da argumental, a saber: PPtemp, PPmodo e PPloc, respectivamente em (43a), (43b) e (43c). A agramaticalidade da sentença em (43d) parece revelar que nem todos os circunstanciais são candidatos a checar o traço *sujeito da predicação*.

- (43) a. [Neste dia]_{PPtemp} chega as contas.
 b. [Deste jeito]_{PPmodo} chega as crianças.
 c. [Nesta loja]_{PPloc} chega os cds.
 d. *[Com martelo]_{PPinstr} chega os pregos.

(ROGERI, 2019, p.21, adaptado)

A autora realiza testes e confirma a hierarquia proposta por Cinque (2006; 2010) para os circunstanciais do PB, como mostra os exemplos em (44).

- (44) a. [Naquele dia]_{PPtemp} dorme as crianças [daquele jeito]_{PPmodo}.
 a'. *[Daquele jeito]_{PPmodo} dorme as crianças [naquele dia]_{PPtemp}.

⁷ “A universal quantifier *A* may have scope over a *wh*-quantifier *B* in case the merge position of *A* *c*-commands the merge position of *B*” (CINQUE, 2006, p. 156).

- b. [Naquele quarto]_{PPloc} dorme as crianças [daquele jeito]_{PPmodo}.
 b'. *[Daquele jeito]_{PPmodo} dorme as crianças [naquele quarto]_{PPloc}.
- c. [Naquele dia]_{PPtemp} dorme as crianças [naquele quarto]_{PPloc}.
 c'. *[Naquele quarto]_{PPloc} dorme as crianças [naquele dia]_{PPtemp}.

(ROGERI, 2019, p. 62, adaptado)

Analisando as sentenças, é possível perceber que quando há uma combinação de diferentes PPs, somente o mais alto da hierarquia poderá ser alçado. Assim, o PPmodo só poderá aparecer em posição pré-verbal, caso não se tenha outro PP circunstancial na sentença. Já o PPloc só será alçado quando a sentença não apresentar um PPtemp. Nesse sentido, Rogeri (2019) identifica o PPtemp como o mais alto e o PPmodo como o mais baixo da zona circunstancial do PB, conforme previsto por Cinque (2006; 2010).

2.1.3 O domínio CP e suas extensões

O domínio CP é a área da estrutura cartográfica que acomoda constituintes com propriedades discursivas e de escopo. A partir da proposta de Rizzi (1997), caracteriza-se como uma estrutura complexa, já que é composto por quatro categorias funcionais, divididas em dois subsistemas: ForceP – FinP e TopP – FocP. Dessa forma, o domínio CP tem a seguinte configuração:

(45) ForceP > TopP > FocP > TopP > FinP > IP

A categoria ForceP, projeção mais alta do domínio CP, é responsável pelo tipo de sentença (declarativa, interrogativa, etc) e também pela relação dela com a estrutura superior. No caso das sentenças encaixadas, a estrutura superior é a sentença matriz.

- (46) a. O Tadeu beijou a Marcia ontem.
 b. O Tadeu beijou a Marcia ontem?

Partindo da generalização “Existe CP encabeçando cada sentença” (MIOTO, 2001, p. 101), observamos que as sentenças dispostas em (46) se diferenciam a partir do CP, embora

não exista nenhum item explicitando esse domínio. Em PB, a diferença entre elas é a entoação.

Além disso, a categoria ForceP também está ligada às sentenças encaixadas e às orações relativas, como em (47).

- (47) a. Paulo perguntou [_{ForceP} onde (que) a Marcia encontrou o Tadeu].
 b. *Paulo perguntou [_{ForceP} que a Marcia encontrou o Tadeu no cinema].
 c. Paulo acha [_{ForceP} que a Marcia encontrou o Tadeu no cinema].
 d. *Paulo acha [_{ForceP} onde (que) a Marcia encontrou o Tadeu].

De acordo com o autor, o verbo *perguntar*, em (47a), subcategoriza um ForceP interrogativo, condição não atendida em (47b), onde ForceP é declarativo. Já em (47c) e (47d) acontece o contrário, já que o verbo *achar* subcategoriza um ForceP declarativo.

- (48) a. [_{ForceP} O carro_i [_{Force} que (o Tadeu comprou t_i)]]
 b. O carro que o Tadeu comprou...

Em (48), o Spec de ForceP é preenchido pelo DP deslocado de sua posição básica, enquanto Force é preenchido com o pronome relativo.

Conforme Rizzi (1997) e Miotto (2001), o Spec de ForceP é invariavelmente vazio antes do *spell out*. A partir daí, são definidas as propriedades do núcleo Force e as condições que determinam o preenchimento ou não do Spec de ForceP. Se o núcleo Force for marcado pelo traço declarativo [+decl], seu Spec ficará vazio; se for marcado pelo traço relativo [+rel], seu Spec deverá ser preenchido por um NP, conforme (48).

A categoria FinP, por sua vez, possui a função de conectar o domínio CP ao domínio IP, além de codificar informações que expressam a finitude da sentença. Em outras palavras, FinP é a projeção mais baixa do domínio CP e está diretamente ligado ao encaixamento sentencial.

Miotto (2001) afirma que as sentenças matrizes são finitas em geral e, por isso, um ForceP declarativo nunca licencia um FinP infinitivo. No entanto, uma matriz infinitiva é possível se licenciada por um ForceP interrogativo ou imperativo, como (49).

- (49) a. O que fazer numa situação dessas?
 b. Fazer o quê?

- c. Girar a alavanca à direita.
- d. Não apoiar na porta.

(MIOTO, 2001, p. 104)

Em línguas como inglês e italiano, Fin é preenchido por complementadores preposicionais, como o *for* e o *di*, respectivamente (RIZZI, 1997). Sobre esta questão, Miotto (2001) afirma não ser tão evidente a existência de um preenchedor para Fin no PB. A preposição *para*, quando funcional, é um item cotado para preencher tal posição.

- (50) a. *Marcia pediu, os meninos, para eu chamar mais cedo.
- b. */? Marcia pediu, amanhã, para eu acordar cedo.
- c. Marcia pediu para que eu acordasse os meninos mais cedo.

Entretanto, Miotto (2001) observa que não podemos argumentar em termos de distribuição, pois nenhum constituinte do tipo foco/tópico precede a preposição *para*, como em (50a) e (50b). Se a preposição preenchesse Fin, poderia haver um TopP ou um FocP à esquerda para ser ocupado pelos sintagmas [*os meninos*] e [*amanhã*]. Além disso, (50a) e (50b) quando comparados com (c), leva à conclusão de que *para* tem na estrutura um lugar mais alto do que ForceP, pois antecede o pronome *que*.

O segundo subsistema, TopP – FocP, é responsável por acomodar constituintes como tópico e foco. As sentenças (51) e (52) apresentam o DP [*o seu livro*] alocado na periferia esquerda da sentença, em posição de tópico e foco, respectivamente.

- (51) O seu livro_i, você deveria dar ____i para Marcia (não para Ana).
- (52) O SEU LIVRO_i você deveria dar ____i a Marcia (não o meu).

Em (51), o tópico aparece separado por uma vírgula, a qual representa pausa, e veicula uma informação já compartilhada pelos interlocutores. Após a vírgula, é inserido um predicado complexo que se refere ao tópico, também conhecido por comentário.

Já em (52), o constituinte [*o seu livro*] passa a ser o foco da sentença, uma vez que aparece destacado por um pico acentual e expressa uma informação não pressuposta por pelo menos um dos interlocutores do discurso. Nesse caso, o constituinte focalizado é movido para o Spec de FocP, ao contrário do constituinte topicalizado que é gerado no Spec de TopP.

A partir de Rizzi (2001; 2004), o domínio CP ganha novas extensões: *Int*, *Mod* e *Q_{emb}*. A necessidade dessas extensões se deu a partir de novas evidências em dados do italiano e do inglês, considerando a ordem e o movimento de constituintes.

A primeira extensão, *Int*, surgiu com base na necessidade de alojar complementizadores interrogativos, como, por exemplo, o *se* do italiano e o *if* do inglês. Rizzi (2001; 2004) e Rizzi e Bocci (2017) observam que esse complementizador é diferente dos que ocupam Force e Fin, uma vez que ele pode figurar antes ou depois de um tópico, conforme o exemplo (53). Em contrapartida, o complementizador *se* deve necessariamente ocorrer em posição anterior ao foco, como em (54).

(53) a. Mi domando, la macchina, **se** potrò comprarla quest'anno.

(Me pergunto, o carro, se poderei comprá-lo este ano)

b. Mi domando **se**, la macchina, potrò comprarla quest'anno.

(Me pergunto se, o carro, poderei comprá-lo este ano)

c. Mi domando, a mi figlio, **se**, la macchina, gliela compreremo quest'anno.

(Me pergunto, a meu filho, se, o carro, compraremos para ele este ano)

(54) a. Mi domando **se** LA MACCHINA gli potremmo regalare (non la moto).

(Me pergunto se O CARRO devemos dar para ele (não a moto))

b. *Mi domando LA MACCHINA **se** gli potremmo regalare (non la moto).

(Me pergunto O CARRO se devemos dar para ele (não a moto))

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 04 – 05, grifo nosso)

Diante dessas evidências, os autores defendem a inserção de uma extensão independente para o alojamento do complementizador *se*.

Mod, por sua vez, é outra extensão incluída no domínio CP e a necessidade dela se justifica a partir da possibilidade de certos advérbios figurarem em posição inicial na sentença com o objetivo de ênfase, como (55b).

(55) a. Gianni ha trovato rapidamente la soluzione.

(João encontrou rapidamente a solução)

b. Rapidamente, Gianni ha trovato la soluzione.

(Rapidamente, João encontrou a solução)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 05)

À primeira vista, esse tipo de advérbio não deve ser interpretado como tópico nem como foco contrastivo. De modo geral, tal razão se justifica pelas diferentes propriedades interpretativas e sintáticas. Além disso, mesmo que o contorno entoacional seja o mesmo, o tópico se distingue do advérbio preposto, uma vez que o primeiro apresenta relação com o *background* (RIZZI, 2004). Já em relação ao foco, a diferença aparece tanto na entoação quanto na interpretação.

Rizzi e Bocci (2017) salientam que existe a possibilidade de advérbios serem tópicos (56a) e foco (56b), mas ressaltam que, em contexto neutro, como em (55b), não figuram nessas posições.

(56) a. I thought Gianni would act rapidly, and, in fact, rapidly he found the solution.

(Eu pensei que João agiria rapidamente e, na verdade, rapidamente ele encontrou a solução)

b. RAPIDLY you should react, not slowly.

(RAPIDAMENTE você deve reagir, não lentamente)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 05)

Além das diferenças entoacionais e interpretativas, o advérbio deslocado apresenta diferenças em relação ao movimento sintático. Em primeiro lugar, ele possui interpretação local, ou seja, é movido a partir da sentença principal. Em contraste, o tópico e o foco podem ser extraídos a partir da sentença matriz ou da subordinada, como em (57), respectivamente.

(57) a. Rapidamente, Mario ha detto () che Gianni ha trovato (*) la soluzione.

(Rapidamente, Mario disse que João encontrou a solução)

b. RAPIDAMENTE Mario ha detto () che Gianni ha trovato () la soluzione, non lentamente.

(RAPIDAMENTE Mário disse que João encontrou a solução, não lentamente)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 06)

Em segundo lugar, os advérbios deslocados à esquerda são afetados pela presença de outro advérbio, o que não ocorre da mesma maneira com foco e tópico, como observado no exemplo (58).

(58) a. *Rapidamente, Gianni ha probabilmente trovato __ la soluzione.

(Rapidamente, João provavelmente encontrou a solução)

b. RAPIDAMENTE Gianni ha probabilmente trovato __ la soluzione, non lentamente.

(RAPIDAMENTE João provavelmente encontrou a solução, não lentamente)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 06)

Em terceiro lugar, Rizzi e Bocci (2017) observam que o advérbio frontado, diferente da topicalização, minimiza a violação do *that-trace*, conhecido por “efeito advérbio” (*adverb effect*) ou “efeito anti-adjacência” (*anti-adjacency effect*).

(59) a. *This is the man who I think that __ will sell his house next year.

(Este é o homem que eu penso que venderá sua casa no ano que vem)

b. This is the man who I think that, next year, __ will sell his house.

(Este é o homem que eu penso que, ano que vem, venderá sua casa)

c. *This is the man who I think that, his house, __ will sell next year.

(Este é o homem que eu penso que, sua casa, venderá ano que vem)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 06)

Em síntese, como mencionado anteriormente, a estrutura de sentenças com advérbio frontado se diferencia das estruturas de tópico e de foco contrastivo, tanto por questões sintáticas como por questões interpretativas. Desse modo, Rizzi (2004) propõe a posição *Mod*, conhecida por *Mod(ifier)*, abaixo de *Int* e acima do tópico mais baixo.

A última extensão inserida na hierarquia sentencial, a fim de alojar elementos *wh* de orações subordinadas, é Q_{emb} . A partir de dados do italiano, Rizzi e Bocci (2017) observam que um elemento *wh* e um foco contrastivo não podem co-ocorrer na sentença matriz, uma vez que competem pela mesma posição no domínio CP.

- (60) a. *A GIANNI che cosa hai detto, non a Piero?
 (AO JOÃO o que você disse, e não ao Pedro?)
 b. *Che cosa A GIANNI hai detto, non a Piero?
 (Que coisa AO JOÃO você disse, e não ao Pedro?)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 07)

Em contrapartida, a co-ocorrência do elemento wh com o foco contrastivo na sentença subordinada parece ser mais aceitável em uma ordem fixa (RIZZI, 2004).

- (61) a. ?Mi domando A GIANNI che cosa abbiano detto, non a Piero.
 (Me pergunto A JOÃO o que eles disseram, não a Pedro)
 b. ?Mi domando che cosa A GIANNI abbiano detto, non a Piero.
 (Me pergunto o que A JOÃO eles disseram, não a Pedro)

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 07 – 08)

A partir da agramaticalidade de (60) e a possibilidade marginal de (61), o autor assume uma posição específica para elementos wh em contextos subordinados. Como o elemento wh não pode ocorrer acima do foco, Q_{emb} deve ser uma projeção mais baixa do que ele. Cabe ressaltar ainda que, segundo Rizzi (2004), Q_{emb} pode ser precedido por advérbios (*Mod*) e tópicos, o que sugere que essa extensão seja incluída logo acima de FinP. Com isso, o domínio CP passa a ter a seguinte configuração:

- (62) [Force [Top* [**Int** [Top* [Foc [Top* [**Mod** [Top* [**Q_{emb}** [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]]]

2.2 CONTRAPONTO ENTRE CARTOGRAFIA E MINIMALISMO

A abordagem Cartográfica e o programa Minimalista surgiram nos anos 1990 e, desde então, vêm se desenvolvendo de modo paralelo com o intuito de refletir sobre as estruturas sintáticas das línguas naturais. Em linhas gerais, enquanto a Cartografia busca olhar as construções sentenciais da forma mais detalhada possível, o Minimalismo preza pela simplicidade delas, o que, conseqüentemente, está atrelado à economia de posições na estrutura sintática.

Embora o foco das duas abordagens seja diferente, Cinque e Rizzi (2008) defendem que não há contradição entre elas. Todavia, há de se considerar que os defensores do Minimalismo criticam a gama de projeções possíveis em uma estrutura sintática proposta pela Cartografia, o que se traduz na principal divergência entre os modelos. Tal crítica surge justamente a partir da comparação entre a simplicidade estrutural do Minimalismo e a riqueza das projeções cartográficas.

Para o programa Minimalista, segundo Chomsky (2000), os mecanismos sintáticos configuram operações simples de *Merge* (combinação) e *Agree* (concordância). Todavia, devemos considerar o fato de que um mecanismo econômico não necessariamente implica que as estruturas resultantes sejam simples, isto é, uma operação simples, considerando sua recursividade, pode gerar estruturas ricas e complexas (CINQUE; RIZZI, 2008).

Segundo os autores, a simplicidade na Cartografia está relacionada ao fato de que não há núcleos complexos que atribuem mais de uma propriedade a seus elementos sentenciais. Em outras palavras, o que ocorre é uma compatibilidade entre o elemento que porta o traço e o núcleo para o qual ele se move a fim de checá-lo. Dessa forma, o programa Cartográfico mostra-se econômico, no sentido de que as línguas naturais optam por uma simplicidade local nas operações realizadas.

Além disso, apesar de uma possível tensão entre as abordagens, é importante ressaltar que ambas buscam compreender a relação do sistema computacional com outros sistemas cognitivos nas interfaces (QUAZEREMIN, 2009). Ou seja, o papel das interfaces é relevante para o entendimento dos mecanismos computacionais, os quais estão relacionados à Teoria de Princípios e Parâmetros, proposta por Chomsky (1981).

Ainda de acordo com Quarezemin (2009), outro ponto que aproxima a Cartografia do Minimalismo é a relação entre núcleo e especificador, que pode ser entendida como a configuração central do fenômeno de concordância e de suas relações. A autora aponta que o Minimalismo concedeu um papel importante para essa relação que é responsável por operações de checagem. Já na Cartografia, tal relação ganhou destaque uma vez que a natureza dos especificadores é determinada pela natureza do núcleo, por meio de uma relação de *agreement* (relação de concordância).

Com o intuito de desfazer a tensão entre os modelos e ressaltar o importante papel que cada um deles desempenha, Cinque e Rizzi (2008) afirmam que, de modo geral, a Cartografia tem seu foco nas estruturas geradas e nos seus detalhes, enquanto o Minimalismo busca compreender os mecanismos envolvidos na computação sintática. Assim, a partir do exposto,

é possível compreender que a complexidade das construções sintáticas proposta pela abordagem Cartográfica não se contrapõe aos pressupostos do programa Minimalista.

Cabe ressaltar que a escolha da Cartografia como base teórica para a pesquisa do sujeito pré-verbal se deve justamente ao fato de que essa abordagem investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos, propondo uma gama de projeções destinadas a diferentes traços e interpretações. Por esta razão, acreditamos que a Cartografia apresenta evidências plausíveis que dão conta de explicar o fenômeno aqui investigado.

Na próxima seção, trataremos sobre as posições de sujeito na Cartografia.

2.3 AS POSIÇÕES DE SUJEITO

A partir da pesquisa desenvolvida por Cardinaletti (2004), o *middlefield* (ou domínio flexional) ganha destaque nas pesquisas relacionadas ao sujeito sentencial, uma vez que mais de uma posição para a valoração dos traços associados ao sujeito é proposta, diferente de Chomsky (1981; 1986) que apresenta uma mesma estrutura (64) para sentenças em (63).

(63) a. A man called (me).

(Um homem chamou (me))

b. A man came.

(Um homem veio)

c. There came a man.

(Aqui veio um homem)

(CARDINALETTI, 2004, p. 115)

(64) [_{IP} DP Infl [_{VP} V DP]]

Cardinaletti (2004) acredita que essa estrutura não dá conta da distribuição dos sujeitos nas línguas naturais, isto é, uma única posição para sujeito não é suficiente para explicar situações que ocorrem em determinadas línguas naturais. Rizzi (2005), por sua vez, aponta que a posição destinada ao sujeito pré-verbal deve estar associada a um efeito de interface. A resposta padrão para justificar o movimento é que os sujeitos se movem por questões relacionadas à morfologia, como checagem de Caso e satisfação de propriedades do sistema Caso-concordância. Entretanto, o autor salienta que esse argumento não é suficiente para justificar todas as movimentações de sujeito, em consonância com Cardinaletti (2004).

É interessante destacar ainda uma discussão a respeito do parâmetro *Pro-drop*. Cardinaletti (2004) não concorda com a ideia de que os sujeitos pré-verbais de uma língua de sujeito nulo tenham *status* diferente em relação ao sujeito e propõe que posições de sujeito pré-verbal são necessárias em línguas *pro-drop* para sujeitos nulos e manifestos. Nesse sentido, é possível pensar que o campo do sujeito pré-verbal apresenta as mesmas propriedades em línguas *pro-drop* e não *pro-drop*. A diferença entre elas se reduziria, então, à natureza do núcleo de concordância.

Em relação às posições para sujeito, Cardinaletti (2004; 2014) aponta que há mais de uma posição funcional inserida no domínio flexional. Para justificar sua hipótese, a autora apresenta alguns fatores que interferem na valoração dos traços associados ao sujeito do italiano. O primeiro deles é a comparação entre pronomes fortes e pronomes fracos.

(65) a. Crede che tu sia ricco.

a'. *Tu crede che sia ricco.

(Tu acreditas que sejas rico)

b. Crede che tu solitamente esca alle due.

(Acreditas que tu somente saia às duas)

(CARDINALETTI, 2004, p. 127)

Em (65), observamos que o pronome *tu* no italiano é deficiente, já que não pode ser movido à longa distância para uma posição de tópico (65a'). Em contrapartida, (65b) evidencia que o pronome *tu* é um pronome fraco, e não um clítico, e, dessa forma, não precisa estar adjacente ao verbo. Já o exemplo a seguir mostra que a posição do pronome fraco *tu* e da expressão parentética afeta a gramaticalidade da sentença, como observamos em (66b, c).

(66) a. il fatto che Gianni/lui, secondo noi, debba restare

(o fato que João/ele, em nossa opinião, deva ficar/permanecer)

b. ?? il fatto che tu, secondo noi, debba restare

(o fato que tu, em nossa opinião, deva ficar/permanecer)

c. il fatto que, secondo noi, tu debba restare

(o fato que, em nossa opinião, tu devas ficar/permanecer)

d. *il fatto che, secondo noi, debba restare

(o fato que, em nossa opinião, deva ficar/permanecer)

(CARDINALETTI, 2004, p. 127)

Com isso, Cardinaletti (2004) defende que pronomes fracos ocorrem em posição mais baixa do que pronomes fortes e DPs, evidenciando a necessidade de posições distintas para alocação de sujeito.

O segundo fator apresentado pela autora envolve o apagamento do complementizador (*Complementizer deletion*). No exemplo (67), (a) apresenta boa formação, já que o sintagma dativo [a Gianni] e o *pro* ocupam diferentes posições na estrutura. O mesmo ocorre em (b) com [a Gianni] e o pronome *tu*.

- (67) a. Credo a Gianni *pro* piaccia.
 (Acredito ao João *pro* agrada)
- b. Credo a Gianni tu piaccia.
 (Acredito ao João tu agradas)
- c. *Credo a Gianni Maria piaccia.
 (Acredito ao João Maria agrada)

(CARDINALETTI, 2004, p. 128)

Em contrapartida, (67c) é considerada agramatical, pois o dativo [a Gianni] e o DP [Maria] competem pela mesma posição na estrutura sintática: Spec,SubjP.

A comparação entre sujeitos referenciais e não-referenciais é o terceiro fator que sinaliza a necessidade de diferentes posições para sujeito. No italiano, pronomes fracos *egli* e *esso* são agramaticais quando usados como sujeitos não referenciais.

- (68) a. *pro* / *Esso è chiaro che ha ragione.
 (É claro que tem razão)
- b. *pro* / *Esso piove tanto qui.
 (Chove tanto aqui)
- c. In quel negozio, *pro* / *essi mi hanno venduto un vecchio libro.
 (Naquela loja, me venderam um livro velho)

(CARDINALETTI, 2004, p. 133)

O mesmo não ocorre em línguas como o inglês e o francês, nas quais os pronomes *it* e *il*, respectivamente, podem ser usados como sujeito não referencial.

(69) a. It rains a lot here.

(Chove tanto aqui)

b. Il pleut beaucoup ici.

(Chove tanto aqui)

(CARDINALETTI, 2004, p. 133, adaptado)

As sentenças em (68) sugerem que sujeitos referenciais e não referenciais ocupam diferentes posições no *middlefield*, uma vez que os não referenciais não podem ser qualificados como sujeitos da predicação.

O quarto fator que interfere nas posições destinadas ao sujeito, por sua vez, diz respeito ao sujeito quantificado, como observamos em (70).

(70) a. Whom does no one love?

(A quem ninguém ama?)

b. *Did yesterday John come?

(Ontem João veio?)

c. *Had yesterday John done that, ...

(Ontem João fez isso...)

d. *Did only in that occasion John come?

(Somente naquela ocasião João veio?)

(CARDINALETTI, 2004, p. 134)

As sentenças (70b, c, d) não são bem formadas no inglês, porque os elementos topicalizados/focalizados impedem o alçamento do auxiliar para o domínio CP. Em oposição a isso, a pergunta em (70a) mostra que é possível um sujeito quantificado seguir o verbo alçado, o que nos leva a concluir que quantificadores negativos e elementos focalizados não têm uma única e a mesma distribuição.

A partir das evidências apresentadas, Cardinaletti (2004; 2014) defende que há pelo menos duas projeções específicas no *middlefield* para alojar o sujeito, conforme estrutura em (71). A autora acredita que as duas propriedades atribuídas a sujeitos pré-verbais – ser o sujeito gramatical de acordo com critérios morfossintáticos e ser o sujeito semântico – são checadas em posições distintas: AgrSP e SubjP, respectivamente. Dessa forma, a dissociação entre o traço *sujeito da predicação* e a checagem de Caso tem a vantagem de negar a existência de um traço semântico associado ao Caso nominativo. Isso reforça a ideia de que o Caso estrutural⁸, ao contrário do Caso inerente⁹, não possui aporte semântico.

(71) [_{COMP} ForceP TopP* FocusP FinP [_{INFL} SubjP AgrSP TP ... [_{VERB} VP]]]

A posição mais alta, Spec,SubjP, expressa a propriedade semântica de sujeito da predicação (*‘subject-of-predication feature’*) e, por isso, deve ser preenchida por um sujeito referencial. É importante destacar ainda que tal posição não pode ser preenchida por *pro* e pronomes fracos, já que estes não se qualificam como sujeitos da predicação. Entretanto, esta posição se mostra relevante justamente por permitir o alojamento de sujeitos sem concordância (*‘non-agreeing’*), como, por exemplo, XPs dativos e locativos, ou que não se movem por necessidade de Caso estrutural.

A segunda posição, Spec,AgrSP, está relacionada à questão estrutural como, por exemplo, a satisfação de Caso nominativo e a checagem de traços-phi e concordância. Esta posição, ao contrário de Spec,SubjP, pode ser preenchida por um expletivo. Já TP fica responsável por alojar informações temporais associadas à forma verbal. Em algumas análises, as posições AgrSP e TP aparecem fundidas.

Rizzi (2005) e Rizzi e Shlonsky (2007) acreditam que a posição Subj, na junção dos sistemas IP e CP, compartilha certas propriedades de ambos: (i) o caráter criterial de CP, já que funciona como “local de pouso” dedicado a propriedades de escopo-discurso; e (ii) a obrigatoriedade característica do sistema IP, isto é, Subj é uma posição obrigatória que está na ponta da estrutura do domínio flexional. Desse modo, enquanto os núcleos de tópico e foco na periferia esquerda são formalmente opcionais e presentes na estrutura somente quando as condições do discurso e as intenções comunicativas as exigem, Subj é posição obrigatória, tanto quanto T e os núcleos funcionais relacionados.

⁸ Caso estrutural é aquele que é checado através de movimento sintático como, por exemplo, o Caso nominativo.

⁹ Caso inerente é aquele que é checado dentro do próprio sintagma como, por exemplo, o Caso oblíquo. Desse modo, o movimento do locativo preposicionado para a posição de sujeito não ocorre pela necessidade de checar Caso, e sim por outro traço a ser valorado, como o traço *sujeito da predicação*.

A partir de (71), verificamos que as posições para o sujeito pré-verbal são posições argumentais, diferentes das posições A-barras, localizadas no domínio CP. Assim, de acordo com a abordagem proposta, um constituinte, mesmo que não chegue traços-phi e Caso, pode ser o sujeito da predicação, como ocorre em sentenças com verbos psicológicos (72a), sentenças com verbos inacusativos (72b) e sentenças copulares invertidas (72c) do italiano.

- (72) a. A Gianni piaceva molto la musica.
 (Ao João agradava muito a música).
 b. Su Gianni è caduta una grande disgrazia.
 (Sobre João caiu uma grande desgraça).
 c. La causa della rivolta sono Gianni e Maria.
 (A causa da revolta são João e Maria).

(CARDINALETTI, 2004, p. 122; 125)

- (73) [_{SubjP} Su Gianni_i [_{AgrSP} pro_{expl} è caduta [_{VP} t_i una grande disgrazia]]].

As sentenças em (72) têm a estrutura apresentada em (73). Nesse caso, o movimento ocorre porque o constituinte frontado deve checar o traço *sujeito da predicação* em Spec,SubjP. Já o tema pós-verbal checa Caso nominativo e traços-phi através da cadeia com o expletivo *pro* em Spec,AgrSP ou via relação de concordância a longa distância (CARDINALETTI, 2004). A partir do exposto, observamos que há fortes evidências para defender SubjP como uma posição do domínio flexional.

Cabe ressaltar ainda que SubjP é defendido por muitos autores como uma posição criterial de sujeito, a partir de uma reanálise do Princípio de Projeção Estendido (EPP) (RIZZI, 2003; 2005; 2006; 2015; RIZZI; SHLONSKY, 2007). De acordo com a abordagem criterial, o movimento do constituinte ocorre para satisfazer um critério. No caso do sujeito, é realizado da seguinte forma: um núcleo criterial (Subj), na parte mais alta do domínio TP, atrai um elemento nominal compatível com a propriedade interpretativa de *sujeito da predicação* para seu Spec. Essa propriedade corresponde àquela que o caracteriza como o constituinte a partir do qual se apresenta um evento (RIZZI, 2006; QUAREZEMIN, 2019). Dessa forma, Subj passa a ter a seguinte configuração (RIZZI; SHLONSKY, 2007):

(74) [DP [Subj XP]]¹⁰

Rizzi (2006; 2015) e Rizzi e Shlonsky (2007) afirmam ainda que DPs sujeito só podem se mover para além da zona flexional, se conseguirem evitar a passagem pela posição criterial Spec,SubjP que está sujeita ao *Criterial Freezing* (congelamento criterial). Isso quer dizer que quando um sintagma alcança uma posição criterial ele é congelado e não pode sofrer novos movimentos, como podemos observar no exemplo (75) que mostra a extração Wh de sentenças interrogativas encaixadas do inglês.

(75) a. *Who do you think [that [____{Subj} will come]]?

(Quem você pensa que chegará?)

b. Who do you think [that [Mary_{Subj} will meet ___]]?

(Quem você pensa que Mary encontrará?)

(RIZZI, 2015, p. 27)

A agramaticalidade de (75a) ocorre porque o sujeito passa pela posição Spec,Subj da sentença encaixada e se move para a posição de sujeito da sentença matriz. Já em (75b), a extração foi feita a partir da posição do objeto, o que permite que a sentença permaneça gramatical. Em outras palavras, o constituinte movido para Spec,SubjP, a fim de satisfazer o critério sujeito, é congelado e não pode ser movido para outras posições mais altas da estrutura sintática. Fica evidente, assim, que há uma assimetria entre sujeito e objeto, no que concerne ao movimento sintático. Tal assimetria também é verificada em dados do francês.

(76) a. *Qui crois-tu que ___ va gagner?

(Quem você acredita que vai ganhar?)

b. Qui crois-tu que Paul va aider ___?

(Quem você acredita que Paulo vai ajudar?)

(RIZZI; SHLONSKY, 2007, p. 01)

¹⁰ “Sobre o DP, reporta-se o evento XP” (RIZZI; SHLONSKY, 2007, p. 04, tradução nossa).

Nesses termos, cabe mencionar que a possibilidade de extração do objeto (75b e 76b) não se assemelha à extração de sujeito, uma vez que não há um critério objeto a ser satisfeito (RIZZI; SHLONSKY, 2007), o que reforça a ideia de que Subj é uma posição criterial.

No entanto, dados produtivos de diferentes línguas mostram que é possível ocorrer o deslocamento de sujeito para o domínio CP, como nas construções interrogativas que envolvem movimento, por exemplo. Para justificar esses casos, os autores defendem que as construções que envolvem sujeito e movimentos A' resultam de alguma estratégia para evitar o efeito de congelamento. Uma estratégia possível evidenciada por Rizzi e Shlonsky (2007) é preencher a posição Spec,SubjP com outro elemento.

(77) ...Subj is [what in the box]

a. *What do you think that ___ is in the box?

b. What do you think there is ___ in the box?

(O que você pensa que há na caixa?)

(RIZZI; SHLONSKY, 2007, p. 11)

A sentença (77b) é possível, uma vez que o expletivo *there* foi inserido para satisfazer o critério sujeito, possibilitando, assim, um movimento adicional do argumento temático *what* para uma posição mais alta. Entretanto, se um expletivo não é adicionado, como em (77a), a sentença se torna agramatical devido ao congelamento criterial.

Já em italiano, a boa formação da sentença em (78a) é explicada através da representação em (78b), na qual a posição do sujeito pré-verbal, Spec,SubjP, é preenchida por um expletivo *pro* e o sujeito *wh* é extraído de uma posição temática (ou alguma outra posição baixa):

(78) a. Chi credi che vincerà?

b. Chi_j credi [che [Subj *pro* vincerà t_j]]

(Quem você acredita que vencerá?)

(RIZZI; SHLONSKY, 2007, p. 12)

Neste caso, o expletivo *pro* é fundamental para satisfazer formalmente o critério sujeito, permitindo que o sujeito temático não sofra os efeitos do *Criterion Freezing* e se

movimente da posição temática (ou outra posição interna ao predicado) para uma posição criterial na periferia esquerda da sentença matriz.

A partir disso, os autores, então, se questionam: por que um expletivo pode satisfazer o critério sujeito? O expletivo, visto como uma importante evidência para o EPP, é interpretado também como uma evidência contra as tentativas de vincular a obrigatoriedade do sujeito a algum tipo de propriedade interpretativa especial associada à posição de sujeito. Dessa forma, “a obrigatoriedade dos sujeitos deve ser tratada como um princípio puramente formal” (RIZZI; SHLONSKY, 2007, p. 12, tradução nossa).

Outra estratégia para mover o sujeito além do domínio TP é verificada, conforme exemplo exposto abaixo.

- (79) a. *Who do you think that came?
 a'. *Who_i do you think [_{CP} C that [_{SubjP} ____i came]]?
 b. Who do you think came?
 b'. Who_i do you think [_{CP} C [_{SubjP} [_{TP} ____i came]]]?
 (Quem você acha que veio?)

(RIZZI; SHLONSKY, 2007, p. 31)

Segundo os autores, é possível deixar o núcleo C vazio e “saltar” (*skipping strategy*) a posição criterial Spec,SubjP, como na estrutura proposta em (79b'). Assim, a sentença em (79b) é gramatical, enquanto (79a), não.

Assumindo SubjP como a posição canônica do sujeito, Rizzi (2004; 2005) e Rizzi e Shlonsky (2007) defendem que abaixo dela está um núcleo Agr que carrega traços de concordância e pode alojar certos tipos de sujeito que não satisfazem o critério sujeito, uma vez que não sobem para a posição Spec,SubjP. Assim, os autores desconsideram a necessidade de uma projeção Agr independente para alojar núcleos fracos, propondo duas projeções dedicadas a alojar os sujeitos da sentença:

(80) [_{SubjP} [_{TP} ...

Rizzi (2015) observa que o traço EPP de T se torna redundante. Segundo a abordagem criterial, EPP é uma propriedade exclusiva dos núcleos criteriais. Assim, se T não é um núcleo criterial, a atração de um nominal para seu *Spec* pode servir apenas para facilitar o

movimento dele para Spec,SubjP. O autor assume, então, que ambos os núcleos T e Subj têm traço D, o qual está relacionado à possibilidade de sondar uma categoria nominal. Todavia, eles apresentam atribuições diferentes: enquanto D em T é [número], D em Subj é [pessoa].

O traço D em T atua como um interventor, bloqueando a sonda pelo Subj. Para evitar essa intervenção, o sujeito deve ser movido para uma posição fora do domínio de c-comando de T. Dessa forma, o movimento através de Spec,TP é forçado. Quando o sujeito da predicação não é sondado por qualquer traço-phi de T, ele pode se deslocar diretamente para Spec,SubjP. Como exemplo podemos citar as construções locativas com PPloc em posição pré-verbal, as quais não dependem dos traços de T para Caso (RIZZI, 2015).

2.3.1 Sujeito *versus* Tópico

Embora sujeitos e tópicos apresentem certas semelhanças interpretativas, Rizzi (2005; 2018) destaca que as duas noções são claramente distintas quanto ao seu *status* formal, à posição que ocupam e às propriedades de interface.

Nesse sentido, os estudos sobre o assunto apresentam algumas assimetrias importantes que fortalecem a hipótese de que não é possível unificar a posição de sujeito e tópico. A primeira delas está relacionada à possibilidade de ocorrência em contextos *out-of-the-blue*

(81) – Che cosa é successo?

(O que aconteceu?)

a. Un camion ha tamponato un autobus.

(Um caminhão colidiu com o ônibus)

b. Un autobus è stato tamponato da un camion.

(Um ônibus foi colidido por um caminhão)

c. # Un autobus, un camion lo ha tamponato.

(Um ônibus, um caminhão o colidiu)

d. # Un autobus, lo ha tamponato un camion.

(Um ônibus, ele colidiu com um caminhão)

(RIZZI, 2018, p. 526, adaptado)

A partir de (81), Rizzi (2005; 2018) observa que é possível a ocorrência de sujeitos em contextos inesperados do tipo *out-of-the-blue* (81 a, b), enquanto sentenças com tópico

marcado não são adequadas para responder dado contexto (81 c, d). Podemos afirmar que essa inadequação está relacionada aos traços requeridos por esses constituintes. Tópico e sujeito compartilham o requerimento do traço [+ *aboutness*], que está relacionado ao evento descrito ser sobre o constituinte em questão. Entretanto, além do *aboutness*, o tópico requer outro traço, que não é requerido pelo sujeito: [+ D-linking]. Este traço, por sua vez, está relacionado a propriedades do discurso, o que torna a ocorrência de construções de tópico pouco relevantes em contextos *out-of-the-blue*.

Rizzi (2005) chama a atenção para dados curiosos do italiano, língua que permite a ocorrência de tópicos indefinidos, como os apresentados em (82).

(82) a. Un libro così interessante, non lo avevo mai letto.

(Um livro tão interessante, eu nunca tinha lido)

b. Un articolo bem scritto, tutti lo leggono sempre volentieri.

(Um artigo bem escrito, todo mundo lê sempre com prazer)

c. Una segretaria che sappia tenere la contabilità del dipartimento, non riesco proprio a trovarla.

(Uma secretária que pode manter as contas do departamento, eu simplesmente não consigo encontrar)

(RIZZI, 2005, p. 217)

A partir de (82c), observamos que a construção permanece feliz mesmo nos casos em que o elemento indefinido é claramente não específico. Em comparação ao italiano, o autor contrasta exemplos do francês (83), língua que possui deslocamento à esquerda, mas parece não aceitar tópicos indefinidos, nem [+ específicos] nem [- específicos].

(83) a. *Un livre si intéressant, je ne l'avais jamais lu.

(Um livro tão interessante, eu nunca tinha lido)

b. ?Une secrétaire qui sache tenir la comptabilité du département, je n'arrive pas à em trouver.

(Uma secretária que pode manter as contas do departamento, eu simplesmente não consigo encontrar)

(RIZZI, 2005, p. 218)

Diante do exposto, o autor ressalta que a possibilidade de tópicos indefinidos, qual seja a sua especificidade, mostra a necessidade de uma caracterização mais nítida do traço *D-linking* envolvido. Enquanto no francês as condições que licenciam o deslocamento são mais restritivas e transparentes, isto é, o referente do tópico deve ser introduzido no discurso prévio, no italiano essa conexão parece mais sutil e indireta. Nesse caso, devemos considerar que o tópico indefinido no italiano deve envolver algum tipo de compartilhamento implícito com o discurso anterior (RIZZI, 2005).

Outra assimetria apresentada por Rizzi (2005) é a possibilidade de certos elementos ocorrerem na posição de sujeito, o que não é possível em construções de tópico. O exemplo (84) mostra essa condição com os quantificadores nus.

(84) a. *Nessuno, Piero lo ha visto.

(Ninguém, Piero viu)

b. Nessuno ha visto Piero.

(Ninguém viu Piero)

(RIZZI, 2005, p. 211)

A evidência apresentada no exemplo (84) mostra que a posição de sujeito é mais permissiva, quando comparada à posição de tópico, no sentido de que permite um conjunto maior de elementos para o seu preenchimento. Dessa forma, não podemos considerar sujeitos e tópicos equivalentes quanto a sua funcionalidade.

Uma terceira assimetria, ainda relacionada a essas posições, diz respeito ao caráter altamente local do sujeito. Isto quer dizer que o movimento para a posição de sujeito ocorre de modo a afetar o constituinte nominal mais próximo, enquanto o movimento para a posição de tópico é muito mais livre, basicamente a forma mais livre da cadeia A-barra.

Além disso, é importante ressaltar ainda que a posição para sujeito é obrigatória na sentença, independentemente da grade temática do verbo, conforme postulado por Chomsky (1982) no EPP¹¹.

Por fim, em relação ao preenchimento da posição de sujeito, Belletti e Rizzi (1988) apresentam uma forte evidência de que o experienciador dativo [A Gianni] (85a) está

¹¹ Sobre o EPP, ver seção 3.1 deste trabalho.

realmente em posição argumental, e não em posição de tópico, uma vez que ele não interfere no movimento, conforme observado em (86a).

(85) A Gianni piacciono queste idee.

(A João agradam essas ideias)

(86) a. Le idee che a Gianni piacciono di più sono queste

(As ideias que a João agradam mais são estas)

b. ? Le idee che a Gianni Maria raccomanda sono queste

(As ideias que a João Maria recomenda são estas)

(RIZZI, 2005, p. 207)

Observamos, assim, que o estranhamento da estrutura em (86b) está relacionado à interferência que o constituinte [A Gianni] causa no movimento, quando movido para uma posição de tópico no domínio CP.

2.4 O SUJEITO PRÉ-VERBAL DO PB

Pesquisas recentes revelam que uma única posição para o sujeito pré-verbal não é suficiente para os dados produtivos do PB (QUAREZEMIN, 2017; 2019; 2020; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017; REIS, 2017). Além disso, mostram que sujeitos pré-verbais como [A Maria] nas sentenças em (87) podem estar em posição de tópico (87a), mas não necessariamente (87b).

(87) a. A Maria, ontem, ela comprou uma casa.

b. A Maria comprou uma casa.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 386)

As autoras mostram que a sentença (87a), ao contrário de (87b), não pode ser usada para responder contextos *out-of-the-blue*, do tipo ‘O que aconteceu?’. Essa diferença crucial leva ao entendimento de que, em (a), o DP [a Maria] ocupa a posição Spec,TopP, enquanto o pronome resumptivo *ela* ocupa a posição canônica para sujeito, Spec,TP. Em contrapartida,

em (b), o sujeito não topicalizado [a Maria] ocupa a posição Spec,TP (QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017).

Um argumento para o fato de que o pronome *ela* ocupa a posição de sujeito é fornecido a partir do exemplo (88), uma vez que se o pronome precede o objeto deslocado, a sentença se torna agramatical, conforme (88b).

(88) a. A Maria, esse livro ela comprou.

b. *A Maria, ela esse livro comprou.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 387)

De acordo com Cardinaletti (1997; 2004), dois testes importantes para compreender melhor as posições destinadas ao sujeito pré-verbal são *Aux-to-Comp* e *complementizer-deletion* (apagamento do complementizador).

(89) a. Tivesse o João dado o livro para Maria...

b. *O João tivesse dado o livro para Maria...

c. O João tivesse ele dado o livro para Maria...

(90) a. *Tivesse o livro o João dado (ele) para Maria...

b. O livro tivesse o João dado ele para Maria...

(91) a. *Tivesse para Maria o João dado o livro...

b. Para Maria tivesse o João dado o livro para ela...

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 388)

Quarezemin e Cardinaletti (2017) mostram que a inversão sujeito-verbo pode ocorrer em sentenças subordinadas condicionais sem o complementizador (89a). Se compararmos com (89b), observamos que o sujeito segue o verbo alçado, não podendo precedê-lo, a menos que esteja deslocado à esquerda (89c). As autoras ainda mostram que outros complementos apresentam comportamento diferente: não podem seguir o verbo alçado, como em (90a) e (91a), devendo precedê-lo, (90b) e (91b).

Além disso, a extração wh também pode ser usada para diferenciar uma posição deslocada à esquerda (Spec,TopP) e uma posição argumental (Spec,TP) para sujeitos pré-verbais no PB.

- (92) a. Quem_i (que) [TP a Ana convidou t_i pra festa]?
 b. ??Quem_i (que) [TopP a Ana, [TP ela convidou t_i pra festa]]?¹²
 c. ??Quem_i (que) [TopP a Ana, [TopP pra festa, [TP ela convidou t_i]]]?

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 389)

O contraste entre (a) e (b, c) pode ser explicado em termos de minimalidade. O movimento do pronome wh é possível em (92a) porque o sujeito pré-verbal [a Ana] está em uma posição argumental, no domínio flexional.

Outra evidência que deve ser considerada é o contraste entre o sujeito e o objeto em posição pré-verbal, nos contextos de pergunta e resposta que requerem apenas um foco de informação, não-contrastivo.

- (93) – Quem comprou o carro?
 a. A Maria comprou o carro.

- (94) – O que a Maria comprou?
 a. #O carro a Maria comprou.
 b. *O carro comprou a Maria.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 390, adaptado)

As autoras destacam que se o sujeito estivesse em uma posição na periferia esquerda, o contraste entre (93) e (94) não seria esperado. Assim, seja qual for a posição ocupada pelo sujeito, ela deve ser mais baixa do que a posição ocupada pelo objeto deslocado.

Rizzi (2005) mostra que não é possível topicalizar quantificadores nus no italiano. O mesmo ocorre com dados do PB:

¹² Durante a pesquisa, alguns falantes sinalizaram que a sentença (92b) é aceitável em PB.

- (95) a. *Ninguém, o João (não) viu.¹³
 b. Ninguém viu o João.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 391)

Conforme mostrado em (95), o quantificador *ninguém* não pode ser topicalizado, mas pode ocorrer na posição de sujeito pré-verbal.

As autoras ainda citam Barbosa (2000) que afirma que DPs indefinidos específicos não ocorrem em construções de hiperalçamento (97), uma vez que são incompatíveis com a interpretação de tópico, enquanto DPs definidos (96a) e nomes nus (96b) são possíveis.

- (96) a. As crianças parece que gostam de sorvete.
 b. Livros de romance parece que se esgotaram.

- (97) *Umas crianças parece que estão perdidas.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 391)

Entretanto, segundo Duarte e Figueiredo Silva (2016), se os sujeitos pré-verbais estivessem em posição de tópico, o mesmo contraste seria esperado em sentenças de ordem SV “regulares”, o que não ocorre:

- (98) a. Os perfumes franceses esgotaram-se.
 b. Uns perfumes franceses esgotaram-se.

(DUARTE; FIGUEIREDO SILVA, 2016, p. 236)

Como já mencionado, Cardinaletti (2004; 2014) assume duas posições para alocação do sujeito pré-verbal em italiano: Spec,SubjP e Spec,TP. Nessa mesma linha, outras pesquisas apresentam dados produtivos do PB e defendem a necessidade de incluir uma nova posição

¹³ Lunguinho (c.p.) chama atenção para um contexto em que parece ser possível a topicalização de quantificadores nus no PB:

(i) – Quem o professor reprovou?

a. Ninguém, o professor reprovou.

para sujeito, além de Spec,TP (QUAREZEMIN, 2017; 2019; 2020; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017; REIS, 2017).

(99) Sentenças copulares:

- a. Os jovens são o futuro da nação.
- b. O futuro da nação são os jovens.
- c. O futuro da nação é os jovens.

(100) Sentenças com sujeito locativo:

- a. Naquela loja vende/vendem livros.
- a'. Aquela loja vende/*vendem livros.
- b. Na escola aceita/aceitam cartão de crédito.
- b'. Aquela loja aceita/*aceitam cartão de crédito.

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 394; 395; 399)

(101) Sentenças com duplo sujeito:

- a. A Clarinha_i ela_i cozinha que é uma maravilha.
- b. Eu acho que um trabalho sério_i ele_i teria que começar por aí.
- c. Você_i, no Canadá, você_i pode ser o que quiser.

(DUARTE, 2000, p. 28)

A partir disso, fica evidente que os requisitos do sistema de Caso-concordância não são suficientes para motivar o movimento dos constituintes pré-verbais para a posição de sujeito. Desse modo, Quarezemin e Cardinaletti (2017), baseadas em Cardinaletti (2004), propõem que a propriedade dos sujeitos, nestes casos, é codificada na sintaxe através de uma característica morfossintática: o traço *sujeito da predicação*. Isso mostra mais uma vez a diferença entre sujeitos pré-verbais e tópicos sentenciais.

Sobre as sentenças copulares invertidas, é possível perceber que o PB se mostra mais “permissivo” em relação à concordância, se compararmos com dados do inglês e do italiano.

(102) a. The cause of the riot is/*are Hans e Maria.

(A causa da revolta é/*são João e Maria)

- b. La causa della rivolta *è/sono Gianni e Maria.
(A causa da revolta *é/são João e Maria)

(CARDINALETTI, 2004, p. 125, adaptado)

No inglês, a concordância necessariamente deve ocorrer entre o verbo e o sintagma que o precede. Em compensação, a concordância no italiano ocorre entre o verbo e o sintagma pós-verbal, sendo agramatical a concordância entre verbo e sintagma frontado.

Embora não seja o foco desta tese, as sentenças com redobro de sujeito, apresentadas em (101), também evidenciam a importância de se considerar mais de uma posição para o sujeito pré-verbal do PB. Os dados mostram que a duplicação pode ocorrer em sentença matriz (101a), em sentença encaixada (101b) e com material interveniente entre o sujeito e o pronome resumptivo (101c).

Quarezemin (2019; 2020) mostra que nem todas as sentenças com duplicação de sujeito no PB devem ser analisadas como estruturas de tópico, com deslocamento à esquerda. Assim, a hipótese da autora é que temos dois tipos de construção com duplicação de sujeito. No primeiro tipo, ocorre, de fato, o deslocamento à esquerda e a topicalização do sujeito, enquanto no segundo temos um redobro simples, isto é, o sujeito permanece em uma posição argumental. Nesse sentido, apenas quando há um material interveniente ou uma pausa marcada entre sujeito e pronome é que se tem um caso de deslocamento à esquerda (QUAREZEMIN, 2019; 2020).

A autora ainda chama atenção para os dados em que o DP sujeito é singular e retomado por um pronome plural, como nas sentenças em (103).

- (103) a. A empresa_i, eles_i reembolsaram passagem, hospedagem, alimentação...
b. O EPA_i, hoje em dia eles_i têm a preferência de mesclar.

(SOUZA, 2007, p. 79; 111)

Nesses casos, o pronome parece ter uma interpretação arbitrária, acionando uma leitura genérica, não referencial. É possível observar que a concordância é realizada entre o verbo e o pronome, e não entre o verbo e o DP sujeito. Por esta razão, Quarezemin (2019; 2020) sugere que o pronome das sentenças em (103) não é do mesmo tipo que o pronome das sentenças em (101a) e (101b), o que leva a posições estruturais distintas. Nos dados em (103),

o pronome é forte e ocupa uma posição de especificador; já em (101a) e (101b), os pronomes são realizados como núcleo.

A autora ainda destaca que as análises que consideram o redobro do sujeito pré-verbal como um caso de deslocamento à esquerda não diferenciam estruturas que têm um pronome resumptivo forte das construções que apresentam uma retomada através de um pronome fraco, como ocorre em muitas sentenças produtivas do PB. Além disso, também não fazem diferenciação entre estruturas com objeto tópico deslocado e sentenças com sujeito duplo, uma vez que nos dois casos tanto o objeto quanto o sujeito estarão em uma posição no domínio CP e o pronome em posição argumental.

Conforme mencionado anteriormente, Quarezemin (2019; 2020) defende que há dois tipos de estruturas com redobro do sujeito pré-verbal, uma com pronome fraco e outra com pronome forte. Em cada uma dessas estruturas, o DP sujeito e o pronome resumptivo vão ocupar posições distintas:

- (104) a. [_{SubjP} A Clarinha_i [_{Subj} ela_i [_{TP} t_i [_{T'} cozinha (...)]]]
 b. [_{TopP} A empresa [_{SubjP} eles_i [_{Subj} [_{TP} t_i [_{T'} reembolsaram (...)]]]

(QUAREZEMIN, 2020, p. 127)

Em (104a), a duplicação ocorre com um pronome fraco e, por isso, o sujeito ocupa a posição mais alta do domínio flexional, Spec,SubjP. Nesse caso, o núcleo Subj é ocupado pelo pronome fraco e temos a estrutura informacional sujeito-predicado. Quarezemin (2019; 2020) afirma que estas são as sentenças com simples redobro do sujeito. Por outro lado, em (104b), observamos que o DP sujeito tem as propriedades de tópico e o pronome resumptivo forte ocupa a posição Spec,SubjP. Sendo assim, a estrutura informacional de (104b) é tópico-comentário.

A autora também apresenta uma proposta de estrutura sentencial para construções com material interveniente entre o sujeito e o pronome resumptivo.

- (105) a. Você, no Canadá, você pode ser o que quiser.
 a'. [_{TopP} Você [_{TopP} no Canadá [_{SubjP} você_i [_{Subj} [_{TP} t_i [_{T'} pode (...)]]]

(QUAREZEMIN, 2020, p. 127)

Nesse caso, o XP interveniente [no Canadá] também ocupa uma posição no domínio CP, assim como o DP sujeito [Você], uma vez que a proposta cartográfica prevê mais de uma posição para tópico na periferia esquerda da sentença (RIZZI, 1997; 2001; 2004).

Em síntese, o pronome resumptivo nas sentenças com redobro simples do PB apresentam o comportamento de um clítico sujeito, sendo a realização lexical do núcleo Subj. Por esta razão, atraem um nominal para Spec,SubjP. Quarezemin (2020) ressalta que o núcleo Subj tem propriedades híbridas, isto é, incorpora um critério que pertence à classe que inclui WH, FOC e Rel e participa do sistema *phi-Case*. Então, o movimento do sujeito para Spec,TP não é regido pelo traço EPP. Segundo Rizzi (2015), o núcleo T intervém na sondagem de Subj e, por isso, o sujeito nominal deve figurar acima desse núcleo, a fim de figurar em uma posição acessível para ser sondado por Subj.

2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 2

No capítulo 2, tratamos do aporte teórico que embasa esta pesquisa: a Cartografia. Esta abordagem investiga o mapa estrutural da sentença, com relação à hierarquia dos constituintes sintáticos, identificando, assim representações complexas com posições destinadas a diferentes interpretações (RIZZI, 1997, 2004; BELLETTI 2001, 2004; CINQUE; RIZZI, 2008). Dessa forma, apresentamos os principais domínios da estrutura: CP, IP, VP, além de mostrar a hierarquia dos advérbios (CINQUE, 1999, TESCARI NETO, 2013) e dos circunstanciais (CINQUE, 2006; 2010).

Também nesse capítulo discorremos sobre os principais contrapontos entre a Abordagem Cartográfica e a Teoria Minimalista. De modo geral, o foco da Cartografia está voltado para as estruturas geradas e nos seus detalhes, enquanto o Minimalismo busca compreender os mecanismos envolvidos na computação sintática (CINQUE; RIZZI, 2008).

Apresentamos, ainda, as posições cartográficas para o sujeito pré-verbal (CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI, 2005; 2006; RIZZI; SHLONSKY, 2007): SubjP e AgrSP (ou TP). A primeira está relacionada com o traço *sujeito da predicação* e se posiciona acima de TP na hierarquia sentencial, devendo ser preenchida por um sujeito referencial e ainda podendo alocar sujeitos sem concordância, como XPs dativos e locativos. Já a segunda posição, TP, é responsável pela satisfação de Caso nominativo e checagem de traços-phi e concordância, podendo ser preenchida por um expletivo.

Para enriquecer a discussão, tratamos das assimetrias entre sujeito e tópico (RIZZI, 2005), como, por exemplo: (i) ocorrência em contextos *out-of-the-blue* do tipo ‘O que aconteceu?’; (ii) alocação de certos elementos nessas posições, como o caso dos quantificadores nus; e (iii) caráter local do constituinte que sofre o movimento. Com essas assimetrias verificadas, reafirmamos que não é possível considerar sujeitos e tópicos equivalentes quanto a sua funcionalidade na sentença.

Por fim, apresentamos uma seção sobre a cartografia do sujeito pré-verbal no PB, uma vez que pesquisas recentes revelam que uma única posição não dá conta de explicar certos dados produtivos na língua (REIS, 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017; QUAREZEMIN, 2017; 2019; 2020). Testes importantes como *Aux-to-Comp*, apagamento do complementizador e extração Wh revelam que, de fato, o sujeito do PB não está deslocado em posição de tópico e que deve ser alocado no domínio flexional, tendo como posição última a posição criterial Spec,SubjP. Com isso, observamos também a necessidade de pelo menos duas posições distintas para o sujeito pré-verbal, sendo uma delas para checagem de Caso,

traços-phi e concordância e outra para a checagem do traço *sujeito da predicação*, Spec,TP e Spec,SubjP, respectivamente.

No próximo capítulo, abordaremos as principais propriedades relacionadas ao sujeito do PB, incluindo o Princípio de Projeção Estendido (EPP), o Parâmetro *Pro-drop* e a orientação quanto ao seu *status tipológico*.

3. PROPRIEDADES RELACIONADAS AO COMPORTAMENTO DO SUJEITO

Conforme a Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), a Gramática Universal (GU) é composta por: (i) princípios, os quais são entendidos como um conjunto universal de regularidades gramaticais e válidos para todas as línguas naturais; e (ii) parâmetros, que estão relacionados à variação linguística possível, isto é, àquelas propriedades que distinguem as línguas entre si, podendo receber valoração positiva [+] ou negativa [-].

Para dar continuidade à discussão, a seguir, serão apresentados o EPP e o Parâmetro *Pro-drop*, ambos relacionados ao sujeito.

3.1 PRINCÍPIO DE PROJEÇÃO ESTENDIDO

O EPP, postulado por Chomsky em 1982, é considerado um ponto de destaque do modelo de Princípios e Parâmetros. Segundo ele, todas as línguas naturais têm sujeito. Isso quer dizer que há uma posição estrutural destinada ao sujeito, que pode, ou não, ser foneticamente realizado, a depender das propriedades paramétricas presentes nas diferentes línguas.

(106) PB: a. _____{pro} Chove agora em Florianópolis.

(107) Inglês: a. It rains now in Florianópolis.

b. * ____ rains now in Florianópolis.

(108) Francês: a. Il pleut maintenant à Florianópolis

b. * ____ pleut maintenant à Florianópolis.

Através dos exemplos, é possível observar que no PB há um pronome nulo que, mesmo não possuindo matriz fonológica, contém traços de pessoa e número, conforme exemplo (106). Diferente disso, no inglês e no francês, a efetivação fonológica do pronome é obrigatória, o que implica afirmar que a posição de sujeito nestas línguas existe independentemente da seleção de um argumento externo pelos verbos (PEDROZA, 2015).

No entanto, é importante destacar que o pronome *pro* ocorre em contextos restritos no PB¹⁴. Em (109), observamos que as sentenças não são possíveis sem o pronome realizado.

- (109) a. Ele fala inglês.
 a'. * ____{pro} fala inglês.
 b. Você come frutas.
 b'. * ____{pro} come frutas.

Por fim, cabe ressaltar que existem diferentes maneiras de satisfazer o EPP: “a) pelo movimento de um DP temático; b) pela inserção de um XP expletivo; por pronomes clíticos; ou, ainda, por meio de afixos de concordância que se adjungem ao núcleo T⁰” (HOLMBERG, 2000, p. 13).

3.2 PARÂMETRO PRO-DROP

O parâmetro *Pro-drop*, também conhecido por parâmetro do sujeito nulo, foi elaborado por Chomsky em 1981 e encontra-se alinhado ao EPP. Tal parâmetro está relacionado tanto à realização do sujeito, como também a sua inversão em relação ao verbo (CHOMSKY, 1981), envolvendo cinco propriedades: (i) ocorrência de sujeito nulo; (ii) possibilidade de inversão livre do sujeito; (iii) possibilidade de movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-; (iv) ocorrência de pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; e (v) aparente violação do filtro *that-t*.

A partir dessas propriedades, as línguas são classificadas como [+ *pro-drop*] ou [- *pro-drop*]. Línguas que fixaram um valor positivo para o parâmetro, como, por exemplo, o italiano, o espanhol e o PE (línguas *pro-drop*¹⁵), atendem aos requisitos propostos, diferentemente de línguas como o inglês e o francês (línguas não *pro-drop*¹⁶). A seguir, apresentamos exemplos do italiano e do inglês para cada propriedade:

- (i) Sujeito nulo:
 a. Ha telefonato.
 b. *Has phoned.

¹⁴ Sobre o sistema pronominal do PB, ver seção 3.2.1.

¹⁵ Também chamadas de *línguas de sujeito nulo*.

¹⁶ Também chamadas de *línguas de sujeito preenchido* ou *línguas de sujeito não-nulo*.

(Telefonou.)

(ii) Inversão livre do sujeito:

- a. Ha telefonato Gianni.
- b. *Phoned John.

(Telefonou João.)

(iii) Movimento longo do sujeito a partir de ilha QU- :

- a. L'uomo_i [che_i mi domando [chi ____i abbia visto]].
- b. *The man_i [that I ask myself [whom ____i has seem]].

(O homem_i que me pergunto quem ____i viu.)

(iv) Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas:

- a. Ecco la ragazza_i [che mi domando [chi crede [che ____i possa fare questo]]].
- b. *So the girl_i [that I ask myself [that believe [that ____i can do this]]].

(Eis a menina_i que eu me pergunto quem acredita que ____i possa fazer isto.)

(v) Aparente violação do filtro *that-t*:

- a. Chi_i credi [che ____i partirà]?
- b. *Who_i do you think [that ____i will leave]?

(Quem_i você pensa que ____i partirá?)

(CHOMSKY, 1981, p. 240)

O elemento de concordância (Agr), além das propriedades elencadas, também pode ser visto como fator relevante na distinção entre as línguas *pro-drop* e as não *pro-drop*, conforme destaca Quarezemin (2009). Isso se dá porque, a concordância¹⁷ possibilita a recuperação do sujeito nulo, no caso de línguas que apresentam um paradigma verbal rico, como, por exemplo, o italiano.

¹⁷ A partir da pesquisa de Huang (1984), que apresenta o chinês como uma língua *pro-drop* (ou de sujeito nulo), mesmo apresentando um sistema flexional simplificado, a concordância deixa de ser determinante para a marcação das línguas em relação ao parâmetro em questão.

Ainda em relação às propriedades relacionadas ao parâmetro *Pro-drop*, o PB é uma língua que apresenta um comportamento peculiar, em relação a suas características, conforme observamos nos dados a seguir.

(110) Sujeito nulo na sentença matriz:

- a. (Eu) encontrei minha carteira.
- a'. (Eu) comi um bolo maravilhoso.

- b. *Encontrou sua carteira.
- b'. *Comeu um bolo maravilhoso.

(111) Inversão livre do sujeito¹⁸:

- a. *Comeu o Pedro.
- a'. O Pedro comeu.

- b. *Bebeu o Pedro.
- b'. O Pedro bebeu.

- c. ?Telefonou o Pedro.
- c'. O Pedro telefonou.

- d. Chegou o Pedro.
- d'. O Pedro chegou.

(112) Movimento longo do sujeito, a partir da ilha Qu-:

- a. A menina_i que eu sei que carro_k t_i comprou t_k.
- b. A menina_i que eu sei que carro_k t_i vendeu t_k.

(113) Pronome resumptivo vazio em orações encaixadas:

- a. A Heloísa_i disse que t_i telefonou.
- b. A Heloísa_i disse que ela_i telefonou.

¹⁸ A inversão livre de sujeito no PB se apresenta de modo distinto de outras línguas como, por exemplo, o italiano e o PE. Na seção 3.2.2 abordaremos essa questão, identificando os contextos em que a ordem VS ocorre no PB.

(114) Aparente violação do filtro *that-trace*:

- a. Quem_i você acha que t_i vai embora?
- b. *Quem_i você acha que ele_i vai embora?
- c. Quem_i você viu que t_i comeu o bolo?
- d. *Quem_i você viu que ele_i comeu o bolo?

Em (110a), é possível observar que, em alguns casos, é possível ocorrer o apagamento do pronome. Já os exemplos em (111) mostram a preferência pela ordem SVO, sobretudo nas construções com verbos transitivos.

Os exemplos em (112) e (113), por sua vez, mostram o movimento longo do sujeito a partir da ilha Qu- e a realização de pronomes resumptivos em orações encaixadas como preferências no PB. Por fim, verificamos que não é possível a ocorrência de (114b) e (114d), no que diz respeito à aparente violação do filtro *that-trace*.

A partir dos exemplos apresentados, percebemos que o PB ainda mantém certas características das línguas *pro-drop*, apesar da perda da propriedade de sujeito nulo. Todavia, é evidente que tal comportamento não é uniforme, como se verifica em outras línguas, como o italiano.

Holmberg *et al* (2009), assim como Gravina (2014), acreditam que algumas línguas ocupam uma posição intermediária em relação ao parâmetro *pro-drop*, como é o caso do PB e do Finlandês. Estas línguas, de acordo com os autores, são línguas de sujeito nulo parcial, justamente porque licenciam sujeitos nulos apenas em determinados contextos.

Segundo Buthers (2009) e Buthers e Duarte (2012), o PB contemporâneo parece estar passando por uma mudança paramétrica em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Uma forte evidência é justamente o licenciamento da ordem [XP V (DP)] em contextos em que a língua não-contemporânea acionaria sujeitos nulos.

Buthers (2009) explica que muitos autores sustentam a ideia de que a principal motivação para uma língua figurar, ou não, com a posição de sujeito nula é ter um paradigma flexional de pessoa rico. Entretanto, a autora observa algumas evidências que contradizem a ideia de que Agr é o traço definidor do parâmetro do sujeito nulo, já que nem sempre Agr rico licencia sujeito nulo e nem sempre Agr fraco obriga a ocorrência de sujeito preenchido. Como exemplo, temos o caso do islandês moderno, o qual apresenta concordância forte e, no entanto, não permite sujeitos nulos. Oposto a isso, o chinês permite que a posição de sujeito se apresente foneticamente nula, apesar de não conter marca morfológica número-pessoa nos verbos. Desse modo, a autora defende que Agr não desempenha um papel tão relevante no

licenciamento de sujeitos nulos e assume, concordando com Holmberg (2000), que Agr está apenas relacionado ao mecanismo de valoração do traço [uD]¹⁹ e que o traço que engatilha o preenchimento de Spec,TP é o traço [uP]²⁰.

Para dar conta dos dados investigados, Buthers (2009) acredita que EPP deve ser visto como reflexo dos dois traços: [uD] e [uP]. Nessa linha, o que difere entre as línguas, quanto à satisfação do EPP e ao licenciamento do sujeito nulo, é o modo como elas parametrizam tais traços.

Tabela 1 – *Natureza dos traços nas línguas de sujeito nulo e de sujeito obrigatório*

Tipo de Língua	Concordância	Posição do Sujeito	Natureza da força dos traços [D] e [P]	
1	+Agr	Vazia	uD [forte]	uP [fraco]
2	+Agr	Preenchida	uD [forte]	uP [forte]
3	-Agr	Vazia	uD [fraco]	uP [fraco]
4	-Agr	Preenchida	uD [fraco]	uP [forte]

Fonte: Adaptado de Buthers (2009).

Seguindo Chomsky (1995), a partir da tabela 1, a autora explica cada um dos tipos de língua. As línguas do tipo 1, de concordância forte, têm o traço [uD] também forte que pode ser valorado por meio dos traços-phi do verbo. Como [uP] é fraco, a posição de sujeito aparece vazia e este traço é valorado somente em Forma Lógica (LF). Este é o caso das línguas *pro-drop* prototípicas, como o PE, o italiano, o espanhol, etc.

Já as línguas do tipo 2 apresentam concordância forte, mas a posição do sujeito deve ser obrigatoriamente preenchida. É o caso do islandês. Agr, nesse caso, é redundante, já que o XP na posição de sujeito pode valorar os traços [uD] e [uP], concomitantemente. O preenchimento da posição Spec, TP pode ocorrer por meio de Merge interno de um XP ou de um expletivo.

Nas línguas do tipo 3, a morfologia flexional é fraca, assim como os traços [uD] e [uP], os quais são valorados em LF. Como exemplo dessa língua, temos o chinês.

Por último, as línguas do tipo 4, como o inglês, têm um paradigma flexional pobre e o traço [uD] é fraco. No entanto, [uP] é forte. Nesse caso, os dois traços são valorados por meio de Merge interno ou Merge externo de um XP na posição de Spec,TP.

¹⁹ Traço [uD] – traço ininterpretável de determinante.

²⁰ Traço [uP] – traço ininterpretável P (= phonological).

Assim com Holmberg (2000), Buthers (2009) observa que a tabela 1 não esgota as possibilidades em relação à satisfação do EPP e ao licenciamento do sujeito nulo, apresentando a proposta de línguas do tipo 5 (tabela 2), que dá conta das línguas de sujeito nulo parcial, como o finlandês.

Tabela 2 – Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo parcial

Tipo de Língua	Posição do Sujeito	Natureza da força dos traços [D] e [P]	
5	Vazia	uD [forte]	uP [fraco]
	Preenchida	uD [fraco]	uP [forte]

Fonte: Adaptado de Buthers (2009).

Línguas do tipo 5 permitem o sujeito figurar foneticamente nulo em determinados contextos; opcionalmente nulo em outros contextos; e obrigatoriamente preenchido em outros contextos. A autora reforça a ideia de que o PB parece se encaixar nesse caso.

Na seção a seguir, apresentamos evidências que sugerem que o PB contemporâneo vem se comportando como uma língua de sujeito nulo parcial. Uma dessas evidências que justifica esse comportamento é justamente o enfraquecimento do sistema flexional e pronominal da língua em questão.

3.2.1 Sistema pronominal e flexional

O enfraquecimento do sistema flexional e pronominal do PB, conforme a tabela em (74), pode contribuir para o preenchimento da posição de sujeito, uma vez que não é possível sua recuperação na sentença, a partir da concordância verbal (DUARTE, 1995). Nesse sentido, muitos autores acreditam que o PB vem passando por uma fase de transição – de uma língua *pro-drop* para uma língua não *pro-drop* –, caracterizando-se, nesse “meio tempo”, como uma língua *pro-drop* parcial, também conhecida como língua de sujeito nulo parcial (DUARTE, 1996; KATO, 1999; BUTHERS, 2009; 2018; BUTHERS; DUARTE, 2012; KATO; DUARTE, 2014; DUARTE; FIGUEIREDO SILVA, 2016).

Tabela 3 – Sistema pronominal e flexional do PB – séculos XIX e XXI

Número	Pessoa	Século XIX	Século XXI
Singular	1 ^a	Eu am- o	Eu am- o
	2 ^a	Tu am- as	Tu am- a(s)
			Você am-a
3 ^a	Ele(a) am- a	Ele(a) am- a	
Plural	1 ^a	Nós am- amos	Nós am- a(mos)
			A gente am- a
	2 ^a	Vós am- ais	Vocês am- am
	3 ^a	Eles(as) am- am	Eles(as) am- am

Fonte: Adaptado de Duarte (1996).

Todavia, em relação ao preenchimento do sujeito, há autores que sugerem que ele ainda é categoricamente nulo em respostas curtas no PB, como em (75) (KATO; TARALLO, 1993; FIGUEIREDO SILVA, 1996). Esses contextos também indicam que o sujeito pode ser nulo quando é o tópico, recuperado pela pergunta.

- (115) a. - Você preparou o almoço?
 - ___ Preparei.
- b. - Eu pedi demissão ontem.
 - ___ Pediu?
- c. - A Rita beijou o Tadeu na festa ontem?
 - ___ Beijou.

Em contrapartida, Duarte (1995) defende que o sujeito referencial é preferencialmente preenchido em sentenças simples, com em (116), com exceção da terceira pessoa que é sempre preenchida (116c).

- (116) a. (Eu) preparei o almoço hoje.
 b. (Nós) vamos ao supermercado mais tarde.
 c. Ele ainda não chegou.
 c'. *(Ele) ainda não chegou.

É interessante observar ainda que, nas orações subordinadas, a realização do sujeito é opcional mesmo em terceira pessoa, quando há um correferente na raiz (FIGUEIREDO SILVA, 1996), conforme (117)²¹.

- (117) a. Paula_i disse que ela_i fala inglês na escola.
 a'. Paula_i disse que ____i fala inglês na escola.
 b. Paula_i disse que na escola ___*_{i/j} fala inglês.

Entretanto, observamos que a co-referência entre o DP [Paula] e o sujeito nulo não pode ser realizada quando temos um elemento deslocado, como em (117b). A menos que seja dada uma leitura contrastiva para o locativo com uma entonação marcada, do tipo: Paula disse que NA ESCOLA fala inglês, não em casa (AVELAR e CYRINO, 2008, p. 56).

Voltando para as mudanças no quadro pronominal e flexional do PB, de acordo com Kato e Duarte (2014), a redução do número de oposições a três ou quatro desinências verbais se deve não somente a processos fonológicos, mas também a mudanças no quadro pronominal: a inserção do pronome *voce* em variação com o *tu* e a substituição do pronome *nós* pelo pronome *a gente*, oriundo de uma expressão nominal. Conforme Duarte (1995), o resultado dessa mudança é a não obediência ao princípio “*evite pronome*” (“*avoid pronoun*”, Chomsky, 1981), o qual explica o grau de aceitabilidade diferente para os contextos em (118) e (119), a depender da classificação da língua.

- (118) PB:
 a. **Eu** falo o dialeto paulista.
 b. A Maria, **ela** fala bem no microfone.
 c. A Maria_i disse que **ela**_i esteve doente.

- (119) PE, %PB²²:
 a. ___ falo o dialeto paulista.
 b. A Maria, ___ fala bem no microfone.
 c. A Maria_i disse que ____i esteve doente.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 03, grifo das autoras)

²¹ Segundo o julgamento de Figueiredo Silva (1996).

²² Kato e Duarte (2014) utilizam o sinal % para as formas menos frequentes na língua.

A partir dos exemplos anteriores, observamos uma assimetria entre os dados produtivos do PB e do PE, o que mostra que os dados em (119) são plenamente aceitos em línguas de sujeito nulo prototípicas, como é o caso do PE.

Kato e Duarte (2014) evidenciam que os sujeitos não referenciais se apresentam como um “problema” para o PB, já que não é possível um pronome expresso ocorrer em construções impessoais, ao contrário do que ocorre no francês e no espanhol dominicano.

(120) PB *versus* Francês:

- a. ____{gen} Não usa mais saia.
- a'. **On** ne met plus de jupe.

- b. ____{gen} Conserta sapato.
- b'. Ici, **on** répare les chaussures.

(121) PB *versus* Espanhol Dominicano:

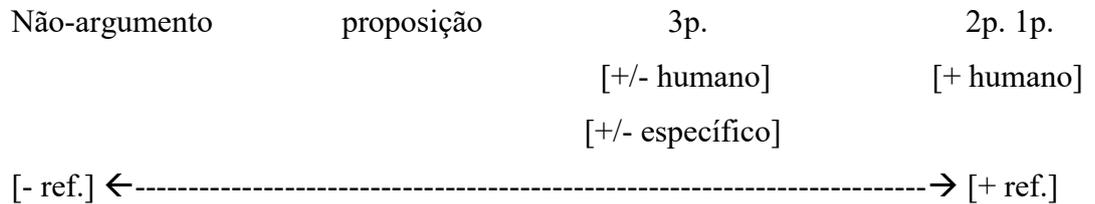
- a. ____{expl} Está querendo chover.
- a'. **Ello** quiere llover.

- b. ____{expl} Parece que não tem açúcar.
- b'. **Ello** parece que no hay azúcar.

- c. ____{expl} Tem muitas mangas na Bahia.
- c'. **Ello** hay muchos mangoes este año.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 04, grifo das autoras)

Para justificar esse comportamento seletivo do PB, Cyrino *et al* (2000) sugerem que a mudança que envolve categorias vazias se dá ao longo de uma hierarquia de referencialidade, onde a primeira e a segunda pessoa, com traço inerentemente [+ humano], ocupam as posições mais altas da escala, enquanto o expletivo (terceira pessoa), sem traços de pessoa, ocupa uma posição mais baixa. De acordo com as autoras, isso pode ser um indício de que o PB pode vir a desenvolver um expletivo lexical ao final da mudança.

(122) **Hierarquia referencial:**(CYRINO *et al*, 2000, p. 59, adaptado)

Conforme a hierarquia referencial, é possível observar que os argumentos [+N, +humano] estão no extremo mais alto da escala, enquanto os não-argumentos estão na posição mais baixa. Em relação aos pronomes, as autoras classificam que os pronomes de primeira e segunda pessoa, sendo argumentos inerentemente [+humano], estão no ponto mais alto da hierarquia. Já os pronomes de terceira pessoa estão situados num ponto abaixo, devido à interação de traços [+/- humano] e [+/- específico]. O sujeito neutro, isto é, aquele que se refere a uma proposição, por sua vez, está em uma posição ainda mais baixa na escala. Por fim, no ponto mais baixo se encontram os sujeitos não referenciais.

Nesse sentido, as autoras propõem a hipótese do mapeamento implicacional: (i) quanto mais referencial, maior a possibilidade de um pronome não-nulo; e (ii) uma variante nula, em um ponto específico da escala, implica uma variante nula à sua esquerda, na escala referencial.

Kato e Duarte (2014) apresentam os resultados obtidos por Duarte (1995; 2012) em sua pesquisa sobre a realização fonética de sujeitos referenciais na fala culta carioca. A autora verifica que as primeiras e segundas pessoas, como previsto na hierarquia, são os contextos mais afetados, alcançando altos números de dados com sujeitos expressos (91%, segunda pessoa; 75%, primeira pessoa).

(123) a. **Você** me disse que **você** está morando em Copacababa.

b. Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 05-06, grifo das autoras)

O mesmo ocorre com sujeitos de referência genérica (73%), que compartilham o mesmo traço inerentemente [+ humano] com a primeira e segunda pessoas, representados por *você* e *a gente*.

- (124) a. Quando **você** é menor, **você** não dá muito valor a essas coisas.
 b. Mas na época **a gente** não podia acreditar... **a gente** não acreditava nisso primeiro porque **a gente** era novo.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 06, grifo das autoras)

Já no caso da terceira pessoa, em que os traços [+/- humano] e [+/- específico] interagem, se o sujeito é [+ humano] e [+ específico], sua realização fonética também é considerada significativa (68%).

- (125) a. **Ela_i** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela_i** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela_i** ficou solteira porque **ela_i** quis.
 b. Minhas filhas_i são muito folgadas. _____i Gostam de uma piscina.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 06, grifo das autoras)

Os referentes proposicionais alcançam 56% de uso de pronome neutro *isso* (126a), numa acirrada competição com o sujeito nulo (126b). O mesmo ocorre com a combinação de traços [- humano] e [+ específico], 50%, como em (127).

- (126) a. [**O que é bom em Paris?**]_i Olha **isso_i** é uma coisa difícil de definir.
 b. Eu fiz até algumas tentativas de caminhar porque eu gosto [**de caminhar pela manhã pela redondeza**]_i, mas _____i é absolutamente impossível! Impossível não! _____i é desagradável.

- (127) a. [**A casa**]_i virou filme quando **ela_i** teve de ir abaixo.
 b. **O Rio de Janeiro_i** é uma beleza! Realmente _____i é uma cidade linda.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 06, grifo das autoras)

Já em relação ao traço [- específico], o sujeito nulo ainda se encontra em vantagem nos dados analisados. Os referentes [- humano, - específico] e os [+ humano, - específico] se mostram mais resistentes à pronominalização, com 45% e 44% de pronomes expressos, respectivamente.

- (128) a. [**Um trabalho sério**]_i **ele**_i tem que começar por aqui.
 b. [**O armazém**]_i é uma espécie de... quer dizer, acho que _____i já é extinto.

- (129) a. **O cara**_i já fez todas as matérias. **Ele**_i não pode fazer de novo.
 b. Ah, não pode ser assim, porque **o aluno**_i quando _____i vem pro vestibular não sabe exatamente o que _____i quer.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 07, grifo das autoras)

Por fim, Duarte (1995; 2012) mostra que o PB continua a exibir um expletivo nulo nas sentenças impessoais, mas em variação com um tipo de construção pessoal, como observado em (130).

- (130) a. _____{expl} chove muito nessas florestas.
 b. **Essas florestas** chovem muito.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 07, grifo das autoras)

A partir do exposto, Kato e Duarte (2014) afirmam que a hierarquia de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), elucida, parcialmente, o que ocorre com os dados, isto é, os contextos onde ainda é possível ter nulos sem restrição. Por esta razão, Kato e Duarte (2014) sugerem que o PB é pautado não pelo princípio “*evite pronome*”, mas pelo princípio “*evite pronomes referencialmente deficientes*”.

Um contexto que merece a atenção pela possibilidade de ocorrência no sujeito nulo são as sentenças encaixadas-complemento, para as quais somente uma leitura é possível no PB (131a), ao contrário das línguas de sujeito nulo prototípicas (131b). Dessa forma, para obter a mesma leitura de outras línguas de sujeito nulo, é preciso que o pronome venha expresso, como ocorre no inglês (132b).

- (131) a. O João_i disse que ____{i/*j} comprou um carro ontem.
 b. Juan há decho que ____{i/j} comprou un coche ayer.

- (132) a. O João_i disse que ele_{i/j} comprou um carro novo.
 b. John_i said that he_{i/j} bought a new car.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 08)

Segundo as autoras, outro resquício de sujeito nulo é o nulo genérico, que se tornou possível com o desaparecimento do *se* indefinido.

- (133) a. ____{gen} não pode fumar aqui.
 b. Você / A gente não pode fumar aqui.

(KATO; DUARTE, 2014, p. 09)

Em (133b), observamos a não obediência ao princípio “*evite pronome*”. Tal construção é típica das línguas de sujeito nulo parciais, mas não de línguas de sujeito nulo, como o italiano e o espanhol, que exigem o clítico *se* (HOLMBERG *et al.*, 2009).

Kato e Duarte (2014) observam ainda que no japonês uma sentença com sujeito genérico deve ter necessariamente o sujeito nulo, como podemos observar em (134).

- (134) Kono issu-wa ___ suate-wa ikenai.
 (Não pode sentar nessa cadeira)

(KATO; DUARTE, 2014, p. 10)

O japonês se mostra uma língua de sujeito nulo consistente, assim como o italiano, enquanto o PB tem comportamento de uma língua de sujeito nulo parcial, conforme já mencionado. Assim, se no japonês o pronome expresso é sempre um pronome forte, é evidente que o pronome expresso não pode ter interpretação genérica. Desse modo, no PB, da mesma forma que o sujeito nulo logofórico compete com o pronome logofórico, o sujeito nulo genérico compete com os pronomes genéricos *você* e *a gente*.

A partir das evidências apresentadas, Kato e Duarte (2014) mostram que a sintaxe do PB vem se modificando e que a variação exibida não é apenas efeito de uma mudança em curso, mas pode ser explicada como propriedades de uma gramática estável caracterizável em termos de restrições semânticas de referencialidade e de propriedades morfossintáticas. Assim, as autoras verificam que quanto mais referencial é o sujeito, no PB, maior é a expectativa de um pronome expresso. Além disso, foi verificado que o sistema permite uma variação entre sujeito nulo e sujeito expresso, no caso dos sujeitos referenciais.

3.2.2 Ordem *verbo-sujeito*

A possibilidade de o sujeito ocupar uma posição após o verbo, sem a influência de um elemento que desencadeie o movimento, é conhecida como inversão livre de sujeito (CHOMSKY, 1981). Em línguas como italiano, espanhol e PE, o sujeito pode aparecer antes ou depois do verbo, como ilustrado nos exemplos (135), (136) e (137), respectivamente. Em contrapartida, é interessante observar que essa inversão não é aceita no inglês, conforme (138).

(135) a. Pietro ha telefonato.

(Pietro telefonou)

b. Ha telefonato Pietro.

(Telefonou Pietro)

(136) a. Pablo ha llamado.

(Pablo telefonou)

b. Ha llamado Pablo.

(Telefonou Pablo)

(137) a. Antônio telefonou.

b. Telefonou Antônio.

(138) a. John phoned.

(João telefonou)

b. *Phoned John.

(Telefonou João)

No que diz respeito ao PB, a possibilidade de ocorrência da ordem VS apresenta algumas restrições. Nesse sentido, cabe destacar o trabalho de Kato e Tarallo (1993), que cita dois motivos principais que levam a essas restrições. O primeiro está relacionado ao desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa, que foram substituídos por pronomes lexicais ou por categorias vazias. Já o segundo motivo refere-se à mudança gradual de *status* da língua, isto é, o PB vem passando de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito preenchido. Os autores apresentam exemplos de verbos transitivos que não permitem a ordem VS:

- (139) a. *Tomaram muitas cervejas os amigos.
 b. *Enviou-lhe muitos beijos o Fernando.

(KATO; TARALLO, 1993, adaptado)

Em contrapartida, os verbos intransitivos, sejam inacusativos ou inergativos, possibilitam que o sujeito apareça posposto a ele (KATO; TARALLO, 1993), como em (100).

- (140) a. Chegou uma carta para o João.
 b. Telefonou hoje a Joana.

Apesar de Kato e Tarallo (1993) e Kato (2000) apresentarem restrições quanto à ordem VS com verbos transitivos, Pilati (2002; 2006; 2016) afirma que é possível sua ocorrência, conforme os exemplos em (141).

- (141) a. Pega a bola o árbitro.
 b. Ganha o jogo quem completar o tabuleiro.
 c. Tomou posse o novo ministro da educação.

(PILATI, 2002, p. 36)

Segundo a autora, é possível ter sentenças com ordem VS e verbos transitivos em dois contextos principais: (i) contextos nos quais o predicado é previsível, como, por exemplo, narrações de eventos esportivos (141a) e contextos instrucionais (141b); e (ii) contextos com

orações em que o predicado contém uma expressão idiomática e que ocorrem na descrição de um acontecimento pelo falante (141c).

Já a inversão, aliada aos verbos inergativos, ocorre em outros dois contextos, ainda de acordo com Pilati (2002). O primeiro diz respeito à resposta do falante para contextos *out-of-the-blue* do tipo ‘O que aconteceu?’ (142a). O segundo contexto de ocorrência é em orações do tipo XVS, onde X é um adjunto adverbial ou um dêitico, como em (143).

(142) - O que aconteceu?

a. Ligou a Maria.

(143) Ali brincam as crianças.

(PILATI, 2002, p. 28; 43)

No PB, os verbos inacusativos são licenciados com maior frequência na ordem VS. Entretanto, é necessário considerar que tal licenciamento não ocorre da mesma forma com todos os inacusativos.

(144) a. Aqui chegaram as cartas.

b. *Aqui avermelhou o urubu.

(PILATI, 2006, p. 195)

Conforme apontamentos da autora, as sentenças em (144) mostram que verbos de movimento ou que contenham traços relacionados a tempo ou espaço são mais naturais no licenciamento da inversão. Já os verbos que não possuem esses traços semânticos colocam maiores restrições à inversão, fora de um contexto específico (144b).

Cabe destacar que Pilati (2006; 2016) defende que a ocorrência da ordem VS no PB deve ser tratada como caso de inversão locativa. Para tanto, a autora realiza análise de sentenças declarativas que apresentam as seguintes características: (i) não são respostas para perguntas *wh*; (ii) são fonologicamente expressas sem pausas longas entre os constituintes; e (iii) são licenciadas com verbos intransitivos e transitivos.

Pilati (2006) afirma que nas sentenças com inversão locativa os elementos localizados em posição pré-verbal são locativos. A autora ainda apresenta contextos em que a posição fronteira é ocupada por dêiticos (145a) e operadores de foco (145b e 145c).

(145) a. Aí liga a D. Maria...

b. Também participa do programa a Professora Renata.

c. Só não gostaram do passeio as crianças pequenas.

(PILATI, 2006, p. 193)

Pilati (2006) defende que o elemento pré-verbal pode ser fonologicamente nulo desde que seja recuperado no contexto discursivo, como no exemplo a seguir.

(146) Lá na casa da Maria? Vixe... (Lá) chegou um monte de coisa.

(PILATI, 2006, p. 194; adaptado)

Ainda sobre a realização nula do PP, a autora faz considerações sobre as sentenças com ordem SV e VS:

(147) a. Entrou Dante.

(Dante entrou aqui / nesse lugar)

a'. Dante entrou.

(Dante entrou em algum lugar)

b. Morreu Fellini.

(Fellini acabou de morrer)

(Eu acabei de ouvir que Fellini morreu)

b'. Fellini morreu.

(Fellini morreu há algum tempo)

(PILATI, 2006, p. 199)

Para Pilati (2006), as sentenças em (147) evidenciam que a ordem VS é interpretada como se apresentasse um elemento de referência locativa ou temporal com interpretação

dêitica, a qual está associada ao estado de coisas descrito pelo predicado. A autora acredita ainda que essa análise pode ser adotada para as sentenças com inversão locativa do PB.

3.3 STATUS TIPOLOGICO

A partir de um estudo pioneiro sobre o tópico sentencial, Li e Thompson (1976) defendem que ele está presente em todas as línguas humanas, entretanto é necessário considerar a variação da produtividade de estruturas com essa condição. Os autores propõem que há línguas em que (i) a construção de tópico é uma estrutura marcada, nas quais a ordenação sujeito > predicado é a mais básica; e (ii) a topicalização é um fenômeno não marcado, apresentando a sequência tópico > comentário como preferência para a ordem das sentenças.

Nesse sentido, cabe destacar as principais características de cada condição. De modo geral, os tópicos se apresentam obrigatoriamente como uma expressão definida; veiculam uma informação já compartilhada pelos interlocutores, sobre a qual incidirá um foco acentual; e geralmente são destacados na sentença por uma pausa, que, na escrita, pode ser representada por vírgula ou reticências (LI; THOMPSON, 1976).

Os sujeitos, por sua vez, sempre se inscrevem na estrutura argumental de um predicador; possuem propriedades formais e semânticas, determinadas pelo predicador da sentença (por exemplo, o papel temático); desencadeiam a concordância com o verbo; e ocorrem em fenômenos sintáticos, como relativização e passivização (LI; THOMPSON, 1976).

Ainda segundo os autores, as línguas se dividem em quatro tipos. O primeiro diz respeito às *línguas com proeminência de sujeito*, as quais favorecem a relação gramatical sujeito-predicado, como, por exemplo, o indonésio, o italiano, o PE e o espanhol. O segundo tipo são as *línguas com proeminência de tópico*, isto é, a relação tópico-comentário determina a estrutura sentencial, como o lahu. Já o terceiro tipo compreendem as *línguas mistas* (ou línguas com proeminência de tópico e de sujeito), as quais apresentam construções sentenciais distintas, mas igualmente relevantes: sujeito-predicado e tópico-comentário, como é o caso do japonês. O quarto e último tipo são as *línguas sincréticas* (ou línguas sem proeminência de tópico e de sujeito), uma vez que nelas o sujeito e o tópico se fundem, deixando de ser categorias distintas, como, o tagalog, por exemplo.

Como já mencionado, o *status* tipológico do PB não é consenso entre os pesquisadores da área. Por esta razão, apresentaremos, a seguir, diferentes visões sobre a classificação tipológica do PB, incluindo evidências, dados e argumentos utilizados por diferentes autores.

3.3.1 PB como língua de proeminência de tópico

Autores como Pontes (1987), Negrão (1999), Galves (2001), Duarte e Kato (2008) e Avelar (2009) defendem que o PB apresenta construções exclusivas de línguas orientadas para o discurso, isto é, de proeminência de tópico. As sentenças em (148), que apresentam a topicalização como possibilidade no PB, são utilizadas para defender tal posição.

- (148) a. Os carros furaram o pneu.
 b. Essas salas cabem muita gente.

(AVELAR; GALVES, 2011, p. 69)

Além dessas sentenças, outros tipos sentenciais, que também apresentam inversão, são utilizados para a análise do PB como língua de proeminência de tópico. Tais construções apresentam um sintagma pré-verbal que não possui o papel temático compatível com a propriedade semântica do sujeito. Uma delas é a alternância causativo-ergativa.

- (149) a. O comandante afundou o navio.
 b. Afundou o navio.
 b'. O navio afundou.

Em (149b'), o constituinte fronteado não pode ser considerado o causador da ação de *afundar*. Segundo Cançado (2010), [o navio] sofre um processo desencadeado por um causador, mesmo que este não esteja realizado. Negrão e Viotti (2008), por sua vez, analisam sentenças deste tipo como tendo um sujeito tema/experienciador. As autoras mostram que a classe de verbos que permite este tipo de alternância está em expansão no PB, chamando atenção para o fato de que esses “novos verbos” não aceitam o pronome *se* na sentença como forma de impessoalização: **Estas casas estão se construindo faz dois meses*. Desta forma, propõem a divisão dos verbos em dois grupos: os que aceitam o pronome *se* (150); e os que não aceitam o pronome *se* (151).

- (150) a. O navio se afundou.
 b. O vidro se quebrou.
 c. O tampo da mesa se partiu.

- (151) a. *A floresta se destruiu.
 b. *A casa se construiu.
 c. *As folhas se carregaram.

As construções com inversão locativa também são consideradas produtivas em PB (152b) e (153b). Nelas, a ocorrência do PPloc em posição pré-verbal possibilita o aparecimento do sujeito em posição pós-verbal, como os constituintes [muita gente] e [muito sol].

- (152) a. Cabe muita gente nessa sala.
 b. Nessa sala cabe muita gente.

- (153) a. Bate muito sol no apartamento da frente.
 b. No apartamento da frente bate muito sol.

Ainda é importante ressaltar que o PB, ao contrário do PE, licencia construções em que um sintagma pré-verbal, que, em tese, não é o sujeito semântico, desencadeia concordância com o verbo principal (PONTES, 1987):

- (154) a. Essas salas cabem muita gente.
 b. Esses apartamentos batem muito sol.

A partir da produtividade de sentenças como as mostradas em (154), Pontes (1987) defende a evolução do PB para uma língua de proeminência de tópico. Segundo Li e Thompson (1976), nas línguas com esta tipologia, a constituição mais básica de sentenças ocorre pela introdução de um tópico ao qual se segue um comentário. Desse modo, sentenças do tipo sujeito > predicado não ocorrem ou são menos frequentes. Os autores ainda afirmam que as línguas de tópico apresentam fenômenos morfossintáticos exclusivos, quando comparadas a línguas de proeminência de sujeito.

3.3.2 PB como língua de proeminência de sujeito

O PE, o italiano e o inglês são classificados prototipicamente como línguas de proeminência de sujeito, isto é, línguas que apresentam operações sintáticas sensíveis a funções argumentais (LI; THOMPSON, 1976). Nesse caso, a estrutura mais básica da sentença é sempre sujeito > predicado.

Conforme observado na seção anterior, muitos autores classificam o PB como uma língua de proeminência de tópico. Entretanto, essa não é uma questão consensual, uma vez que há autores que mostram evidências de que o PB possa ser classificado como uma língua voltada para funções argumentais.

Um desses autores é Costa (2010), que defende que algumas construções utilizadas como argumento de que o PB é uma língua orientada para discurso também são produtivas em PE, uma língua de proeminência de sujeito. No PE, é possível encontrar construções com sujeitos lexicais locativos e dêiticos (155); construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes (156); construções com o verbo parecer e hiperalçamento do sujeito (157); e sentenças com ergativização de verbos transitivos, como (158).

(155) a. Aqui está calor.

b. O Barlavento faz mais vento.

(156) a. A gente tem uma boa padaria no bairro.

b. Nós temos muita corrupção no país.

c. Eu tenho um aeroporto perto de casa e não consigo dormir.

(157) a. Eu pareço que estou cansado.

b. Tu pareces que estás parvo.

c. Nós parecemos que estamos doentes.

d. As pessoas dizem que eu nem pareço que tenho 17 anos.

(158) a. O trabalho está a imprimir.

b. O bolo está a cozer.

c. A fábrica fechou com a crise.

d. Com o calor, a manteiga derreteu todinha.

(COSTA, 2010, p. 132 – 134)

A partir desses exemplos, o autor questiona se, de fato, o PB é uma língua de proeminência de tópico, como defendido por muitos autores (PONTES, 1987; NEGRÃO, 1999; GALVES, 2001; DUARTE, 2004; DUARTE; KATO, 2008; AVELAR, 2009; etc.).

A questão central que diferencia o PB do PE, observada por Costa (2010), gira em torno do padrão de concordância. Em outras palavras, a variação que ocorre em PB, quando comparada ao PE, indica que a diferença sintática se baseia nas propriedades de *Infl* e não em aspectos macro-paramétricos, como observado nos exemplos de (155) a (158). Desse modo, sentenças com alçamento de genitivo em construções inacusativas são a real diferença entre as gramáticas do português, uma vez que o PE não licencia construções como as apresentadas em (159), as quais são comuns no PB (COSTA, 2010).

- (159) a. Essas casas batem sol. (PE* ; PB^{ok})
 b. As minhas duas árvores apodreceram a raiz. (PE* ; PB^{ok})
 c. As minhas pernas racharam a pele. (PE* ; PB^{ok})

(AVELAR; GALVES, 2011, p. 69)

Costa (2010, p. 135) conclui, assim, que

as duas gramáticas – do PE e do PB – não se distinguem pela estratégia de promoção de tópico, uma vez que ambas recorrem a mecanismos sintáticos de anteposição de tópico para a periferia esquerda da frase. O que é crucialmente diferente entre as duas parece ser o sistema de concordância.

A partir de dois experimentos aplicados, outro autor que mostra evidências de que o PB é uma língua de proeminência de sujeito é Kenedy (2014). O primeiro experimento aplicado foi um julgamento de aceitabilidade de orientações de anáforas, caracterizando-se como um experimento *off-line*. O autor ressalta que o esperado é que anáforas nulas e pronominais sejam igualmente orientadas para o tópico do discurso, e não para o sujeito da sentença.

Nesse experimento, foram apresentadas aos 30 participantes da pesquisa quatro variações de anáforas, as quais foram julgadas como aceitável ou inaceitável: (i) anáforas

nulas associadas a um referente em posição de sujeito; (ii) anáforas pronominais associadas a um referente em posição de sujeito; (iii) anáforas nulas associadas a um referente em posição de tópico; e (iv) anáforas pronominais associadas a um referente em posição de tópico. Ao todo, o experimento continha 48 sentenças, sendo 16 experimentais e 32 distratoras.

Em relação aos resultados, estes indicaram a preferência dos participantes por anáforas pronominais orientadas para o sujeito, como (160b), e anáforas nulas orientadas para o tópico, como (160c).

- (160) a. [Aquela secretária de vermelho]_i disse que o diretor demitiu \emptyset _i.
 b. [Aquela secretária de vermelho]_i disse que o diretor demitiu ela_i.
 c. [Aquela secretária de vermelho]_i, o diretor disse que demitiu \emptyset _i.
 d. [Aquela secretária de vermelho]_i, o diretor disse que demitiu ela_i.

(KENEDY, 2014, p. 163)

Em números, 92% dos participantes aceitaram a construção em tópico, com retomada por uma anáfora nula, o que representa um alto índice de aceitação. Em contrapartida, somente 33% considerou aceitáveis os referentes em posição de sujeito que eram retomados por anáfora nula. Já no caso de referentes na posição de sujeito com retomada feita por pronome lexical, houve 77% de aceitabilidade, à medida que a aceitação de anáforas pronominais relativas a referentes topicalizados não ultrapassou o nível de aleatoriedade (KENEDY, 2014).

Diante dos resultados obtidos, o autor destaca que, se o PB fosse de fato uma língua de proeminência de tópico, o esperado seria que anáforas nulas e pronominais fossem igualmente orientadas para o discurso, e não para o sujeito. Por isso, o comportamento apresentado enfraquece a hipótese de que o PB é uma língua de tópico.

O segundo experimento de Kenedy (2014) foi pensado a partir de testes de audição segmentada, caracterizando-se como um método experimental *on-line*. As frases foram apresentadas em segmentos aos 30 participantes, através de um fone de ouvido.

Com relação ao *design* experimental, foram pensadas sentenças de modo a apresentar um DP como o primeiro segmento a ser ouvido pelos participantes, que poderia ser, em princípio, associado na frase a uma posição de tópico ou de sujeito. Essa definição se deu somente na audição do segundo segmento, que introduziu o VP da construção, conforme mostrado em (161). Após a audição do último segmento, uma pergunta interpretativa foi feita

também auditivamente aos participantes, os quais responderam *sim* (tecla verde) ou *não* (tecla vermelha).

(161) [DP 1º segmento /VP 2º segmento / 3º segmento]

a. Essa janela / **venta muito** / no verão.

b. Essa janela / **fica aberta** / no verão.

(KENEDY, 2014, p. 171, grifos do autor)

Em (161a), o segmento crítico /*venta muito*/ define o sintagma [Essa janela] como tópico do discurso, enquanto em (161b) o segmento crítico /*fica aberta*/ seleciona o sintagma [Essa janela] como sujeito do verbo. O objetivo do experimento, então, era verificar se, na integração entre o primeiro e o segundo segmento, havia computação particularmente mais custosa para os participantes.

A hipótese de Kenedy (2014) era de que o processamento de (161a) demandaria um tempo menor de reação quando comparado a (161b), no caso de o PB ser uma língua de proeminência de tópico. No entanto, os resultados apontaram justamente o contrário: participantes tiveram maior dificuldade em processar estruturas do tipo tópico > comentário do que estruturas sujeito > predicado. Ou seja, o tempo de processamento foi superior na audição segmentada de sentenças do tipo tópico > comentário (KENEDY, 2014).

Além das evidências apresentadas por Costa (2010) e Kenedy (2014), Quarezemin (2017; 2020) mostra outros tipos de sentença que são usados para classificar o PB como língua de proeminência de tópico como, por exemplo, construções com sujeitos duplos (162a) e hiperalçamento do sujeito (162b).

(162) a. [Toda criança]_i; ela_i aprende rápido a gostar de coca-cola.

b. Vocês parecem que [vocês não pensam na vida].

(COSTA, 2010, p. 126; 128)

Como mencionado anteriormente, Costa (2010) apresenta dados produtivos do PE com hiperalçamento do sujeito. Nesse sentido, Quarezemin (2017) destaca que esse fenômeno pode não ser suficiente para caracterizar o PB como língua voltada para o discurso.

Já em relação às sentenças com redobro do sujeito, Costa *et al* (2006) observam que no PB é possível a retomada do sujeito quantificado pelo pronome, uma vez que esse mesmo pronome não compartilha das propriedades referenciais do elemento deslocado. Tal fato não ocorre em línguas como o francês, por exemplo.

(163) *Chaque enfant, il apporte son livre à l'école.

(Cada criança, ela leva seu livro à escola)

(COSTA, 2010, p. 131)

Quarezemin (2017; 2020) ainda chama atenção para o fato de que as sentenças com duplo sujeito do PB podem ocorrer em contextos *out-of-the-blue*, do tipo ‘O que aconteceu?’. Tal contexto requer informação não pressuposta, não sendo compatível com o tópico, conforme mostrado na seção 2.3.1 dessa tese.

A partir do exposto, é possível afirmar que a discussão desenvolvida por Costa (2010) na comparação de dados do PB e do PE, os experimentos de Kenedy (2014) e as considerações de Quarezemin (2017; 2019; 2020) apresentam fortes evidências de que o PB possa ser uma língua de proeminência de sujeito, contrariando outras pesquisas da área.

3.3.3 PB como língua de proeminência de tópico e de sujeito

A partir de uma pesquisa sobre as quatro estratégias de construções de tópico possíveis (anacoluto, topicalização, deslocamento à esquerda e tópico-sujeito – ver exemplos²³ em (164)), Orsini e Vasco (2007) sugerem que o PB pode ser incluído no grupo de línguas mistas, isto é, de proeminência de sujeito e de tópico.

(164) a. Doce eu gosto de gelatina, gosto de pudim. (Anacoluto)

b. A carne_i, eu já deixo ____i de um dia pro outro. (Topicalização)

c. As praias do Nordeste_i, elas_i são todas muito lindas. (Deslocamento à esquerda)

d. Essas janelas estão ventando. (Tópico-sujeito)

²³ Os autores utilizam dados do PB, retirados de dois acervos distintos: (i) os dados de fala culta foram coletados do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ); enquanto (ii) os dados de fala popular foram coletados do Projeto de Estudos e Usos Linguísticos (PEUL).

(ORSINI; VASCO, 2007, p. 84-85)

Orsini e Vasco (2007) acreditam que a crescente simplificação do paradigma flexional do PB, conforme pesquisa de Duarte (1996), seria um dos fatores responsáveis pela necessidade de preenchimento da posição de sujeito, cada vez mais. Paralelo a isso, os autores citam ainda uma preferência pelo objeto nulo, uma vez que se verifica uma tendência ao desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa (DUARTE, 1996; CYRINO, 1996). Tais fenômenos, de acordo com os autores, são diferenças significativas entre o PB e o PE, já que o segundo se caracteriza como uma língua [+ *pro-drop*] e [- objeto nulo], o que evidencia a produtividade de dados com sujeito nulo, por um lado, e clíticos de terceira pessoa, de outro.

Em relação aos dados investigados, foi constatado que qualquer elemento pode ocupar a posição de tópico no PB, sendo o sintagma nominal a estrutura de maior recorrência (165a).

- (165) a. As bolsas_i nós costumávamos dar ____i. (Sintagma nominal)
- b. Ele_i ela ajuda ele_i também. (Pronome)
- c. Jogar minha irmã jogava voleibol. (Sintagma oracional)
- d. Dos cinco filhos que eles tiveram_i, três ____i nasceram na Europa. (Sintagma preposicional)
- e. Trinta e alguma coisa já são velhos pro futebol. (Numeral)

(ORSINI; VASCO, 2007, p. 88-89)

Segundo os autores, ainda foi possível observar o fator definitude. Tanto na variedade culta quanto na falada, revelou-se a preferência por tópicos definidos, como nos exemplos em (165 a, b, d), independentemente da estratégia de tópico utilizada pelo falante.

Orsini e Vasco (2007) mostram que as estruturas mais recorrentes são as estratégias de topicalização e de deslocamento à esquerda, em ambas as modalidades de fala analisadas. A ocorrência de deslocamento à esquerda é mais recorrente com o sujeito sentencial (166a). Em números, tem-se 55% e 51% de deslocamento à esquerda de sujeito, para as falas culta e popular, respectivamente. Em contrapartida, a função de objeto direto favorece a topicalização (166b): 32% e 41% de topicalização de objeto direto, para as modalidades culta e popular, respectivamente. A alta frequência de deslocamento à esquerda de sujeitos, nas duas modalidades, sugere que os falantes do PB preferem sujeitos preenchidos. Já a incidência

de topicalização de objeto direto pode decorrer da perda do clítico acusativo de terceira pessoa.

- (166) a. O assaltante_i ele_i tem que pegar e correr.
 b. Uniforme_i você troca ____i.

(ORSINI; VASCO, 2007, p. 90)

Os autores também fazem uma análise de casos de topicalização e de deslocamento à esquerda relacionados a oblíquos nuclear e não nuclear, seguindo a classificação de Mateus *et al* (2003). Oblíquo nuclear são os casos em que o tópico está indexado ao objeto indireto (167a) ou ao complemento do nome (167b) no interior da sentença-comentário, enquanto o oblíquo não nuclear se refere à indexação do tópico a um adjunto adverbial (167c).

- (167) a. Sorvete_i não há quem não goste ____i.
 b. eu_i nisso_j eu_i sou frustrada nisso_j.
 c. Noite de verão_i a gente ficava todo mundo do lado de fora ____i.

(ORSINI; VASCO, 2007, p. 91)

Com base nos dados produtivos, os autores observaram que a frequência de deslocamento à esquerda de oblíquos é baixa (17% na fala culta e 20% na fala popular), se comparada aos percentuais de topicalização de oblíquo (83% na fala culta e 80% na fala popular). A justificativa para isso decorre da tendência ao apagamento de complementos.

Ainda sobre os casos relacionados a oblíquos, Orsini e Vasco (2007) afirmam que, nas duas modalidades analisadas, revela-se a preferência pelo suprimento da preposição. Tal questão deve ser melhor investigada, uma vez que Duarte (1996) afirma que estruturas com apagamento de uma preposição, que inicialmente deveria ser realizada junto ao tópico, somente seriam aceitas no PE quando a preposição não tivesse conteúdo semântico, sendo apenas um marcador de Caso. Assim, a manutenção da preposição seria mais frequente em construções de tópico que preveem preposições semanticamente plenas por serem necessárias à compreensão sentencial.

A fim de confrontar o comportamento do PB ao do PE, os autores analisam as estruturas que envolvem preposições semanticamente plenas, expressas ou não. Os resultados

mostram um comportamento diverso nas modalidades analisadas. Na fala culta, há uma tendência ao apagamento da preposição semanticamente plena (82% sem preposição, 18% com preposição). Já na fala popular, a preposição tende a se manter (65,5% com preposição, 34,5% sem preposição). Apesar disso, os autores sugerem novas investigações para essa questão, a fim de comprovar a análise realizada.

Orsini e Vasco (2007), com base no estudo de Vasco (2006), observam que as preposições semanticamente plenas tendem a ser suprimidas (168), embora com diferença menor se comparadas às preposições marcadoras de Caso (169).

(168) Sentenças com supressão de preposição semanticamente plena:

- a. As freiras_i a gente morria de rir ____i sabe?
- b. Então ela_i não adianta você conversar ____i.

(169) Sentenças com supressão de preposição marcadora de Caso:

- a. Agora, filme de guerra, filme de ação_i, me amarro ____i.
- b. Tudo isso_i eu gosto ____i.

(ORSINI; VASCO, 2007, p. 93-94)

De acordo com os autores, as duas modalidades de fala mostram uma tendência geral ao apagamento de preposições em construções com topicalização de oblíquo. Além disso, a supressão de preposições semanticamente plenas diferencia o PB do PE. Ainda segundo os autores, a ausência de preposição junto ao tópico pode estar relacionada à falta de movimento de um constituinte interno à sentença para a posição inicial, como ocorre em sentenças relativas e interrogativas, por exemplo. Sobre essa questão, uma hipótese possível seria que as construções do PB estão atravessando um processo de mudança, passando de estruturas com movimento para estruturas geradas na base (ORSINI; VASCO, 2007).

A partir da análise dos resultados, foi possível verificar que o PB revela alguns aspectos próprios das línguas de tópico, uma vez que: (i) apresenta percentual expressivo de construções de língua de tópico tanto na fala culta, quanto na popular; (ii) codifica superficialmente o tópico por meio de uma posição definida na sentença; (iii) não sofre restrições quanto à natureza do elemento topicalizado; (iv) prefere sujeitos plenos a vazios; (v) estabelece uma relação de co-referência entre tópico e comentário, característica das topicalizações e dos deslocamentos à esquerda (ORSINI; VASCO, 2007).

Em compensação, temos características que afastam o PB do *status* de língua voltada para o discurso. Em primeiro lugar, a estrutura SVO para sentenças básicas ocorre em maior número, se comparada com estruturas de tópico. Em segundo lugar, as construções de tópico não são derivadas de qualquer outro tipo sentencial, o que exclui as topicalizações de objeto direto, uma vez que elas são estruturas em que há movimento sintático envolvido. Em terceiro lugar, sentenças com o verbo em posição final são produtivas em línguas de proeminência de tópico, o que não ocorre livremente em PB. Por fim, em quarto lugar, assim como ocorre com línguas mistas, o PB apresenta uma codificação para o tópico (posição inicial) e uma para o sujeito, que é frequentemente preenchido e ligado ao verbo (ORSINI; VASCO, 2007).

Diante das evidências apresentadas, os autores observam que as características de língua de tópico, presentes no PB, sugerem que essa variedade pode estar mais próxima das línguas orientadas para o discurso, diferentemente do PE. Todavia, não se pode desconsiderar as características significativas, relacionadas às línguas de sujeito, que estão presentes no PB. Assim, Orsini e Vasco (2007) sugerem a inclusão do PB no grupo de línguas mistas, isto é, com proeminência de sujeito e de tópico.

Por fim, cabe mencionar que Buthers (2018), a partir dos pressupostos do programa minimalista, afirma que as características morfossintáticas presentes nos dados do PB podem sinalizar microvariações da sintaxe dessa língua. Assim, a autora propõe que o PB se encontra entre as línguas que acionam XPs sujeitos e XPs topicalizados na posição Spec,TP. Por esta razão, a autora sugere a classificação do PB como língua de proeminência de concordância (de sujeito), uma vez que apresenta sujeitos temáticos em Spec,TP, e também de proeminência para o discurso (proeminência de tópico), já que elementos topicalizados também podem ocupar Spec,TP. Buthers (2018) acredita que tal fato deva ser investigado mais a fundo, mas sinaliza que há transformações relevantes ocorrendo na sintaxe do PB.

3.3.4 Assumindo uma classificação

Na busca pela caracterização mais adequada para o *status tipológico* das construções do PB, os pesquisadores se baseiam em diferentes métodos de pesquisa. Entre eles, observamos que os principais são a intuição do linguista, a análise de *corpus* e, mais recentemente, a análise experimental. Cabe ressaltar que nosso objetivo não é realizar uma análise experimental do comportamento do PB com vistas à classificação tipológica, mas reconhecemos a importância de experimentos como metodologia complementar aos estudos gramaticais.

Com base nos dados produtivos da língua e nas evidências apontadas nas seções anteriores, defendemos que o PB se classifica como **língua de proeminência de sujeito**, mesmo que os falantes utilizem construções de tópico em determinados contextos discursivos. É importante frisar que nossa posição quanto a essa questão se baseia também na preferência dos falantes do PB pela ordem SVO e pelo preenchimento da posição pré-verbal. Tal fato pode ser observado nas sentenças com verbo meteorológico e apagamento da preposição do locativo, como nos exemplos em (170).

- (170) a. Em São Paulo chove com frequência.
 a'. São Paulo chove com frequência.
 b. Nas cidades do interior nevou muito noite passada.
 b'. *As cidades do interior nevou muito noite passada.
 b''. As cidades do interior nevaram muito noite passada.

A possibilidade de (170b'') revela que o locativo se encontra em posição argumental, uma vez que a concordância verbal é acionada, algo que não é esperado com verbos dessa natureza. Cabe ressaltar ainda que as sentenças (170 b, b'') respondem a contextos *out-of-the-blue* do tipo 'O que aconteceu?', o que reforça a ideia de que os locativos não estão deslocados à esquerda, no domínio CP.

Além disso, os testes que confirmam a necessidade de mais de uma posição para o sujeito na estrutura sentencial reforçam o *status* tipológico do PB enquanto língua de proeminência de sujeito.

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO 3

Nesse capítulo, apresentamos as principais propriedades relacionadas ao comportamento do sujeito no PB. Para tanto, descrevemos o EPP, o qual determina que a posição para alocação do sujeito na estrutura sintática é obrigatória, isto é, todas as línguas possuem uma posição estrutural de sujeito (CHOMSKY, 1982).

Também apresentamos o parâmetro *Pro-drop* (CHOMSKY, 1981) que está alinhado ao EPP e contém cinco propriedades, a saber: (i) Sujeito nulo; (ii) Inversão livre do sujeito; (iii) Movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-; (iv) Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; e (v) Aparente violação do filtro *that-t*. A partir delas, as línguas, então, são caracterizadas em [+ *pro-drop*] ou [- *pro-drop*]. Cabe mencionar ainda que este parâmetro está relacionado tanto à realização do sujeito quanto com sua inversão em relação ao verbo (ordem VS). Por esta razão, apresentamos o sistema flexional e pronominal do PB, a partir de Kato e Tarallo (1993), Duarte (1996), Figueiredo Silva (1996), Kato (1999), Kato e Duarte (2014), Duarte e Figueiredo Silva (2016), entre outros.

Muitos autores, entre eles Kato e Duarte (2014), acreditam que o PB está passando por uma fase de transição, caracterizando-se como uma língua *pro-drop* parcial ou língua de sujeito nulo parcial e um dos motivos estaria relacionado ao enfraquecimento do sistema flexional e pronominal. Também apresentamos a inversão livre de sujeito no PB, conforme Kato e Tarallo (1993) e Pilati (2002; 2006), a qual apresenta o licenciamento dessa condição com verbos inacusativos, inergativos e transitivos, a depender do contexto.

Além disso, mostramos nesse capítulo que não há consenso quanto à classificação tipológica do PB. Para contribuir com esta discussão, nos baseamos em autores como Li e Thompson (1976), Pontes (1987), Duarte e Kato (2008), Orsini e Vasco (2007), Avelar (2009), Costa (2010), Kenedy (2014), Quarezemin (2017; 2020), etc. A partir da discussão suscitada e das evidências de que há mais de uma posição para sujeito na estrutura cartográfica da sentença, assumimos o PB como uma língua de proeminência de sujeito.

No capítulo 4, a seguir, apresentaremos um panorama geral sobre o objeto de investigação: as sentenças com sujeito locativo do PB. Além disso, discorreremos sobre diferentes análises presentes na literatura sobre o tema.

4. PANORAMA GERAL SOBRE AS SENTENÇAS COM SUJEITO LOCATIVO

De modo geral, a ocorrência de um PP locativo (PPloc) em posição pré-verbal é conhecida por inversão locativa e se configura como um caso de alternância sintática (AVELAR, 2009). Tais construções também são tratadas na literatura como sentenças com sujeito locativo (REIS, 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017; entre outros) ou sentenças impessoais (CARVALHO, 2016; 2018a, 2018b, entre outros).

- (171) a. Na cantina da escola vende / vendem coxinha.
 b. Na escola da Joana ensina / ensinam a cozinhar.
 c. Naquela balada toca / tocam músicas antigas.

Durán (2012) afirma que a inversão locativa, muitas vezes, está associada às construções inacusativas, quando o sintagma preposicional ou adverbial precede o verbo, e este ao sujeito.

- (172) a. En este país ocurren cosas raras.
 (Neste país ocorrem coisas estranhas)
 b. En Alaska se derriten los hielos.
 (No Alasca se derretem os gelos)

(DURÁN, 2012, p. 09)

Entretanto, assim como Silva (2001), o autor ressalta que não é possível afirmar que a inversão locativa é um fenômeno exclusivo dos inacusativos, já que outros tipos de verbo também admitem tal estrutura. A frequência com que se encontram dados com verbos inergativos, por exemplo, é um dos fatores que descarta o fenômeno como prova de inacusatividade.

Em relação ao PB, Avelar e Cyrino (2008a; 2008b) observam que a inversão locativa ocorre em uma variedade ampla de construções, isto é, com diferentes tipos de verbos: inacusativos (173a), inergativos (173b) e transitivos (173c).

- (173) a. Na casa do Marcelo chegou / chegaram encomendas.
 b. Naquele quarto dormiu / dormiram várias pessoas.
 c. Na fazenda do João planta / plantam soja.

É possível que os verbos ocorram tanto na terceira pessoa do singular quanto do plural, conforme (173). Todavia, é interessante observar que algumas sentenças sofrem mudança no julgamento de gramaticalidade quando o sintagma pós-verbal é colocado no singular, como em (174a) e (174b), o que não ocorre com a sentença em (174c).

- (174) a. Na casa do Marcelo chegou / *chegaram uma encomenda.
 b. Naquele quarto dormiu / *dormiram meu filho.
 c. Na fazenda do João planta / plantam legume.

A assimetria verificada está relacionada à natureza verbal. Enquanto os sintagmas [uma encomenda] e [meu filho] são sujeitos do verbo inacusativo e inergativo, respectivamente em (174a) e (174b), o sintagma nu²⁴ [legume] figura como objeto direto do verbo transitivo, em (174c). Abaixo, em (175), temos outros exemplos com essa mesma condição. Observamos ainda que essas construções são possíveis também com plurais nu, como em (176).

- (175) a. Naquele camelô vende / vendem **produto importado**.
 b. Na farmácia da esquina aplica / aplicam **vacina**.

- (176) a. Naquele camelô vende / vendem **produtos importados**.
 b. Na farmácia da esquina aplica / aplicam **vacinas**.

Para a formação de sentenças locativas, não é qualquer verbo transitivo que é licenciado. Apenas verbos transitivos do tipo *stage-level* são possíveis nessas construções (AVELAR; CYRINO, 2008a; CARVALHO, 2018a), condição constatada pelo estranhamento dos exemplos em (177), com verbos psicológicos²⁵.

- (177) a. *Na casa do João preocupa os pais.
 b. *Nessa casa aborrece a mãe.

²⁴ Sobre o assunto, ver Muller (2002; 2004), Munn; Schmitt (2005), Lopes (2006), Cyrino; Espinal (2015), Cyrino (2021), entre outros.

²⁵ Considerando o foco desta pesquisa, as particularidades dos verbos psicológicos não serão aprofundadas. Para mais informações sobre o assunto, consultar Belletti e Rizzi (1988), Cañado (1996; 1997; 2012; e outros), Naves (1999; 2003; e outros), Naves e Carneiro (2012).

c. *Na universidade odeia os professores de cálculo.

Ainda sobre as sentenças investigadas, Reis (2017) e Quarezemin e Cardinaletti (2017) mostram que é possível ter sentenças locativas mesmo com a perda da preposição. Nesse caso, as autoras consideram que as sentenças contêm um DP locativo (DPloc) em posição pré-verbal.

(178) a. A cantina da escola vende / *vendem coxinha.

b. A escola da Joana ensina / *ensinam a cozinhar.

c. Aquela balada toca / *tocam músicas antigas.

Conforme observamos, o verbo deve necessariamente concordar com o sintagma pré-verbal (DPloc). Nesse caso, não é possível disparar uma leitura impessoal (QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017), ao contrário dos exemplos apresentados em (171). Tal evidência se configura como a principal assimetria entre as sentenças com PPloc e DPloc pré-verbal.

Comparando o PB com outras línguas românicas, como o PE, o italiano e o espanhol, observamos que a principal assimetria está relacionada à flexão verbal. Enquanto o PB licencia construções com PPloc pré-verbal e verbo tanto no singular quanto no plural, as outras línguas mencionadas admitem somente o verbo conjugado no plural. A fim de enriquecer a discussão, apresentamos, no Apêndice A²⁶, um breve estudo comparativo entre a sintaxe do PB e do espanhol colombiano (EC), no que diz respeito às sentenças com locativos pré-verbais.

Sobre a posição ocupada pelo PPloc na sentença, Avelar e Cyrino (2008a) consideram que essas construções devem ser interpretadas como impessoais ou como sentenças de sujeito indeterminado. Os autores consideram a hipótese do contato com línguas bantu para justificar a possível subida do locativo para a posição Spec,TP.

Já Carvalho (2016; 2018a; 2018b) defende que o PPloc deve ser concatenado acima de vP, em posição semelhante a de um argumento externo, pois tais constituintes são modificadores de todo o evento verbal, o que leva à leitura de existência de um participante arbitrário.

Em relação à posição última desse constituinte locativo pré-verbal, pesquisas cartográficas recentes (REIS; 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017; REIS;

²⁶ Consultar página 168 da tese.

QUAREZEMIN, 2019) apontam que ele ocupa a posição Spec,SubjP, acima de TP, no domínio flexional. Dessa forma, Reis (2017) e Quarezemin e Cardinaletti (2017) passam a chamar as construções com inversão locativa de *sentenças com sujeito locativo*, nomenclatura que também assumimos na presente tese para nos referir às sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais.

4.1 PESQUISAS ANTERIORES

Apresentaremos, a seguir, diferentes pesquisas sobre o tema no PB, com intuito de enriquecer a discussão proposta. Na seção 4.1.1, apresentaremos uma das pesquisas pioneiras sobre inversão locativa no PB: Silva (2001). Na seção 4.1.2, discorreremos sobre a influência das línguas bantu no licenciamento das construções locativas, conforme pesquisa de Avelar e Cyrino (2008a; 2008b). Já na seção 4.1.3, apresentaremos aspectos relevantes sobre a concordância nas sentenças com inversão locativa (AVELAR, 2009). Na seção 4.1.4, a partir de Avelar e Galves (2013), mostraremos possíveis paralelismos entre o PB e as línguas bantu, relacionados à concordância. Em seguida, na seção 4.1.5, apresentaremos a pesquisa de Reis (2017) que mostra as assimetrias entre sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais, à luz da Cartografia. Na seção 4.1.6, discorreremos sobre a análise de Carvalho (2018a; 2018b) para as chamadas sentenças impessoais nulas existenciais. Por fim, abordaremos a reflexão de Avelar e Galves (2021) sobre locativos, concordância e checagem de Caso na seção 4.1.7.

4.1.1 A ordem VS e as construções com inversão locativa - Silva (2001)

Silva (2001) apresenta um dos trabalhos pioneiros sobre a inversão locativa no PB. Assim como Bresnan (1993) e Levin e Rappaport Hovav (1995), a autora acredita que o PPloc apresenta *status* de sujeito em algum ponto da derivação.

A proposta minimalista, assumida por Silva (2001), é de que o PPloc está em posição de sujeito, Spec,TP. Desse modo, a autora defende que o sintagma locativo pré-verbal atua como sujeito não apenas em termos de posição, mas também na questão de traços, já que ele pode checar o traço EPP em Spec,TP.

(179) a. Neste quarto parecem ter dormido as crianças.

b. As crianças_i parecem [t_i ter dormido t_i neste quarto].

c. *Neste quarto_i parecem as crianças_j ter dormido t_j t_i].

(SILVA, 2001, p. 99)

Em (179), Silva (2001) discute o alçamento do locativo. Em (a), o PPloc se desloca para a posição pré-verbal, ocupando o lugar do sujeito do verbo matriz. Já em (b), é possível observar que o constituinte [as crianças] também pode ser alçado, enquanto o PPloc permanece *in situ*. Entretanto, o exemplo em (c) mostra que a sentença se torna agramatical se o PPloc é alçado e o verbo encaixado tem a posição pré-verbal preenchida. Segundo a autora, a agramaticalidade reforça a ideia de que o locativo pré-verbal atua de fato como sujeito da construção com inversão locativa.

Outra evidência para a defesa de que o PPloc ocupa a posição Spec,TP no *Spell-out* é que sentenças com verbos factivos não permitem a extração do sujeito.

- (180) a. *Quem você lamenta que ganhou o prêmio?
 b. *Em que quarto você lamenta que dormiram os meninos?
 c. Em que quarto você lamenta que os meninos dormiram?
 d. Em que quarto você acha que dormiram os meninos?
 e. Quem você acha que ganhou o prêmio?

(SILVA, 2001, p. 99)

A sentença (180a) mostra que não é possível a extração do sujeito de um verbo factivo. O mesmo comportamento ocorre em sentenças com deslocamento do PPloc para posição pré-verbal (180b), mas (180c) mostra que não é a extração do locativo propriamente dita que causa a agramaticalidade. Já as sentenças (180d, e), por sua vez, evidenciam que sentenças sem verbo factivo são bem formadas mesmo com o deslocamento do locativo e do elemento *wh* para a posição inicial da sentença, respectivamente.

Silva (2001) afirma que o PPloc checa o traço EPP quando é movido para Spec,TP. Isso ocorre antes do *Spell-out*. A autora afirma ainda que o traço EPP deve ser dissociado de Caso. Assim, se o PPloc pode checar o traço EPP nas construções de inversão locativa, isso quer dizer que o sujeito não pode fazê-lo, devendo checar Caso nominativo em LF, considerando a questão da concordância. Em outras palavras, uma vez que o sujeito concorda com o verbo nas construções de inversão locativa, o Caso checado deve ser o nominativo. Com isso, Silva (2001) afirma que tanto inacusativos quanto inergativos podem estar

presentes nessas construções. O mesmo não ocorre com os verbos transitivos, pois, segundo ela, um dos argumentos deve se mover obrigatoriamente antes do *Spell-out*, não sendo possível ocorrer o movimento encoberto de ambos os argumentos. Entretanto, a autora não menciona a possibilidade de se ter o apagamento do argumento externo em sentenças com PPloc e verbo transitivo, como, por exemplo: (i) Na cantina da escola aceita/aceitam débito; e (ii) Na livraria da esquina vende/vendem livros usados.

Outra questão levantada por Silva (2001) é a possibilidade de sentenças com verbos inacusativos ocorrer com sujeito posposto mesmo na ausência de um PPloc pré-verbal.

- (181) a. Vieram muitos alunos à aula.
b. There came many students to class.

A autora compara as sentenças e ressalta que as construções inacusativas são semelhantes no PB e no inglês, com o uso do expletivo: *pro* e *there*, respectivamente. Entretanto, as sentenças em (181) não devem ser tratadas da mesma forma do que sentenças com inversão locativa. A principal diferença é que nos casos de inversão sem PPloc preposto, o expletivo *pro* deve ser suficiente para checar o traço EPP e Caso nominativo, enquanto o PPloc das sentenças com inversão locativa checam somente o primeiro.

- (182) a. *Esquiaram os turistas ontem.
b. No Chile esquam muitos turistas.

(SILVA, 2001, p. 104)

A partir do exemplo em (182), Silva (2001) mostra que a inversão com verbos inergativos só é possível quando o PPloc aparece em posição preposta. Nesse sentido, a conclusão que *pro* deve checar Caso se dá através da gramaticalidade da sentença com inversão locativa e da agramaticalidade da inversão simples com verbo inergativo. Isso também explica o motivo pelo qual verbos transitivos não aparecem em construções de inversão (183), segundo a autora.

- (183) a. A segurança de Clinton trouxe armas pesadas para o Rio.
b. *Para o Rio trouxe a segurança de Clinton armas pesadas.
c. *Para o Rio trouxe armas pesadas a segurança de Clinton.

(SILVA, 2001, p. 104)

A má formação de (183b, c) mostra que os Casos nominativo e acusativo teriam que ser checados de forma encoberta, o que não pode ocorrer, uma vez que pelo menos um dos argumentos deve ter seu Caso checado antes do *Spell-out* (SILVA, 2001).

4.1.2 Constituintes locativos e a influência das línguas bantu – Avelar & Cyrino (2008a / 2008b)

Conforme Avelar e Cyrino (2008a, 2008b), as construções em (184) são interpretadas como impessoais ou como sentenças com sujeito indeterminado. Os autores chamam a atenção para o fato de que, no PE, elas somente são aceitas se receberem uma interpretação na qual o sujeito nulo é referencial, como em (185).

- (184) a. **Naquela loja** vende livros.
 b. **No meu quarto** faz muito barulho durante a noite.

(185) **Naquela loja** vende(m)-se livros.

(AVELAR; CYRINO, 2008b, p. 01, grifo dos autores)

Os autores destacam que sentenças como (185) não são usuais em PB, o que poderia justificar o uso de sentenças como (184). No entanto, a justificativa não é suficiente para explicar a obrigatoriedade do locativo nesses casos.

- (186) a. *Vende muitos livros.
 b. **Lá / Naquela loja** vende muitos livros.

(AVELAR; CYRINO, 2008b, p. 02, grifo dos autores)

- c. Vende muitos livros naquela loja.
 d. *Vendem muitos livros.
 e. Vendem muitos livros naquela loja.

A partir de (186), observamos que o comportamento deste tipo de sentença é curioso, uma vez que a interpretação genérica não é obtida quando há o apagamento do constituinte locativo. Neste caso, fica a pergunta: quem vende muitos livros? Por outro lado, cabe ressaltar que os autores não consideram a possibilidade de interpretação impessoal do PPloc, quando este figura em posição pós-verbal, como observamos em (186 c, e).

Avelar e Cyrino (2008a; 2008b) apontam, então, a possibilidade de o uso do PPloc em posição pré-verbal ser resultado do contato do português com línguas da família bantu²⁷. Segundo os autores, este contato, aliado ao enfraquecimento do paradigma flexional, presente nos dados linguísticos, gerou ambiguidade para a criança que aprendia o português como primeira língua. Dessa forma, o locativo em posição fronteira no PB é reanalisado e passa a poder figurar na posição gramatical de sujeito.

Com relação à estrutura argumental que licencia a inversão locativa, os autores citam que há, pelo menos, dois padrões: i) é admitida apenas, ou preferencialmente, em construções inacusativas, como ocorre no inglês, no chichewa e no castelhano; e ii) é possível ocorrer em uma variedade mais ampla de construções, como é o caso do PB.

(187) Verbos inacusativos:

- a. Na casa da Maria chegou algumas cartas.
- b. No meio da festa apareceu uns convidados estranhos.

(188) Verbos inergativos:

- a. Naquele quarto dormiu várias pessoas.
- b. Naquela fábrica trabalha muitos amigos meus.

(189) Verbos transitivos ergativizados:

- a. Naquele bairro aluga casa de todos os preços.
- b. Na loja do Pedro não conserta sapato de couro.
- c. Naquela fazenda plantava beterraba.

(190) Verbos transitivos e inergativos sem tema/agente:

- a. Nas cidades do interior não sequestra tanto como nas grandes capitais.

²⁷ Os autores apresentam exemplos das línguas *Chichewa*, *Setswana*, *Kinyarwanda*, *Chishona* e *Sesotho*, todas da família bantu. Tais línguas eram faladas pelos africanos que chegaram ao Brasil entre os séculos XVI e XIX.

b. Na casa do João cozinha todos os dias.

(AVELAR; CYRINO, 2008a, p. 61)

Com relação à estrutura sintática dessas construções, os autores afirmam que os constituintes locativos podem trocar de posição com o próprio tema na ocupação de [Spec,TP / InflP].

- (191) a. Naquela loja vende todas as edições do livro do Harry Potter.
b. Todas as edições do livro do Harry Potter vendem naquela loja.

- (192) a. No meu DVD não grava filmes antigos.
b. Filmes antigos não gravam no meu DVD.

- (193) a. Naquela fotocopadora não xeroça os livros novos da biblioteca.
b. Os livros novos da biblioteca não xerocam naquela fotocopadora.

(AVELAR; CYRINO, 2008a, p. 65)

A partir dos exemplos anteriores, observamos que os verbos *vender*, *gravar* e *xerocar* têm a tendência de concordar com o sintagma pré-verbal. Cabe ressaltar, todavia, que a presença do PPloc em posição fronteada, aliada ao verbo em terceira pessoa do plural, parece ser possível, como ilustrado em (194). Nesse caso, uma leitura impessoal é favorecida, assim como em sentenças com PPloc pré-verbal e verbos na terceira pessoa do singular.

- (194) a. Naquela loja vendem todas as edições do livro do Harry Potter.
b. No meu DVD não gravam filmes antigos.
c. Naquela fotocopadora não xerocam os livros novos da biblioteca.

Avelar e Cyrino (2008a; 2008b) ainda ressaltam que a inversão locativa não ocorre com qualquer verbo transitivo. Os verbos *adorar* e *odiar*, por exemplo, não licenciam a ocorrência do tema em [Spec,TP].

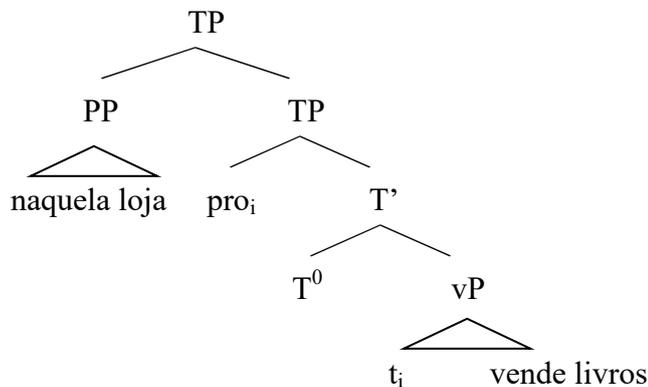
- (195) a. *Na casa da Maria adora os livros do Harry Potter.

- a'. *Os livros do Harry Potter adoram na casa da Maria.
- b. *Na faculdade odeia os professores conservadores.
- b'. *Os professores conservadores odeiam na faculdade.

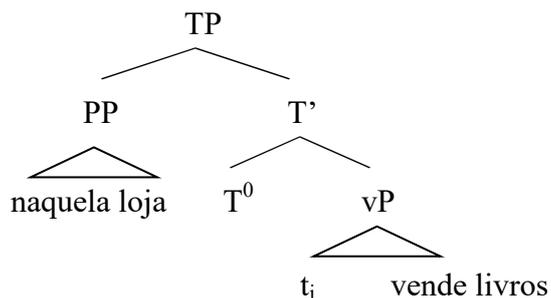
(AVELAR; CYRINO, 2008a, p. 65)

Avelar e Cyrino (2008a) lançam uma possível explicação para o aparecimento da inversão locativa no PB: durante o período colonial, os escravos chegados da África, e falantes de línguas bantu, aprendiam e moldavam o português de acordo com a gramática de sua língua materna. Como estas línguas são mais permissivas, em relação a esse tipo de construções, os africanos analisariam locativos pré-verbais como categorias instadas na posição gramatical de sujeito, e não em posição periférica. Desse modo, crianças em fase de aquisição da linguagem poderiam optar pela estrutura gerada pelos aprendizes do português como segunda língua, conforme o esquema a seguir.

(196) a. Português Europeu:



b. Português falado como segunda língua:



(AVELAR; CYRINO, 2008a, p. 67, adaptado)

A partir de (196), é possível perceber que, na estrutura sintática dos falantes de português como primeira língua, há uma categoria pronominal nula que se move de [Spec, VP] para [Spec, TP], com o PPloc sendo colocado em posição periférica, representada no esquema de adjunção a TP. Já na estrutura dos falantes de português como segunda língua, a concatenação do constituinte locativo ocorre diretamente em [Spec, TP]. Por isso, as crianças optariam pela segunda estrutura que se apresenta menos marcada do que as produzidas pelos falantes do PE²⁸.

Dentre os testes apresentados pelos autores, a fim de verificar a possibilidade de o PPloc ocorrer em posição gramatical de sujeito, temos: (i) a obrigatoriedade do constituinte locativo em contextos com sujeitos pós-verbais, já apresentado anteriormente nessa seção; e (ii) o alçamento do locativo em construções com o verbo *parecer*.

(197) a. *Parece na casa da Maria chegar muitas cartas.

b. Na casa da Maria parece chegar muitas cartas.

(AVELAR; CYRINO, 2008b; p. 06)

O exemplo (197), nesse caso, revela que os locativos funcionam do mesmo modo que os sujeitos nominais quanto à obrigatoriedade de serem movidos para [Spec,TP] em construções de alçamento.

Avelar e Cyrino (2008b) apontam que a possibilidade de concatenar o PPloc diretamente em [Spec,TP] é acompanhada de um processo em que a presença do argumento externo em [Spec,VP], interpretado como agente, deixa de ser obrigatória, assim como ocorre em construções passivas analíticas, como (198b).

(198) a. O André comprou a casa na Avenida das Rendeiras.

b. A casa na Avenida das Rendeiras foi comprada (pelo André).

²⁸ Hipótese baseada em Roberts e Roussou (2003) que argumentam a favor da ideia de que a criança “procura” a representação menos marcada para determinada categoria, a fim de lidar com a falta de transparência nos dados (AVELAR; CYRINO, 2008a).

A diferença entre sentenças passivas analíticas e sentenças com locativo pré-verbal é que, nas primeiras, não há a obrigatoriedade de um PPloc para garantir a aceitabilidade da sentença.

Por fim, os autores levantam a possibilidade de haver algum tipo de relação entre a morfologia empobrecida e a ocorrência de inversão locativa em sentenças inergativas e transitivas, conforme sugerido em Demuth e Mmusi (1997). Desse modo, haveria indícios de que as inovações do PB, quanto ao fenômeno da inversão locativa, estão relacionadas a fatores que provocaram o enfraquecimento da concordância sujeito-verbo.

4.1.3 Inversão locativa e concordância – Avelar (2009)

A partir dos pressupostos do programa Minimalista, Avelar (2009) defende que a ocorrência de PPloc em uma posição destinada a constituintes nominais deve ser incluída entre os casos de alternância sintática que se convencionou chamar de inversão locativa. Assim, partindo da hipótese de que sintagmas locativos podem ocorrer na posição gramaticalmente destinada a um sujeito argumental, o autor defende que o paradigma flexional do PB “autoriza” relações de concordância entre o verbo e o PPloc.

A partir disso, Avelar (2009) sugere, então, que os locativos preposicionados apresentam um pronome adverbial como núcleo que pode, ou não, ser fonologicamente realizado. Desse modo, o núcleo do sintagma locativo não é a preposição à frente do PPloc, mas um pronome adverbial que a antecede, como, por exemplo: (aqui) na sala; (aí) embaixo da mesa; (lá) na cidade. O autor ressalta que, se essa ideia estiver correta, o locativo preposicionado deve ser tratado como um constituinte nominal, já que pronomes adverbiais são categorias nominais.

- (199) a. Lá vende muitos livros.
 b. Lá no shopping vende muitos livros.
 c. No shopping vende muitos livros.

- (200) a. Aqui dorme criança.
 b. Aqui nesse quarto dorme criança.
 c. Nesse quarto dorme criança.

A partir dos exemplos apresentados anteriormente, é possível perceber que o pronome pode ser realizado sozinho na posição de sujeito, conforme (199a) e (200a), ou ocorrer junto ao PPloc, na mesma posição, como em (199b) e (200b). E, ainda, como nos exemplos (199c) e (200c), pode aparecer como uma categoria nula (AVELAR, 2009).

O autor ressalta que o sintagma locativo, por corresponder à projeção de uma categoria nominal²⁹, não deve causar estranhamento quando situado em uma posição destinada a constituintes que precisam receber Caso. Além disso, é possível que os traços-f de T possam concordar com o LocP/PPloc, uma vez que qualquer forma pronominal deve ser capaz de desencadear concordância. No entanto, Avelar (2009) aponta um possível contra-argumento para tal ideia, envolvendo a possibilidade de o PPloc ocorrer no final da sentença, como em (178).

(201) a. Vende muitos livros (lá) naquele shopping.

b. Dorme criança (aqui) nesse quarto.

(AVELAR, 2009, p. 241)

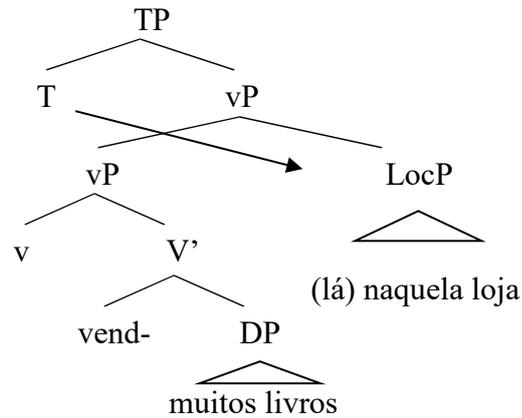
Nesse caso, as construções em (201) indicam que o LocP/PPloc nem sempre é realizado em posição de sujeito, apesar de ser necessário para a boa formação da sentença. Diante dessa evidência, não é adequado associar sua ocorrência ao requerimento de Caso (AVELAR, 2009). Apesar disso, o autor defende que tais fatos não invalidam sua proposta de análise e explica que, uma vez que a concordância (Agree) é estabelecida à distância³⁰, não existe empecilho para que T estabeleça concordância com o LocP/PPloc quando este se encontra “fora” da posição esperada. Desse modo, propõe que o locativo seja inicialmente um adjunto de VP, por apresentar natureza adverbial inerente, como em (202a). Tal estrutura corresponde ao LocP/PPloc em posição final.

Já (202b) representa o movimento de LocP/PPloc para [Spec,TP], o qual só se efetiva se o pronome adverbial (fonologicamente realizado ou nulo) entra na derivação requerendo uma marcação de Caso.

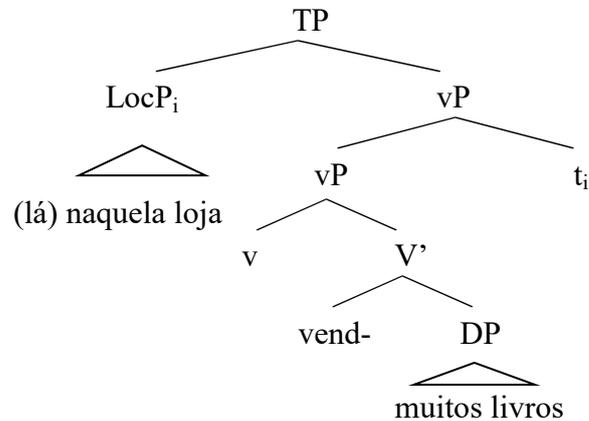
²⁹ A nosso ver, esta ideia parece ser uma assunção *ad hoc*, uma vez que não é possível confirmar que há um advérbio nulo em todas as sentenças com PPloc pré-verbal.

³⁰ Segundo Avelar (2009), a interação entre os traços-f de T e os traços-f do DP acontece antes de o sujeito ser movido para [Spec, TP].

(179) a.



b.



(AVELAR, 2009, p. 242)

Assim como Avelar e Cyrino (2008a; 2008b), Avelar (2009) também observa as construções com verbo de alçamento:

(203) a. Parece morar todas aquelas pessoas (lá) naquela casa.

b. Todas aquelas pessoas parecem morar (lá) naquela casa.

c. (Lá) naquela casa parece morar todas aquelas pessoas.

d. *Todas aquelas pessoas parecem (lá) naquela casa morar.

e. *(Lá) naquela casa parece todas aquelas pessoas morar.

(204) a. Parece ter sido gravado algum filme (aqui) no meu DVD.

b. Algum filme parece ter sido gravado (aqui) no meu DVD.

c. (Aqui) no meu DVD parece ter sido gravado algum filme.

- d. *Algum filme parece (aqui) no meu DVD ter sido gravado.
 e. *(Aqui) no meu DVD parece algum filme ter sido gravado.

(AVELAR, 2009, p. 243)

Segundo ele, os exemplos mostram que o PPloc e o argumento do verbo infinitivo podem ocorrer ao mesmo tempo em uma posição interna à oração encaixada. Quando um desses constituintes ocorre em posição pré-verbal, há a condição de que o outro constituinte precisa permanecer *in situ*, conforme (203 b, c) e (204 b, c). Já os exemplos (d) e (e) mostram que, se o PPloc for realizado na posição imediatamente anterior ao verbo infinitivo, a construção se torna agramatical.

Avelar (2009) ressalta, então, que o contraste entre as sentenças pode ser explicado se for assumido que o movimento para [Spec,TP] é determinado pela necessidade de atribuição de nominativo, seja do PPloc, seja do DP argumental. Assim, o LocP/PPloc se move para [Spec,TP] da oração encaixada infinitiva para receber marcação de Caso. O autor explica que orações infinitivas em estruturas de alçamento não são capazes de atribuir nominativo e, por isso, o constituinte precisa se mover até [Spec,TP] da oração matriz, onde tal Caso é atribuído.

4.1.4 Concordância locativa e a hipótese do contato – Avelar & Galves (2013)

Avelar e Galves (2013) abordam possíveis paralelismos entre o PB e as línguas bantu, relacionados à concordância locativa. Para tanto, os autores se concentram na hipótese do contato, isto é, defendem que as dinâmicas de contato interlinguístico tiveram um papel fundamental na emergência de propriedades do PB, ainda que de modo periférico.

A partir daí, Avelar e Galves (2013) apresentam dados do PB de construções locativas e possessivas para sustentar sua hipótese. Os autores ressaltam que a concordância dos locativos com o verbo é uma característica forte do PB, como os dados apresentados de (205) a (207)³¹.

- (205) a. *As ruas do centro* não tão passando ônibus.
 b. Não tá passando ônibus *nas ruas do centro*.

³¹ Os dados que estão entre aspas, ao longo desta seção, foram retirados de *sites* brasileiros por Avelar e Galves (2013).

- (206) a. “*algumas concessionárias* tão caindo o preço [do carro]”
 b. O preço do carro tá caindo *em algumas concessionárias*.

- (207) a. “Quais são *as cidades* que mais **chovem** no mundo?”
 b. Quais são as cidades em que mais chove no mundo?”

(AVELAR; GALVES, 2013, p. 107 – 108, grifos do autor)

É interessante considerar que as construções apresentadas anteriormente são bastante comuns na fala dos brasileiros, mas, quando apresentadas a falantes de PE ou de outras línguas românicas, causam estranhamento (AVELAR; GALVES, 2013). Cabe ressaltar ainda que tais construções que apresentam concordância locativa são generalizadas em línguas bantu³², o que fortalece a hipótese do contato.

Nesse caso, é possível crer na possibilidade de estarmos diante de um reflexo do contato do português com línguas bantu, mais precisamente línguas nigero-congolesas, por conta da entrada massiva de africanos no Brasil, entre os séculos XVII e XIX. Com base em Ribeiro (2009), os autores levantam a hipótese de que o processo de transmissão linguística irregular, desencadeado pela aquisição do português como L2 por milhares de africanos, tenha contribuído para a transferência de padrões oracionais comuns às línguas africanas a variedades emergentes do PB.

No entanto, Avelar e Galves (2013) admitem que a validação dessa hipótese depende de estudos comparativos entre o PB e as variedades africanas do português, sobretudo às emergentes em Angola e Moçambique. Os autores, então, citam o trabalho de Gonçalves e Chimbutane (2004) que apresenta dados que sugerem que o português falado como L2 por moçambicanos possibilita o uso de construções em que sintagmas nominais preposicionados, com interpretação necessariamente locativa, ocorrem na posição gramatical de sujeito, como em *Na nossa zona era fértil* (no sentido de *A nossa zona era fértil*) (AVELAR; GALVES, 2013). Em PB, sentenças desse tipo são produtivas, como podemos observar nos exemplos a seguir.

- (208) a. “**na propaganda** falava que diminuía até 3 números do manequim”
 b. a propaganda falava que diminuía até 3 números do manequim

³² No estudo dos autores são apresentados dados das línguas Otjherero, Setswana, Kinande, Lubukusu, Zulu, Chishona, Quimbundo, entre outras, todas da família bantu.

(209) a. “**na bula** recomenda usar [o remédio] imediatamente após abrir”

b. a bula recomenda usar o remédio imediatamente após abrir

(210) a. “**na placa** avisava que qualquer um que mexesse nos restos do dragão seria preso”

b. a placa avisava que qualquer um que mexesse nos restos do dragão seria preso

(AVELAR; GALVES, 2013, p. 111 – 112, grifos do autor)

Os autores afirmam que os dados apresentados são utilizados para sustentar a hipótese de que o PB admite a ocorrência de sintagmas preposicionados em posição de sujeito. Cabe destacar ainda que as sentenças em (b) mostram que a preposição pode ser eliminada, sem resultar em qualquer alteração aparente no sentido da sentença ou no papel temático atribuído ao constituinte em posição pré-verbal.

Outras línguas da família bantu apresentam dados produtivos com preposição em sintagmas pré-verbais e interpretação locativa, como, por exemplo, o Sesotho, o Setswana e o Kinyarwanda. Diante disso, Avelar e Galves (2013) reafirmam que o PB compartilha propriedades com línguas do grupo bantu, no que diz respeito à inversão locativa, exibindo assim um padrão não usual em línguas indo-europeias.

Exemplos como (211), (212) e (213), apresentados a seguir, também são usados para justificar a hipótese do contato.

(211) a. “as paredes tão caindo o reboco e o dinheiro mau (sic) dá para pagar a conta”

b. O reboco das paredes tá caindo.

(212) a. “Sonhei que estava em minha casa e ela estava incendiando o telhado”

b. Sonhei que estava em minha casa e o telhado dela estava se incendiando.

(213) a. “eu inflamei o músculo do dedo, na articulação”

b. O músculo do meu dedo inflamou.

(AVELAR; GALVES, 2013, p. 114)

As sentenças em (a) apresentam concordância possessiva, isto é, o sintagma que concorda com o verbo equivale semanticamente a um termo adnominal preposicionado, interpretado como possuidor, como observamos no contraste com as sentenças em (b). Tais construções também são produtivas em línguas como o Chichewa, o Haia e o Swahili.

Diante das evidências apresentadas, os autores afirmam que, os dois padrões de concordância, a locativa e a possessiva, evidenciam que a sintaxe do PB é bastante “liberal” no que diz respeito à natureza do constituinte que pode concordar com a flexão verbal, assim como ocorre em línguas da família bantu.

4.1.5 A cartografia dos sujeitos locativos – Reis (2017)

A partir de pressupostos cartográficos, a pesquisa de Reis (2017) teve como tema a sintaxe dos sujeitos locativos no PB. O principal objetivo da autora foi investigar a estrutura de sentenças com PPloc e DPloc em posição pré-verbal, respectivamente (214a) e (214b).

(214) a. **Nessa rádio** toca as melhores músicas.

b. **Essa rádio** toca as melhores músicas.

(REIS, 2017, p. 22)

Reis (2017) defende a hipótese de que essas estruturas, embora aparentemente similares, não devem receber o mesmo tratamento sintático, o que corrobora a teoria de que há diferentes posições destinadas ao sujeito, localizadas no *middlefield* (CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI, 2005; RIZZI; SHLONSKY, 2007).

Para cumprir os objetivos da pesquisa, a autora apresentou um teste de julgamento de aceitabilidade, o qual continha sentenças com PPloc e DPloc em três condições: (i) com verbos na 3ª pessoa do singular, como em (215); (ii) com verbos na 3ª pessoa do plural, como em (216); e (iii) com verbos na 3ª pessoa do singular mais a partícula *se*, em posição de ênclise³³, como em (217). Embora os dados não tenham recebido tratamento estatístico, os resultados obtidos são interessantes e merecem atenção. Cabe ressaltar que o teste foi aplicado com 100 falantes nativos do PB, nascidos em diferentes estados brasileiros, através das redes sociais e de forma anônima.

³³ Reis (2017) justifica que optou pela ênclise, uma vez que as sentenças investigadas eram simples, curtas e não apresentavam elemento que condicionasse o uso de próclise.

- (215) a. Na livraria vende livros.
b. A livraria vende livros.

- (216) a. Na livraria vendem livros.
b. A livraria vendem livros.

- (217) a. Na livraria vende-se livros.
b. A livraria vende-se livros.

(REIS, 2017)

Os resultados mostraram que, de fato, a diferença entre as estruturas com PPloc e com DPloc foi detectada pelos falantes da língua. Com isso, Reis (2017) comprovou sua hipótese inicial de que estamos diante de construções sintáticas distintas.

(218) Sentenças com PPloc:

- a. Na escola aceita cartão de crédito – 75% aceitável
- b. Na escola aceitam cartão de crédito – 83% aceitável
- c. Na escola aceita-se cartão de crédito – 90% aceitável
- d. Nessa rádio toca as melhores músicas – 70% aceitável
- e. Nessa rádio tocam as melhores músicas – 93% aceitável
- f. Nessa rádio toca-se as melhores músicas – 76% aceitável

(219) Sentenças com DPloc:

- a. A escola aceita cartão de crédito – 95% aceitável
- b. A escola aceitam cartão de crédito – 4% aceitável
- c. A escola aceita-se cartão de crédito – 9% aceitável
- d. Essa rádio toca as melhores músicas – 97% aceitável
- e. Essa rádio tocam as melhores músicas – 16% aceitável
- f. Essa rádio toca-se as melhores músicas – 13% aceitável

De modo geral, os resultados obtidos mostraram que, em sentenças com PPloc pré-verbal, os falantes ainda preferem os contextos prototípicos de sentenças

genéricas/impessoais, isto é, o uso do pronome *se*³⁴ e do verbo na terceira pessoa do plural. Entretanto, os resultados também mostraram que as construções com o verbo na terceira pessoa do singular também foram bem aceitas, indo ao encontro da literatura.

Já em relação às sentenças com DPloc pré-verbal, os altos índices de aceitação da concordância entre DPloc e verbo revelam que o constituinte locativo, nesse caso, se comporta como qualquer argumento externo de verbo transitivo e, por isso, precisa passar pela posição destinada à checagem de Caso e concordância. Além disso, os baixos índices de aceitabilidade das sentenças com DPloc e pronome *se* revelam que não é possível disparar uma leitura impessoal nesse tipo de construção.

Com base em Cardinaletti (2004; 2014) e Quarezemin e Cardinaletti (2017), e a partir das evidências apresentadas, Reis (2017) assume estruturas distintas para as construções investigadas.

- (220) a. [_{SubjP} PPloc_i [_{TP} *pro*_{genérico} verbo [_{VP} t_i DP]]]
 b. [_{SubjP} DPloc_i [_{TP} t_i verbo [_{VP} t_i DP]]]

Na estrutura proposta para construções com PPloc frontado (220a), o constituinte locativo é movido diretamente para a posição Spec,SubjP, a fim de checar o traço sujeito da predicação. Assim, não há checagem de Caso nominativo e concordância pelo PPloc, já que ele não passa pela posição de sujeito gramatical. Além disso, a estrutura em (220a) conta com um *pro* genérico, ocupando a posição Spec,TP, fator crucial na diferença entre as sentenças locativas analisadas pela autora.

Já em (220b), o DPloc se move, inicialmente, para Spec,TP, onde checa seus traços de Caso e concordância e, em seguida, desloca-se para Spec,SubjP, onde recebe o traço de sujeito da predicação. Nesse caso, a interpretação impessoal não é possível, uma vez que a passagem do DPloc pela posição Spec,TP impossibilita a ocorrência de um *pro* genérico.

Por fim, a partir de Cardinaletti (2004) e Quarezemin e Cardinaletti (2017), Reis (2017) reafirma que o preenchimento da posição pré-verbal, nos casos em que há um constituinte que não é o sujeito gramatical, não está condicionado ao sistema Caso-concordância, mas relacionado ao fato de ser o sujeito da predicação.

³⁴ Reis (2017) salienta que a escolha pela forma *default* pode estar diretamente relacionada ao alto grau de escolaridade dos participantes da pesquisa – 81% com ensino superior completo e 13% com ensino superior incompleto.

4.1.6 Sentenças Impessoais Nulas Existenciais – Carvalho (2018a; 2018b)

A partir da Morfologia Distribuída, Carvalho (2018a) estuda três construções que estão apresentando mudanças em sua sintaxe no PB: anticausativas (221a), médias (221b) e impessoais (221c).

- (221) a. O prato (se) quebrou.
 b. Essa roupa (se) lava fácil.
 c. Nessa loja não (se) vende sapato.

(CARVALHO, 2018a, p. 662, adaptado)

Para a autora, o apagamento do clítico *se* aponta para a ausência da projeção Voice, a qual introduz um argumento externo. Nesse sentido, a mudança nas construções em (221) estaria relacionada à perda do clítico que nucleia um tipo de projeção Voice específica, o que levaria as construções marcadas (com clítico) e não marcadas (sem clítico) a apresentarem estruturas sintáticas distintas.

Em se tratando das sentenças impessoais, Carvalho (2018a) afirma que, ao contrário das médias, não é possível dizer que elas apresentam o mesmo comportamento de sentenças inacusativas.

- (222) a. Aqui conserta torneira de banheiro.
 b. *Aqui banheiro conserta torneira.

(CARVALHO, 2018a, p. 676)

O teste revela que o alçamento de possuidor do objeto é agramatical em sentenças pessoais não marcadas. Isso nos leva a concluir que o elemento que está saturando a posição de argumento externo em (222a) está presente na sintaxe.

Para justificar sua análise, Carvalho (2018a; 2018b) cita três características das sentenças que embasam sua hipótese. A seguir, apresentamos cada uma delas.

Em primeiro lugar, as impessoais não marcadas licenciam somente modificadores locativos que localizam o evento descrito, como ilustrado nas sentenças em (223).

- (223) a. Com garra, *(se) aprende muito.
 b. No meu julgamento *(se) lida com isso de uma forma problemática.
 c. Nesta empresa (se) empresta dinheiro.

(CARVALHO, 2018a, p. 676)

Nos exemplos em (223), as impessoais marcadas licenciam qualquer elemento que seja coerente com o evento descrito. Já as impessoais não marcadas só licenciam locativos, como em (223c). Entretanto, Carvalho (2018a) ressalta que não é qualquer tipo de locativo que satisfaz os requerimentos de impessoais não marcadas, dada a agramaticalidade da sentença **Dessa empresa empresta dinheiro*.

A segunda assimetria entre impessoais marcadas e não marcadas diz respeito à seleção verbal, como também observado por Avelar e Cyrino (2008a). Enquanto as primeiras não parecem ter requerimentos seletivos específicos, as não marcadas só são bem formadas com verbos transitivos *stage-level*, nas quais a leitura de um participante arbitrário só é obtida para o argumento externo. Isso quer dizer que apenas ele pode receber uma interpretação arbitrária em sentenças impessoais nulas.

(224) **Transitivo *stage-level*:**

- a. Vende-se bons vinhos naquele restaurante.
 a'. Vende bons vinhos naquele restaurante.

Inacusativo *stage-level*:

- b. Cresce-se muito após sair da casa dos pais.
 b'. *Cresce muito após sair da casa dos pais.

Transitivo *individual-level*:

- c. Após os 70 anos se teme a morte súbita.
 c'. *Após os 70 anos, teme a morte súbita.

Inacusativo *individual-level*:

- d. Nesta fila imensa se fica muito tempo.
 d'. *Nesta fila imensa fica muito tempo.

Inergativo *stage-level*³⁵:

- e. Neste país se trabalha muito.
e'. Neste país trabalha muito.

(CARVALHO, 2018a, p. 677; 678, adaptado)

Diante da restrição verbal apresentada, e considerando que somente modificadores locativos são licenciados em construções impessoais não marcadas, Carvalho (2018a) justifica sua hipótese de que os modificadores adverbiais licenciados em sentenças impessoais nulas são modificadores de todo o evento verbal e, por essa razão, devem ser concatenados acima de vP, ocupando uma posição estrutural semelhante a de um argumento externo. Nesse caso, é a presença do locativo que leva à leitura de existência de um participante arbitrário.

Por fim, outra diferença entre impessoais marcadas e não marcadas é que estas não aceitam advérbios orientados para sujeito, como no exemplo a seguir.

- (225) a. Naquele restaurante se vende vinhos bons **de propósito**.
a'. *Naquele restaurante vende vinhos bons **de propósito**.

b. Aqui se vive **isolado**.

b'. *Aqui vive **isolado**.

(CARVALHO, 2018a, p. 680, adaptado)

Ainda sobre o assunto, Carvalho (2018b) apresenta outras construções que evidenciam o não licenciamento de elementos que apontam a presença de um agente em sentenças impessoais não marcadas, como: orações de propósito (226a), anáforas (226b) e DPs com possessivo nulo que precisam de antecedente humano (226c).

- (226) a. *Naquela escola de culinária prepara doce **para ficar famoso**.
b. *Na feira não escuta **a si mesmo**.

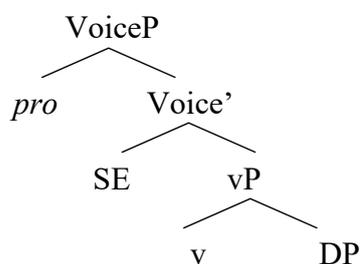
³⁵ Carvalho (2018a) chama atenção para o fato de que, aparentemente, todos os verbos inergativos são do tipo *stage-level*. Assim, os exemplos mostram que impessoais marcadas com o clítico *se* não apresentam restrições, isto é, tanto verbos transitivos quanto inacusativos e inergativos são licenciados, independente de serem *stage* ou *individual-level*.

c. *Na sala de aula levanta **a mão**.

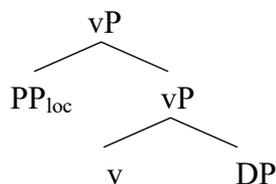
(CARVALHO, 2018b, p. 86, grifo nosso)

A autora defende que a perda de *se* leva à perda de uma projeção Voice, responsável pela agentividade das sentenças em impessoais não marcadas. Nesse caso, outro elemento é usado para que a interpretação arbitrária se mantenha: o locativo.

(227) Sentenças impessoais marcadas:



(228) Sentenças impessoais não marcadas:



(CARVALHO, 2018a, p. 680)

Assim, para Carvalho (2018a; 2018b), a diferença crucial entre eventos marcados e não marcados está diretamente relacionada à perda da projeção Voice. No caso das sentenças médias e das impessoais, a perda de *se* leva também à perda de *pro*, o que significa que há alguma dependência entre esses dois elementos dentro de Voice. Carvalho (2018a) explica que o clítico *se* se constitui como um conjunto interpretável de traços-phi de número, mas não é possível que denote uma entidade por si só. O elemento que satura a posição de argumento externo é *pro*, que tem traços de número e pessoa, mas se comporta como um pronome pleno. Dada essa relação de dependência, *pro* também não é mais projetado.

4.1.7 Locativos, concordância e Caso – Avelar & Galves (2021)

Avelar e Galves (2021) iniciam a discussão sobre as sentenças com locativo pré-verbal dividindo os dados investigados em três grupos. O primeiro diz respeito às sentenças que desencadeiam a concordância entre locativo preposicionado e o verbo, como em (229a). Já o segundo grupo abrange as construções que apresentam um constituinte com interpretação locativa que corresponde ao sujeito lógico e são preposicionados, contrariando a língua padrão (229b). Por fim, o terceiro grupo é formado por sentenças que contêm um constituinte com interpretação locativa, o qual perde a preposição e concorda com o verbo, conforme (229c).

- (229) a. [...] “Nas camas cabem uma família de quatro pessoas e ninguém se encosta”.
 b. [...] “Neste livro contém relatos de experiências e conselhos a cada final do capítulo”.
 c. “no interior de SP e do Rio, algumas cidades nevam”.

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 190 – 191, adaptado)

De acordo com Avelar e Galves (2021), os pressupostos minimalistas têm procurado explicar esses dados, a partir da hipótese de que Spec,TP, no PB, pode ser criado sem a ação de traços-phi, o que permite que constituintes de diferentes naturezas ocupem esta posição, fato que não ocorre em PE e nas demais línguas românicas.

Os autores iniciam sua análise das sentenças com locativos pré-verbais, comparando as sentenças apresentadas abaixo.

- (230) a. *Este quarto* comporta muitas pessoas.
 a'. *Comporta muitas pessoas *este quarto*.
 b. *Neste quarto* comporta muitas pessoas.
 b'. Comporta muitas pessoas *neste quarto*.

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 202-203, grifos dos autores)

A construção em (230a) é derivada da mesma forma que as demais construções transitivas, isto é, o argumento interno *muitas pessoas* recebe Caso acusativo na interação

com o complexo v-V. O argumento externo *este quarto*, por sua vez, recebe Caso nominativo na interação com o complexo C-T.

Para explicar o que ocorre na sentença (230b), os autores comparam (a') e (b'). Tal assimetria revela que o PP [neste quarto] está inicialmente conectado em uma posição interna ao VP, conforme representação proposta em (231).

(231) a. Comporta muitas pessoas neste quarto.

a'. [TP pro_{expl} [T' T ... [VP comporta [DP muitas pessoas [VP [PP neste quarto]]]]]

b. Neste quarto comporta muitas pessoas.

b'. [TP [PP Neste quarto]_i [T' T ... [VP comporta [DP muitas pessoas] [VP t_i]]]

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 203)

Sobre as estruturas, Avelar e Galves (2021) ressaltam duas questões a serem abordadas: os requerimentos de marcação casual; e a projeção de v, isto é, se este núcleo está presente ou não na estrutura. Os autores defendem que, se v estiver presente, a posição de Spec,vP deve ser projetada e ocupada por um argumento externo, com o argumento interno recebendo Caso acusativo a partir da interação com o complexo v-V. Ao contrário disso, se v estiver ausente, o argumento interno deve receber Caso nominativo a partir da interação com T.

Avelar e Galves (2021) passam a explorar então a hipótese de que vP não é projetado nas sentenças em (231b), sendo os requerimentos de marcação de Caso satisfeitos da seguinte forma: o DP *muitas pessoas* e T compartilham um mesmo traço de Caso nominativo; já o PPloc não participa desse compartilhamento, pois não está no mesmo domínio de c-comando do DP, além de já dispor de um traço valorado de Caso, neste caso, oblíquo. Se essa configuração estiver correta, a marca de concordância passa a ser uma questão relevante. Como T e DP interagem para efeitos de marcação casual, é esperado que os traços-phi em T, herdados de C, sejam valorados em conformidade com os traços-phi do argumento interno, o que gera uma sentença agramatical, como, por exemplo: **Neste quarto comportam muitas pessoas*³⁶.

³⁶ A sentença em questão só seria gramatical se a flexão do verbo na 3ª pessoa do plural indicasse um sujeito indeterminado, admitindo uma paráfrase como *Neste quarto, eles comportam muitas pessoas*. Entretanto, essa não é uma interpretação relevante para a discussão apresentada, segundo os autores.

Para tentar explicar esse impasse, os autores sugerem que antes de serem transferidos para T, os traços-phi de C são previamente valorados na 3ª pessoa do singular através de uma relação de concordância com o locativo em Spec,TP. Entretanto, o problema, segundo eles, é que as relações de concordância para a valoração dos traços-phi do complexo C-T envolvem normalmente a participação de um DP, e não de um PP.

Avelar e Galves (2021), então, resgatam a proposta de Avelar (2009) de que muitos constituintes com interpretação locativa que se realizam na forma de um sintagma preposicionado consistem na projeção de um pronome adverbial sem realização fonológica no PB. Em (232), temos a representação desses constituintes, com o núcleo Loc consistindo na versão nula ou fonologicamente realizada.

- (232) a. [_{LocP} Loc [_{PP} P DP]]
 b. [_{LocP} cv/aqui/aí/ali/lá [_{PP} no quarto]]

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 205)

A explicação dos autores é que um locativo como *no quarto* pode ser tomado como complemento de Loc (232b), com LocP consistindo na projeção de uma categoria vazia (cv) ou de itens como *aqui, aí, ali* ou *lá*³⁷. Além disso, defendem que LocP pode ser licenciado tanto em posições típicas de constituintes nominais, como Spec,TP, quanto em posições de adjunto, uma vez que Loc se apresenta como um híbrido de pronome e advérbio.

- (233) a. [...] “aqui na loja vende esse roteador [...]”.
 b. *Aqui* vende esse roteador.
 c. *A loja* vende esse roteador.
 d. *Na loja* vende esse roteador.

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 207, adaptado)

Nas sentenças em (233), a construção em (a) pode ser parafraseada com LocP sendo substituído por um pronome locativo-adverbial, por um sintagma nominal ou por um

³⁷ Lunguinho (c.p.) chama atenção para construções do tipo *Na empresa lá eles reembolsam* e *A empresa lá eles reembolsam*, em que o locativo aparece em posição anterior ao item *lá* que, por sua vez, antecede o pronome *eles*. Tais estruturas não são citadas por Avelar (2009) e Avelar e Galves (2021), configurando-se, assim, como dados interessantes para futuras investigações.

sintagma preposicionado, respectivamente, todos com o mesmo referente. Para Avelar e Galves (2021), todos eles ocupam Spec,TP e a diferença é que, nas sentenças em (d), Loc não tem realização morfológica, com o constituinte se superficializando na forma de PP³⁸.

Ainda sobre essa proposta, Avelar e Galves (2021) afirmam que pronomes locativo-adverbiais devem dispor de traços-phi, assim como qualquer outra categoria (pro)nominal. No caso dos itens *aqui*, *aí*, *ali* ou *lá*, estes nunca desencadeiam a flexão de plural sobre o verbo, o que leva à conclusão de que sempre ocorrem com os traços de 3ª pessoa do singular. Tal ideia explica a agramaticalidade de (234a).

- (234) a. *(Aqui) neste quarto comportam muitas pessoas.
 b. (Aqui) neste quarto comporta muitas pessoas.

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 208)

Para explicar essa assimetria, os autores consideram que os traços-phi de T são valorados pela concordância com LocP (3ª pessoa do singular), embora o traço de Caso nominativo seja compartilhado entre T e o argumento interno. Além disso, a estrutura dessas construções não dispõe de vP, não havendo qualquer argumento externo na construção, salvo nos casos em que o constituinte locativo é um DP, como (233c).

A seguir, apresentamos a comparação entre as sentenças (235) e (236), as quais explicam a hipótese dos autores.

- (235) a. O hospital trata você bem.
 b. O hospital te trata bem.

- (236) a. No hospital trata você bem.
 b. *No hospital te trata bem.

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 210)

Em (235), o DP [o hospital] é argumento externo do verbo, sendo valorado como nominativo. Nesse caso, *você* e *te* recebem Caso acusativo, uma vez que representam o

³⁸ Conforme exposto na nota 29, consideramos essa assunção *ad hoc*, pois não é possível afirmar que há um advérbio nulo em todas as sentenças com PPloc pré-verbal.

argumento interno do verbo. Já em (236), a alternância entre *você* e *te* não é possível, o que leva à conclusão de que o argumento interno deve ser marcado como nominativo por ter seu traço de Caso compartilhado com T. O resultado é diferente quando o verbo é colocado em 3ª pessoa do plural, produzindo uma interpretação de indeterminação de sujeito:

- (237) a. No hospital tratam você bem.
 b. No hospital te tratam bem.

(AVELAR; GALVES, 2021, p. 210)

As sentenças em (237) são gramaticais porque é necessário assumir um pronome nulo indeterminado na estrutura, a fim de garantir a leitura de indeterminação agentiva. Para tanto, a estrutura precisa de vP, com o pronome sendo inicialmente conectado em Spec,vP, daí se movendo para Spec,TP. O locativo, nesse caso, deve ocupar uma posição acima de TP, sem ter qualquer relação com Spec,TP.

Com a discussão apresentada, os autores acreditam que os casos de sentenças com PPloc e verbo no plural são resultado de uma hipercorreção motivada pelo fato de o constituinte locativo estar alocado em Spec,TP e, além disso, de o DP plural ser linearmente adjacente ao verbo. Nesse sentido, o que está ocorrendo é uma mudança no estatuto de T do PB, ou seja, Spec,TP admite constituintes com os quais não compartilha o seu traço de Caso, muito embora possa estabelecer uma relação de concordância.

4.2 SÍNTESE DO CAPÍTULO 4

Buscamos, no capítulo 4, introduzir o objeto de investigação, explorando as principais características das sentenças com sujeito locativo. De modo geral, elas são licenciadas com verbos inacusativos, inergativos e transitivos do tipo *stage-level*. Além disso, há uma diferença crucial entre as sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais: somente as primeiras disparam uma leitura impessoal, uma vez que o DPloc se comporta como qualquer argumento externo do verbo.

Também nesse capítulo apresentamos diferentes pesquisas sobre o tema. Silva (2001) introduz uma discussão pioneira sobre a inversão locativa nos dados do PB. A partir do Minimalismo, a autora defende que o PPloc apresenta *status* de sujeito em algum ponto da derivação, ocupando a posição Spec,TP, onde checa o traço EPP. Cabe ressaltar que Silva (2001) acredita que não é possível a ocorrência de verbos transitivos nessas construções por questões de movimento. No entanto, ela não menciona a possibilidade de se ter o apagamento do argumento externo em sentenças com PPloc pré-verbal e verbo transitivo: Na livraria da esquina vende/vendem livros usados.

Diferentemente de Silva (2001), Avelar e Cyrino (2008a; 2008b) mostram a possibilidade de alguns verbos transitivos serem empregados nas construções com inversão locativa. Além disso, os autores apontam que a possibilidade de o PPloc figurar em posição pré-verbal seria resultado do contato entre o português e línguas da família bantu. A partir desse contato, e considerando uma estrutura menos marcada produzida pelas crianças, os autores acreditam que o locativo pode ser concatenado diretamente na posição Spec,TP. Com isso, a presença do argumento externo em Spec,VP deixa de ser obrigatória, assim como ocorre nas sentenças passivas analíticas.

Avelar (2009), por sua vez, defende que o paradigma flexional do PB “autoriza” relações de concordância entre o verbo e o PPloc pré-verbal. Dessa forma, o autor sugere que os locativos preposicionados apresentam um pronome adverbial como núcleo que pode, ou não, ser realizado fonologicamente: (aqui) na sala, (lá) na cidade, etc. Como posição última do PPloc, Avelar (2009) propõe que ele nasce como adjunto de VP e se movimenta até Spec,TP porque o pronome adverbial (fonologicamente realizado ou nulo) entra na derivação requerendo a marcação de Caso. A concordância, nesse caso, é estabelecida à distância.

Na mesma linha de Avelar e Cyrino (2008a; 2008b), Avelar e Galves (2013) se baseiam na hipótese do contato entre o PB e as línguas bantu para justificar a possível concordância entre verbo e locativo. Diante da investigação realizada, os autores ressaltam

que o PB é bastante “liberal” quanto à natureza do constituinte que pode acionar concordância com a flexão verbal, conforme ocorre em línguas bantu.

Já Reis (2017), baseando-se nos pressupostos da Cartografia, mostra as principais assimetrias entre sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais, as quais corroboram com a defesa de que há diferentes posições destinadas ao sujeito no domínio argumental. Isso reforça que o preenchimento da posição pré-verbal está relacionado ao traço *sujeito da predicação*, e não apenas condicionado ao sistema Caso-concordância (CARDINALETTI, 2004; RIZZI; SHLONSKY, 2007; e outros). Assim, a autora defende que o PPloc deve se mover diretamente para a posição Spec,SubjP, não passando por Spec,TP, visto que não há checagem de Caso e concordância. Em contrapartida, o DPloc se move para Spec,TP, checa Caso e concordância e, em seguida, se move para Spec,SubjP, onde finaliza seu movimento checando o traço *sujeito da predicação*.

A partir da Morfologia Distribuída, Carvalho (2018a; 2018b) defende que a perda do clítico *se* ocasiona a perda de uma projeção Voice, a qual é responsável por introduzir um argumento externo. Nesse caso, o locativo é usado para que a interpretação arbitrária se mantenha. Diante das evidências apresentadas, a autora assume estruturas diferentes para as construções impessoais marcadas (com clítico) e não marcadas (sem clítico).

Avelar e Galves (2021) resgatam a proposta de Avelar (2009) sobre a existência de um pronome adverbial sem realização fonológica para explorar a hipótese de que vP não é projetado nas construções com PPloc pré-verbal. Dessa maneira, os autores consideram que os traços-phi de T são valorados pela concordância com LocP (3ª pessoa do singular), embora o Caso nominativo seja compartilhado entre T e argumento interno. Como essas construções não dispõem de vP, não há a realização do argumento externo, exceto nos casos em que há a realização fonológica de um pronome adverbial.

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO DO LOCATIVO NA HIERARQUIA DA SENTENÇA

Nesse capítulo, objetivamos aprofundar algumas questões relevantes sobre as construções com locativos pré-verbais, sobretudo a respeito da posição de origem desses constituintes. Além disso, investigaremos a posição SubjP na hierarquia funcional, considerando o ordenamento dos advérbios proposto por Cinque (1999).

Cabe reafirmar que, a partir do exposto nas seções anteriores, assumimos previamente que o sujeito do PB está alocado em posição argumental, e não deslocado à esquerda. Assim, SubjP é confirmada como a posição criterial de sujeito.

5.1 O PP LOCATIVO

Uma questão bastante debatida sobre as sentenças com sujeito locativo, sobretudo aquelas que têm um PPloc em posição pré-verbal, é justamente a origem deste constituinte na estrutura frasal. À primeira vista, considerar o locativo preposicionado como adjunto da sentença parece ser a saída mais fácil, conforme muitas análises preveem. No entanto, há argumentos que questionam o estatuto dos locativos como meras adjunções.

A seguir, daremos continuidade à discussão.

5.1.1 Assimetria entre o apagamento dos argumentos externo e interno e a boa formação da sentença

O primeiro ponto a se considerar é a obrigatoriedade do PPloc para a boa formação da sentença, diante da agramaticalidade de (238e) (SILVA, 2001; AVELAR; CYRINO, 2008b; REIS, 2017, entre outros). Nas orações abaixo podemos observar que há uma assimetria nas construções apresentadas, visto que é possível se ter o apagamento do argumento externo (238b,c), mas não do interno (238d).

- (238) a. Joana vende canetas coloridas naquela papelaria.
 b. Vende(m) canetas coloridas naquela papelaria.
 c. Naquela papelaria vende canetas coloridas.
 d. ?Joana vende naquela papelaria.
 e. *Vende canetas coloridas.

A impossibilidade de apagamento do argumento interno ocorre independente da ordem dos constituintes na sentença, conforme (239).

- (239) a. #Naquela papelaria Joana vende.
 b. *Naquela papelaria vende Joana.
 c. *Vende Joana naquela papelaria.

Julgamos que a sentença em (239a) é possível em alguns contextos específicos, como em (240), não sendo possível utilizá-la em contextos *out-of-the-blue*. O mesmo acontece com a construção em (238d), repetida abaixo em (240b).

- (240) – Onde será que vende canetas coloridas?
 a. Naquela papelaria Joana vende.
 b. Joana vende naquela papelaria.

Consideramos, assim, que a produtividade da sentença está condicionada à presença do locativo nos casos em que há o apagamento do argumento externo. Tal evidência pode indicar que o constituinte locativo satura uma posição argumental na sentença (FERNÁNDEZ-SORIANO, 1999; NEGRÃO; VIOTTI, 2011; CARVALHO, 2018a; 2018b). Trataremos sobre essa questão nas seções a seguir.

5.1.2 PPloc e o deslocamento à esquerda

Analisando as propriedades das sentenças com PPloc pré-verbal e verbo na terceira pessoa do singular, Carvalho (2018a; 2018b) defende que o locativo, em sentenças impessoais não marcadas, deve figurar em posição de argumento externo.

Todavia, a possibilidade de incluir um DP agente nessas sentenças enfraquece tal proposta. Se isso fosse verdade, as construções apresentadas em (241) seriam agramaticais, o que não acontece.

- (241) a. Naquela papelaria **Joana** vende canetas coloridas.
 b. Nessa fazenda **João** planta arroz.

Já nas sentenças em que não há um agente explícito, a leitura não referencial indica a presença de um *pro*, como em (242). Nesse caso, é possível que o verbo apareça no singular ou no plural.

- (242) a. Naquela papelaria *pro* vende/vendem canetas coloridas.
 b. Nessa fazenda *pro* planta/plantam arroz.

Quando há um argumento externo manifesto, é ele que sobe para a posição Spec,TP, checa Caso nominativo e traços- ϕ , e finaliza seu movimento na posição criterial de sujeito, Spec,SubjP. Com isso, podemos dizer que esse DP é tanto o sujeito gramatical, quanto o sujeito semântico da predicação.

Já o PPloc figura deslocado nesse caso, ocupando uma posição na periferia esquerda da oração. Diante disso, consideramos que o Caso oblíquo foi valorado dentro do próprio sintagma e a subida dele ocorre por outra motivação. A depender da checagem de traços, algumas posições do domínio CP são candidatas a receberem o PPloc: FocP, ToP e FinP. A estrutura da construção em (241a) é retratada em (243).

- (243) [_{CP} Naquela papelaria_i [_{SubjP} Joana_i [_{TP} t_i vende [_{VP} t_j t_i canetas coloridas]]]]

Embora o PPloc seja obrigatório em sentenças com o apagamento do argumento externo, não podemos ignorar a boa formação de construções com os dois constituintes morfofonologicamente realizados. Quando isso ocorre, a concordância se torna obrigatória.

- (244) a. Naquela papelaria Joana vende canetas coloridas.
 a'. *Naquela papelaria Joana vendem canetas coloridas.
 b. *Naquela fazenda os fazendeiros planta arroz.
 b'. Naquela fazenda os fazendeiros plantam arroz.

Parece-nos, portanto, que o PPloc em posição fronteada não tem as mesmas propriedades de um argumento externo e, por isso, tende a figurar em uma posição distinta, provavelmente acima de vP. Em relação a essa questão, Maienborn (2003) realiza uma análise sintático-semântica dos locativos no alemão, propondo que os PPloc pré-verbais são modificadores de cena e, por isso, se concatenam acima de vP.

Observamos ainda que, quando o sujeito está deslocado à esquerda, o PPloc também figura em uma posição na zona CP, como mostrado em (245). Já a subida do argumento interno apresenta restrições. O contraste entre (246a) e (246c) significa que o PPloc precisa figurar abaixo do argumento interno deslocado, caso contrário a sentença se torna agramatical. (246b) mostra o DP [arroz] em posição de foco, o que reforça que o PPloc está em posição mais baixa em CP.

- (245) a. Joana, naquela papelaria, vende canetas coloridas.
 b. João, nessa fazenda, planta arroz.
 c. [CP DP_i PPloc_j [TP t_i verbo [VP t_j t_i DP]]]

- (246) a. ?Arroz, nessa fazenda, João planta.
 b. ARROZ, nessa fazenda, João planta (e não batata).
 c. *Nessa fazenda, arroz, João planta.

Realizando testes de extração Wh, notamos que tanto o sujeito quanto o objeto podem ser extraídos, assim como o PPloc. Nesse sentido, lembramos que SubjP é uma posição criterial, isto é, o constituinte que é movido para lá sofre congelamento, não sendo possível alcançar as posições de CP. Como solução, Rizzi e Shlonsky (2007) visualizam algumas estratégias para possibilitar a extração desses constituintes. Uma delas seria considerar um *pro* expletivo preenchendo Spec,SubjP. Isso quer dizer que *pro* pode satisfazer formalmente o critério sujeito³⁹, permitindo que o sujeito temático se movimente de uma posição mais baixa para uma posição na periferia esquerda da oração.

Nos exemplos abaixo, fica evidente que ambos, pronome Wh e locativo, estão deslocados à esquerda.

- (247) a. Quem_i (que) nessa fazenda t_i planta arroz?
 b. O que_i (que) nessa fazenda João planta t_i?

- (248) a. O que_i (que) a Ana acredita que nessa fazenda o João planta t_i?
 b. Quem_i (que) a Ana acredita que nessa fazenda t_i planta arroz?

³⁹ Para uma análise diferente, consultar Cardinaletti (2004).

A projeção Qemb, proposta por Rizzi (2004) para alojar elementos Wh de orações encaixadas, é a candidata a receber os pronomes *quem* e *o que*. Em (247), consideramos que é possível o PPloc ocupar FinP, justamente por ocupar uma posição deslocada, abaixo do Wh.

Como resposta à pergunta em (248a), repetida a seguir, temos a construção em (249a). Julgamos que (249b) parece não ser compatível com o contexto e (249c) apresenta restrições, pois não se configura como uma resposta natural à pergunta.

(249) – O que (que) a Ana acredita que nessa fazenda o João planta?⁴⁰

- a. A Ana acredita que nessa fazenda o João planta arroz.
- b. #A Ana acredita que o João nessa fazenda planta arroz.
- c. ?/*A Ana acredita que arroz nessa fazenda o João planta.

Entretanto, cabe ressaltar que as sentenças em (249b) e (249c) são aceitas em contextos de foco contrastivo, (250).

(250) a. Ana acredita que O JOÃO nessa fazenda planta arroz, e não o Pedro.

b. Ana acredita que ARROZ nessa fazenda o João planta, e não batata.

A partir dos testes realizados, verificamos que o PPloc se move obrigatoriamente para CP, quando o sujeito gramatical está expresso na oração. Mas a questão que continua em aberto é: onde nasce o PPloc pré-verbal que pode figurar tanto em SubjP, quanto na periferia esquerda, em CP? Buscaremos responder esse questionamento na próxima seção.

5.1.3 Assumindo uma estrutura para as sentenças com PPloc pré-verbal

Negrão e Viotti (2020) sugerem que o PB parece valorizar a codificação do conteúdo informacional, conforme ocorre em língua bantu. Por consequência, há constituintes com semânticas diversas que podem ocupar a posição de sujeito, Spec,TP⁴¹. No entanto, diferente do que buscamos defender, as autoras afirmam que é possível estabelecer concordância entre

⁴⁰ Esse contexto é possível com o apagamento do argumento externo, conforme já previsto por Quarezemin e Cardinaletti (2017), o que indica que, nesse caso, o PPloc figura em posição argumental.

(i) - O que (que) a Ana acredita que nessa fazenda planta(m)?

a. Ana acredita que nessa fazenda planta(m) arroz.

⁴¹ Consulte a seção 4.1 para ver diferentes análises que consideram a subida do locativo para Spec,TP.

esses constituintes e o verbo, incluindo os locativos preposicionados. Em nosso entendimento, essa ideia não se sustenta sob a ótica da abordagem cartográfica.

A possibilidade de que essas construções apresentem uma estrutura inacusativa também não é viável (AVELAR; CYRINO, 2008a; CARVALHO, 2016; 2018a), uma vez que o alçamento do possuidor torna a sentença agramatical. Comparando (251a') com (b'), verificamos que o possuidor não consegue ocupar a posição pré-verbal na construção com verbo transitivo, o que sugere que o PPloc e o possuidor em (a'), nesse caso, estão competindo pela mesma posição. A estrutura em (251b'), por sua vez, é licenciada devido à natureza do verbo inacusativo. O possuidor é alçado para a posição de *sujeito da predicação*, devendo o PPloc figurar deslocado.

(251) a. Na oficina do João conserta pneu de carro.

a'. *Na oficina do João carro conserta pneu.

b. Na oficina do João furou o pneu do carro.

b'. Na oficina do João o carro furou o pneu.

Nesse sentido, uma proposta plausível é considerar a zona dos PPs circunstanciais, proposta por Cinque (2006; 2010). Segundo o autor, esses constituintes são combinados, respeitando uma ordem hierárquica rígida. Como exemplo disso, a má formação de (252a', b') indica que em construções com duplo complemento, a ordem canônica possível é NP > PP.

(252) a. João deu flores para Maria.

a'. *João deu para Maria flores.

b. Paulo pôs o livro na estante.

b'. *Paulo pôs na estante o livro.

A partir de uma investigação com dados produtivos de diferentes línguas, Cinque (2006) propõe que alguns circunstanciais podem figurar entre o *middlefield* e a zona argumental⁴². São eles: PPtemp, PPloc e PPmodo. Quando coocorrem na mesma estrutura, o

⁴² Tratamos sobre a proposta do autor no capítulo 2 dessa tese.

PPtemp deve preceder o PPloc que precede o PPmodo, garantindo a aceitabilidade da sentença. Rogeri (2019, p. 62) confirma essa hierarquia para os circunstanciais do PB.

(253) PPloc *versus* PPmodo:

- a. [Naquele quarto]_{PPloc} dormiu as crianças [daquele jeito]_{PPmodo}.
 a'. *[Daquele jeito]_{PPmodo} dormiu as crianças [naquele quarto]_{PPloc}.

PPtemp *versus* PPloc:

- b. ?[Naquele dia]_{PPtemp} dormiu as crianças [naquele quarto]_{PPloc}⁴³.
 b'. *[Naquele quarto]_{PPloc} dormiu as crianças [naquele dia]_{PPtemp}.

(ROGERI, 2019, p. 62, adaptado)

Segundo a análise da autora, esses circunstanciais podem ser sujeito⁴⁴, uma vez que estão próximos da zona argumental, compartilhando certas características com ela. Acreditamos nessa possibilidade quando não há a realização de um argumento externo, caso contrário, é ele que ocupa a posição criterial SubjP, enquanto o circunstancial se move para CP.

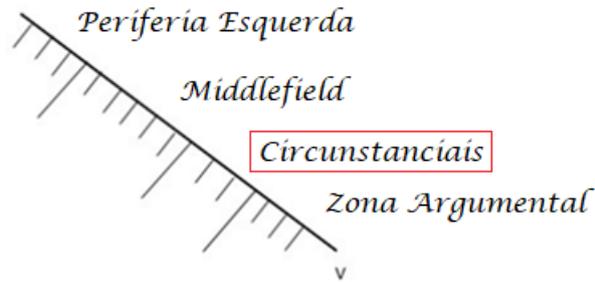
A fim de dar conta de uma estrutura sintática para as sentenças com PPloc pré-verbal, e diante das evidências apresentadas até aqui, nossa proposta é defender que PPloc e argumento externo nascem em posições diferentes na hierarquia sentencial, inclusive por apresentarem traços semânticos distintos⁴⁵. Em outras palavras, esses constituintes não estão em distribuição complementar. Assumimos, então, a proposta de Cinque (2006; 2010) de que PPs circunstanciais, incluindo o locativo, podem figurar em uma zona acima da argumental no PB.

⁴³ Alguns falantes consideram a sentença estranha. Por esse motivo, incluímos a interrogação. Ressaltamos que o exemplo é de Rogeri (2019, p. 62).

⁴⁴ A autora considera Spec,TP a posição final de sujeito.

⁴⁵ Não realizamos a análise dos traços semânticos específicos de cada constituinte, mas acreditamos na importância de investigar essa questão em momento posterior.

(254)



Com a possibilidade de apagamento do argumento externo de certos verbos transitivos⁴⁶, os circunstanciais, presentes nessa área específica, passam a ser candidatos a ocupar Spec,SubjP, checando o traço *sujeito da predicação*. É importante lembrar que essa propriedade o caracteriza como o constituinte a partir do qual se apresenta um evento (RIZZI, 2006; QUAREZEMIN, 2009). Dessa maneira, o PPloc pré-verbal pode ser o sujeito semântico, na medida em que se apresenta como modificador de todo o evento verbal (CARVALHO, 2018a).

A principal diferença entre os PPs circunstanciais e os advérbios da hierarquia funcional é que estes são fixos, ou seja, não se deslocam entre as posições do *middlefield*. Isso quer dizer que os advérbios de Cinque (1999) não podem subir para ocupar a posição SubjP. Rogeri (2019) apresenta um teste com o advérbio mais baixo, Asp_{frequentativoII} (com frequência), que confirma isso. Reproduzimos em (255) com algumas complementações e o adaptamos com um verbo transitivo (256).

- (255) a. *Dorme várias pessoas.
b. *Com frequência dorme várias pessoas.
c. Naquele quarto dorme várias pessoas.

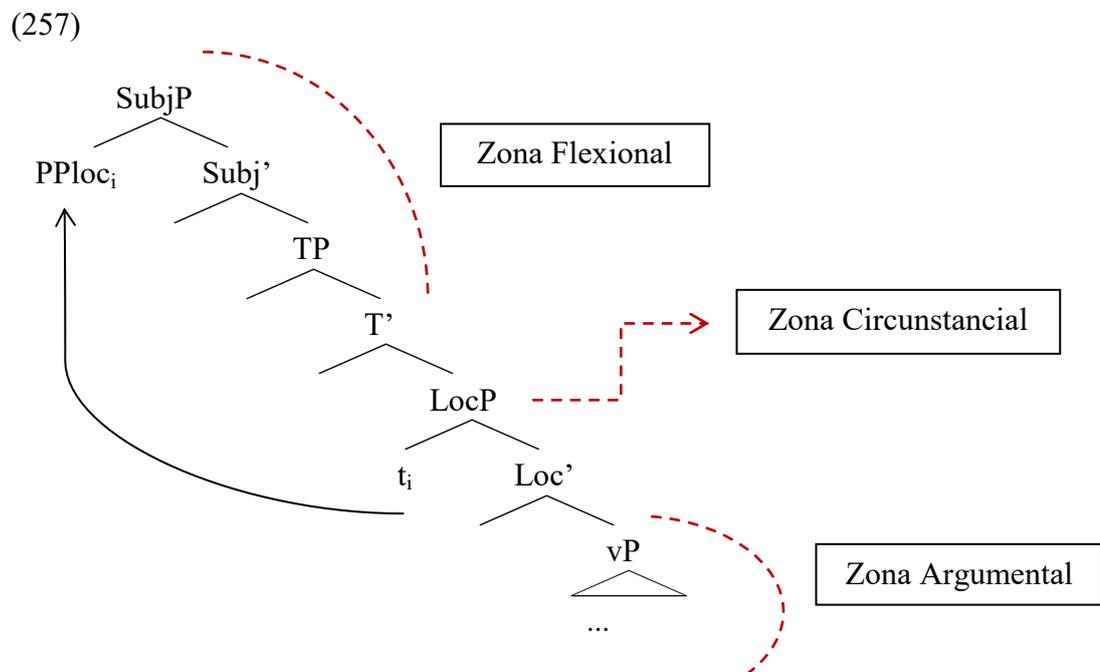
(ROGERI, 2019, p. 57, adaptado)

- (256) a. *Vende livros.
b. *Com frequência vende livros.
c. *De novo vende livros.
d. *Do nada vende livros.

⁴⁶ Verbos transitivos do tipo *stage-level*, conforme análise de Avelar e Cyrino (2008a) e Carvalho (2018a; 2018b).

A agramaticalidade das construções em (255b) e (256b-d) reforça que a inclusão do advérbio em posição pré-verbal não garante a boa formação da sentença, ao contrário do que ocorre com a presença de um PPloc. Essa é uma das razões pelas quais os PPs circunstanciais não podem ser adjungidos à hierarquia universal dos advérbios.

Dessa maneira, corroboramos a ideia de que a zona circunstancial, proposta por Cinque (2006; 2010), compartilha determinadas características com a zona argumental, possibilitando a subida de um PP⁴⁷ para a posição criterial de sujeito, quando o argumento externo não está expresso. Em (257), reproduzimos a estrutura simplificada de uma construção do tipo PPloc – verbo – complemento, a fim de ilustrar nossa proposta.



O PPloc é movido diretamente para Spec,SubjP e checa o traço *sujeito da predicação*, ficando a posição nominativa Spec,TP vazia. Assim, consideramos que o PPloc não se move por necessidade de checar Caso, traços-phi e concordância.

Cabe lembrar que em línguas como o PE, o EC e o italiano, os falantes admitem apenas as construções com verbo flexionado e, ainda assim, o locativo figura em posição argumental. No caso do PB, acreditamos que a produtividade de sentenças locativas com verbo na terceira pessoa do singular pode ser mais uma evidência de que os falantes preferem

⁴⁷ Rogeri (2019) sugere a possibilidade de o PPtemp e o PPmodo também figurarem em posição de sujeito – Spec,TP. Como nosso interesse está nos locativos pré-verbais, não exploraremos essa questão.

o preenchimento da posição inicial e, por isso, tentam estabelecer concordância entre o PPloc e o verbo. Admitimos que uma análise mais detalhada pode revelar novas evidências a serem consideradas. Por ora, vamos assumir que ambas as sentenças, com e sem flexão verbal, possuem a mesma estrutura sintática, ilustrada em (257).

5.2 O DP LOCATIVO

Após assumir uma análise para as sentenças com PPloc pré-verbal, consideramos importante reafirmar nosso posicionamento sobre a estrutura das sentenças com DPloc, como em (258).

(258) a. A farmácia da esquina aplica vacinas.

a'. *A farmácia da esquina aplicam vacinas.

b. A escola do bairro aceita livros usados.

b'. *A escola do bairro aceitam livros usados.

Segundo pesquisas anteriores (REIS, 2017; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017), fica evidente que as sentenças gramaticais em (258) têm estrutura distinta das construções com ordem PPloc – verbo – complemento. Isso se dá, sobretudo, pela questão da concordância entre locativo e verbo, a qual é obrigatória nas sentenças com DPloc, conforme mostramos ao longo da investigação. Com essa obrigatoriedade, não há espaço para uma leitura genérica do tipo “Alguém aplica vacina na farmácia da esquina” ou “Alguém aceita livros usados na escola do bairro” (mas não se sabe quem), o que seria possível na construção com PPloc: *Na farmácia da esquina aplica/aplicam vacinas*.

O alto índice de aceitabilidade de sentenças como (258a,b), conforme mostrado por Reis (2017), revela que o DPloc pode ser assumido como sujeito do evento. Isso quer dizer que, mesmo que esse DP tenha traços [- humano; - animado; - agentivo], os falantes o consideram como *aquele que aplica vacinas*. Nesse caso, o todo (a farmácia da esquina) é tomado pela parte (quem aplica vacinas).

Carvalho (2020), a partir dos exemplos em (259), reforça a ideia de que o DPloc pré-verbal deve ser analisado como um argumento externo, estabelecendo uma relação metonímica:

- (259) a. O João ensina matemática para as crianças naquele campo de futebol.
 a'. #Aquele campo de futebol ensina matemática para as crianças.
 b. O João ensina matemática para as crianças naquela escola.
 b'. Aquela escola ensina matemática para as crianças.

(CARVALHO, 2020, p. 271; 272)

A sentença em (259a') é semanticamente mal formada, uma vez que a conexão entre campo de futebol e professores de matemática é improvável. Ao contrário disso, a interpretação de professores de matemática como parte da escola é possível, como mostrado em (259b'). A autora ainda afirma que, quando os sintagmas são parte de um adjunto as sentenças são bem formadas (259a, b), reforçando a ideia de que sentenças com PPloc e DPloc pré-verbais não são comparáveis entre si.

Ademais, observamos nos exemplos em (260) que não é possível a coocorrência de um DPloc e de um DP com traço agentivo, o que nos leva a considerar que a posição de origem de ambos é a mesma.

- (260) a. *A farmácia da esquina João aplica vacinas.
 b. *A escola do bairro a diretora aceita livros usados.

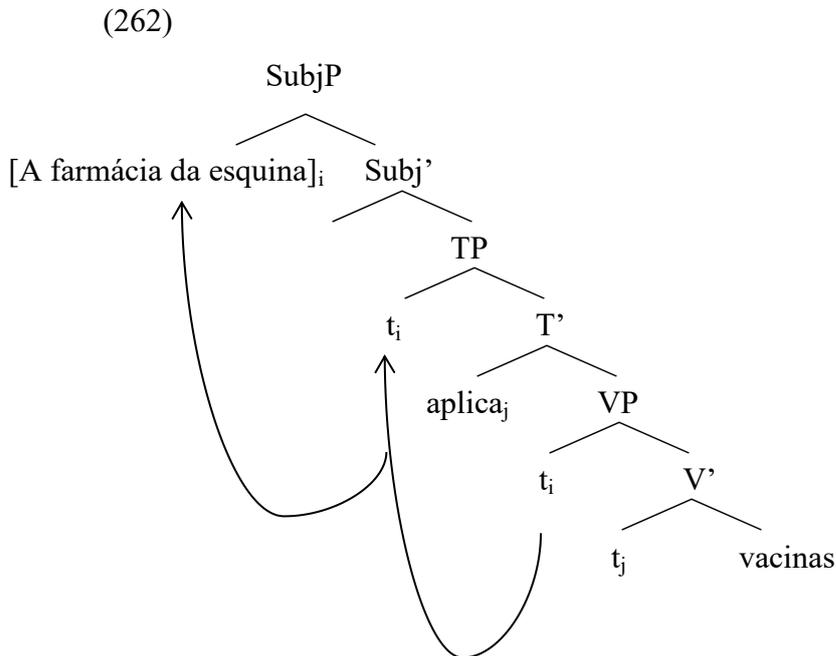
Já com relação às construções com verbos meteorológicos, verificamos que a perda da preposição do locativo também torna a concordância obrigatória entre DPloc e verbo.

- (261) a. Florianópolis chove muito no verão.
 b. As cidades litorâneas de Santa Catarina ventam muito.
 b'. *As cidades litorâneas de Santa Catarina venta muito.

Tais construções reforçam a preferência dos falantes do PB pelo preenchimento da posição pré-verbal. Isso quer dizer que o falante “opta” pelo uso do DPloc e estabelece a concordância verbal para tornar a sentença gramatical, (261b).

5.2.1 Assumindo uma estrutura para as construções com DPloc

A partir das evidências apresentadas, incluindo as assimetrias entre construções com PPloc e DPloc pré-verbais, assumimos a análise de Quarezemin e Cardinaletti (2017) para as sentenças com DPloc. Em (262), apresentamos a estrutura da sentença *A farmácia da esquina aplica vacinas*, para melhor visualização dos movimentos, assumindo Spec,SubjP como a posição última do DPloc, *sujeito da predicação*.



Como qualquer argumento agentivo, o DPloc nasce na posição de argumento externo do verbo, se move até Spec,TP para checar traços de Caso e concordância e, em seguida, se desloca para Spec,SubjP, onde checa o traço *sujeito da predicação*. Assim, ele é realizado como um sujeito referencial e sua posição final é SubjP.

5.3 SUBJP E A HIERARQUIA UNIVERSAL DAS PROJEÇÕES FUNCIONAIS

Com a discussão realizada até aqui, defendemos SubjP como a posição responsável por abrigar o sujeito semântico da sentença, sendo considerada a posição *default* do sujeito da

predicação. Isso quer dizer que outros elementos⁴⁸ podem ser movidos para essa posição, e não somente sujeitos nominativos.

Uma questão levantada é justamente como os sujeitos locativos do PB podem se ordenar em relação aos advérbios da hierarquia universal de Cinque (1999). Para determiná-la, o autor recorreu aos testes de precedência-e-transitividade, os quais possibilitaram o ordenamento das diferentes classes de advérbios e de seus núcleos funcionais correspondentes. Cabe destacar que, a partir da hierarquia proposta, é possível determinar a posição das diferentes formas verbais (verbo finito, infinitivo, gerúndio, particípio, etc). A seguir, reproduzimos a hierarquia universal das projeções funcionais de IP:

(263)

[*francamente* Mood_{SpeechAct}
 [*surpreendentemente* Mood_{Mirative}
 [*felizmente* Mood_{Evaluative}
 [*supostamente* Mood_{Evidential}
 [*provavelmente* Mod_{Epistemic}
 [*uma vez* T_{Past}
 [*então* T_{Future}
 [*talvez* Mood_{Irrealis}
 [*necessariamente* Mod_{Necessity}
 [*possivelmente* Mod_{Possibility}
 [*geralmente* Asp_{Habitual}
 [*finalmente* Asp_{Delayed}
 [*tendencialmente* Asp_{Predispositional}
 [*novamente* Asp_{Repetitive(I)}
 [*frequentemente* Asp_{Frequentative(I)}
 [*de gosto* Mod_{Volition}
 [*rapidamente* Asp_{Celerative(I)}
 [*já* T_{Anterior}
 [*não mais* Asp_{Terminative}
 [*ainda* Asp_{Continuative}
 [*sempre* Asp_{Continuous}
 [*só* Asp_{Retrospective}
 [(*dentro*) *em breve* Asp_{Proximative}
 [*brevemente* Asp_{Durative}
 [*caracteristicamente* Asp_{Generic/Progressive}
 [*quase* Asp_{Prospective}
 [*de repente* Asp_{Inceptive}

⁴⁸ *Quirky subjects*, PPs em sentenças com inversão locativa, predicados nominais em sentenças copulares invertidas, por exemplo.

[*obrigatoriamente* Mod_{Obligation}
 [*em vão* Asp_{Frustrative}
 [(?) Asp_{Conative}
 [*completamente* Asp_{SgCompletive(I)}
 [*tudo* Asp_{PICompletive}
 [*bem* Voice
 [*cedo* Asp_{Celerative(II)}
 [*do nada* Asp_{Inceptive(II)}
 [*de novo* Asp_{Repetitive(II)}
 [*com frequência*
 Asp_{Frequentative(II)}
Verbo

(TESCARI NETO, 2021, p. 80; 81)

Tescari Neto (2021) apresenta alguns testes para dados produtivos do PB e do espanhol peruano⁴⁹, revelando uma variação entre as línguas.

- (264) a. Eduardo (*/?? à toa) fez (à toa) seu trabalho (à toa).
 a' Eduardo (en vano) compró (en vano) la entrada (en vano).
- b. O João (obrigatoriamente) fará (obrigatoriamente) o seu trabalho (obrigatoriamente).
 b'. Eduardo (obrigatoriamente) comprará (obrigatoriamente) la entrada (obrigatoriamente).

(TESCARI NETO, 2021, p. 89, adaptado)

Em PB o verbo precisa subir até no mínimo por sobre *à toa/em vão* (264a), enquanto em espanhol peruano, só precisa subir até por sobre *completamente*, daí a possibilidade de (264a'). A sentença em (264b) mostra que o movimento sobre *obrigatoriamente* não é necessário em ambas as línguas.

Em relação ao infinitivo, Tescari Neto (2020) mostra que, nessa condição, o verbo deve se mover por *obrigatoriamente* e todos os advérbios c-comandados por ele.

⁴⁹ O mesmo comportamento é verificado no EC, segundo falantes nativos.

- (265) a. (*Obrigatoriamente) fazer (obrigatoriamente) o trabalho (obrigatoriamente), o Zé odeia!
 a'. (*Obrigatoriamente) limpar (obrigatoriamente) la casa (obrigatoriamente), Eduardo odia!
- b. (*À toa) limpar (à toa) a casa (à toa), o João odeia!
 b'. (*En vano) limpar (en vano) la casa (en vano), Eduardo odia!
- c. (*Completamente) limpar (completamente) a casa (completamente), Eduardo odeia!
 c'. (*Completamente) limpar (completamente) la casa (completamente), Eduardo odia!

(TESCARI NETO, 2020, p. 91, adaptado)

E, afinal, como SubjP se ordena em relação à hierarquia reproduzida em (263)? Para os dados do inglês, Cinque (1999) defende que é possível determinar a altura do sujeito sintático, considerando o ordenamento em relação à hierarquia dos advérbios.

- (266) a. Frequently John takes his holidays abroad.
 (Frequentemente João passa seus feriados fora)
- b. Quickly John raised his arm.
 (Rapidamente João levantou o seu braço)
- c. *Already John knows that you are coming.
 (*Já João sabe que você está vindo)
- d. *No longer John likes Mary.
 (*Não mais João gosta de Maria).

(CINQUE, 1999, p. 112)

Os dados em (266) revelam que o sujeito referencial em inglês deve figurar acima da projeção T_{Anterior}, o que justifica a agramaticalidade de (266c,d).

Para os dados do PB, Tescari Neto (2021) levanta a hipótese de que a projeção mais alta do sujeito referencial seja realizada possivelmente entre $\text{Mod}_{\text{Epistêmico}}$ e $\text{Mod}_{\text{Mirativo}}$, e não acima desta última.

- (267) a. Sinceramente, / Surpreendentemente, o Giginho tem cavocado de novo com frequência o vaso do vovô.
- b. O Giginho *sinceramente / ?surpreendentemente tem cavocado de novo com frequência o vaso do vovô.
- c. O Giginho infelizmente / obviamente / provavelmente tem cavocado de novo com frequência o vaso do vovô.

(TESCARI NETO, 2021, p. 126, adaptado)

Segundo o autor, a agramaticalidade de (267b) se caracteriza como um indício de que a posição do sujeito está abaixo de $\text{Mod}_{\text{MirativoP}}$, uma vez que os advérbios *sinceramente* e *surpreendentemente* quando colocados à direita do sujeito não têm o significado de ato de fala e mirativo, respectivamente, e, por isso, não são possíveis nesse contexto. A leitura de (267b) é licenciada se os advérbios são classificados como *advérbios orientados para o sujeito*.

Realizando alguns testes em sentenças com sujeito locativo⁵⁰ e advérbios, observamos que PPloc e DPloc, enquanto *sujeitos da predicação*, devem figurar em posição mais alta na hierarquia, quando combinados com os advérbios baixos: [...] > T_{Anterior} (já) > $\text{Asp}_{\text{Terminativo}}$ (não mais) > $\text{Asp}_{\text{Continuativo}}$ (ainda) > $\text{Asp}_{\text{Contínuo}}$ (sempre) > [...], conforme (268). Nesse caso, consideramos que não há nenhuma marcação prosódica e o advérbio permanece *in situ*.

- (268) a. (*Já) na cantina da escola (já) vende(m) coxinha.
a'. (*Já) a cantina da escola (já) vende coxinha.
- b. (*Não mais) na cantina da escola (não mais) vende(m) coxinha.
b'. (*Não mais) a cantina da escola (não mais) vende coxinha.
- c. (*Ainda) na cantina da escola (ainda) vende(m) coxinha.

⁵⁰ Consultamos alguns falantes nativos do PB, a fim de verificar a aceitação dos dados apresentados nessa seção. O julgamento final é de responsabilidade da autora.

- c'. (*Ainda) a cantina da escola (ainda) vende coxinha.
- d. (*Sempre) na cantina da escola (sempre) vende(m) coxinha.
- d'. (*Sempre) a cantina da escola (sempre) vende coxinha.

A distribuição dos advérbios nas sentenças em (268) indica que SubjP deve figurar minimamente acima de T_{Anterior} , o que vai ao encontro das análises de Cinque (1999) para o inglês, como (266) acima, e de Cinque (1999) e Cardinaletti (2004) para o italiano, (269).

- (269) a. Francamente Gianni ha esagerato.
(Francamente Gianni exagerou)
a'. Gianni francamente ha esagerato.
- b. Maria mica prende il treno.
(Maria não pegou o trem)
b'. *Mica Maria prende il treno.

(CARDINALETTI, 2004, p. 146, adaptado)

No italiano, o sujeito pode, então, ocupar posições acima de *mica*: honestamente, francamente > fortunamente, purtroppo > evidentemente > probabilmente, sicuramente > ora, allora > forse > necessariamente > volentieri > obbligatoriamente > saggiamente, stupidamente > di solito, solitamente > di nuovo > spesso, raramente > rapidamente > mica > *già > *(non) più > *ancora > *sempre > etc... (CARDINALETTI, 2004, p. 145, adaptado).

Quando combinamos os locativos com advérbios mais altos que T_{Anterior} , como, por exemplo, [...] > $\text{Mod}_{\text{Possibilidade}}$ (possivelmente) > $\text{Asp}_{\text{Habitual}}$ (geralmente) > [...] > $\text{Asp}_{\text{Frequentativo(I)}}$ (frequentemente) > [...] > $\text{Asp}_{\text{Celerativo(I)}}$ (rapidamente) > [...], temos o seguinte resultado no PB:

- (270) a. (Possivelmente) na farmácia da esquina (possivelmente) aplica(m) vacinas.
a'. (Possivelmente) a farmácia da esquina (possivelmente) aplica vacinas.
- b. (Geralmente) na farmácia da esquina (geralmente) aplica vacinas.
b'. (Geralmente) a farmácia da esquina (geralmente) aplica vacinas.

c. (Frequentemente) na farmácia da esquina (frequentemente) aplica(m) vacinas.
 c'. (Frequentemente) a farmácia da esquina (frequentemente) aplica vacinas.

d. (Rapidamente) na farmácia da esquina (rapidamente) aplica(m) vacinas.
 d'. (Rapidamente) a farmácia da esquina (rapidamente) aplica vacinas.

As sentenças em (270a-d) são construídas com um PPloc, enquanto as sentenças (270a'-d') apresentam um DPloc. Embora pareça possível que o sujeito transite no *middlefield*, vale ressaltar que uma parte significativa dos falantes do PB, consultados informalmente, tende a enfatizar o advérbio preposto. Nesse caso, consideramos que os advérbios em (270) estão deslocados quando aparecem no início da sentença. Em (271), representamos esse deslocamento através da vírgula.

(271) a. Frequentemente, na farmácia da esquina aplica(m) vacinas.
 b. Geralmente, na farmácia da esquina aplica(m) vacinas.

Nesse sentido, parece-nos importante medir a posição de SubjP também em relação aos advérbios mais altos da hierarquia do *middlefield*: Mood_{Atodefala} (sinceramente / francamente) > Mood_{Mirativo} (surpreendentemente) > Mood_{Avaliativo} (felizmente / infelizmente) > Mood_{Evidencial} (supostamente / obviamente / evidentemente) > [...].

(272) a. (Sinceramente) na cantina da escola (sinceramente) vende(m) muita porcaria.
 a'. (Sinceramente) a cantina da escola (sinceramente) vende muita porcaria.
 b. (Surpreendentemente) na cantina da escola (surpreendentemente) vende(m) muita porcaria.
 b'. (Surpreendentemente) a cantina da escola (surpreendentemente) vende muita porcaria.
 c. (Infelizmente) na cantina da escola (infelizmente) vende(m) muita porcaria.
 c'. (Infelizmente) a cantina da escola (infelizmente) vende muita porcaria.
 d. (Supostamente) na cantina da escola (supostamente) vende(m) muita porcaria.
 d'. (Supostamente) a cantina da escola (supostamente) vende muita porcaria.

A nosso ver, todas as possibilidades de combinação apresentadas em (272) são possíveis, embora, para o nosso julgamento os advérbios *infelizmente* e *supostamente*, quando prepostos, parecem figurar deslocados mesmo que em contextos neutros, isto é, apenas destacados, sem traços de foco ou tópico. Isso indicaria que a posição SubjP figura acima de Mood_{Avaliativo}.

Em contrapartida, delimitar a posição SubjP em relação aos advérbios *sinceramente* e *surpreendentemente*, os dois mais altos da hierarquia de Cinque (1999), pode ser um pouco mais complexo, conforme previsto por Tescari Neto (2021). Nesses contextos, os falantes também consideram boas as duas opções: advérbio > locativo e locativo > advérbio. Todavia, acabam novamente enfatizando⁵¹ o advérbio quando este figura na posição inicial da sentença, como em (273).

- (273) a. Sinceramente, / Surpreendentemente, na cantina da escola vende(m) muita porcaria.
- b. Sinceramente, / Surpreendentemente, a cantina da escola vende muita porcaria.

Realizando testes com outros constituintes, candidatos a ocupar a posição criterial de sujeito, temos as seguintes possibilidades – consultar exemplos de (274) a (276)⁵². Em (a) apresentamos a sentença sem advérbio. Nas construções em (a') e (b'), temos o deslocamento à esquerda e a marcação prosódica do advérbio, sinalizados com a vírgula. Já as sentenças (a, b'') e (a, b''') mostram as possibilidades de o sujeito figurar antes ou depois dos advérbios mais altos da hierarquia, sem deslocamento (*in situ*).

(274) Sentenças do tipo SVO:

- a. O João traiu a esposa muitas vezes.
- a'. Sinceramente, / Surpreendentemente, o João traiu a esposa muitas vezes.
- a''. ?Sinceramente / ?Surpreendentemente o João traiu a esposa muitas vezes.
- a'''. O João sinceramente / surpreendentemente traiu a esposa muitas vezes.

⁵¹ A marcação prosódica aparece sinalizada pela vírgula nos exemplos (273).

⁵² O ponto de interrogação (?) antes de algumas construções indica dúvida em relação ao julgamento de gramaticalidade quando o advérbio deve ser julgado como advérbio *in situ*.

(275) Sentenças causativo-incoativas:

- a. O vidro da janela (se) quebrou do nada.
- a'. Sinceramente, / Surpreendentemente, o vidro da janela (se) quebrou do nada.
- a''. ?Sinceramente / ?Surpreendentemente o vidro da janela (se) quebrou do nada.
- a'''. O vidro da janela sinceramente / surpreendentemente (se) quebrou do nada.

- b. A porta (se) estragou de repente.
- b'. Sinceramente, / Surpreendentemente, a porta (se) estragou de repente.
- b''. ?Sinceramente / ?Surpreendentemente a porta (se) estragou de repente.
- b'''. A porta sinceramente / surpreendentemente (se) estragou de repente.

(276) Sentenças incoativas periféricas:

- a. A roupa já lavou.
- a'. Sinceramente, / Surpreendentemente, a roupa já lavou.
- a''. ?Sinceramente / ?Surpreendentemente a roupa já lavou.
- a'''. A roupa ?sinceramente / surpreendentemente já lavou.

- b. Aquela casa vendeu.
- b'. Sinceramente, / Surpreendentemente, aquela casa vendeu.
- b''. ?Sinceramente / ?Surpreendentemente aquela casa vendeu.
- b'''. Aquela casa sinceramente / surpreendentemente vendeu.

Verificando as assimetrias no julgamento das sentenças, acreditamos que existe a possibilidade de o *sujeito da predicação*⁵³ figurar em posição acima de Mood_{SpeechAct} (*sinceramente*), na ponta do domínio TP.

Nesse sentido, Rizzi (2004) afirma que os julgamentos de gramaticalidade são complexos, uma vez que manipulando propriedades entoacionais e condições de discurso, os cruzamentos com advérbios podem se tornar aceitáveis. Por essa razão, fatores como movimento Wh, contexto *out-of-the-blue*, relação com o *background*, bem como propriedades distributivas, devem ser levados em conta na determinação das posições que podem ser ocupadas por advérbios na periferia esquerda.

É importante considerar, assim, a extensão ModP (*ModifierP*), incluída por Rizzi (2004) no sistema CP, a qual está associada ao traço de modificação que certos advérbios

⁵³ Por *sujeito da predicação* consideramos os constituintes que ocupam Spec,SubjP no domínio flexional.

podem valorar. A necessidade de incluí-la na hierarquia ocorre, justamente, a partir da possibilidade de os advérbios aparecerem na posição inicial da sentença. Nesse caso, o advérbio sobe para a periferia esquerda, ocupa Spec,ModP e checa o traço [+ modificação].

- (277) a. Na cantina da escola geralmente vende muita porcaria.
 a'. [_{ModP} Geralmente] na cantina da escola vende muita porcaria.
- b. O vidro da janela infelizmente quebrou do nada.
 b'. [_{ModP} Infelizmente] o vidro da janela quebrou do nada.
- c. A roupa provavelmente já lavou.
 c'. [_{ModP} Provavelmente] a roupa já lavou.

Assumimos que tanto a sintaxe quanto a interpretação da preposição de advérbios, em muitos casos, são diferentes de tópico e foco, mesmo que o contorno entoacional possa ser indistinguível (RIZZI, 2004; RIZZI; BOCCI, 2017). O advérbio ocupa posição de tópico quando apresenta relação com o *background* (278a,b), diferentemente de advérbios em contextos *out-of-the-blue*, que figuram em ModP (RIZZI, 2004), conforme o contexto mostrado em (279).

- (278) a. – Na cantina da escola vende salada de fruta?
 – (Não sei). Na cantina geralmente vende muita porcaria.
 – (Não sei.) [_{TopP} Geralmente], na cantina vende muita porcaria.
- b. – A máquina (de lavar roupa) parou?
 – A roupa provavelmente já lavou.
 – [_{TopP} Provavelmente], a roupa já lavou.
- (279) – O que aconteceu? / O que está acontecendo?
 – O vidro da janela infelizmente quebrou.
 – [_{ModP} Infelizmente] o vidro da janela quebrou.

Já em relação à posição de foco contrastivo, as diferenças aparecem tanto na entoação quanto na interpretação.

- (280) a. RAPIDAMENTE na farmácia aplica(m) vacina (e não lentamente).
 b. RAPIDAMENTE a roupa lavou (e não lentamente).

Rizzi (2004) explica que as propriedades distributivas sugerem que os advérbios preenchem uma posição distinta da posição de tópico, já que podem, por exemplo, preceder um constituinte deslocado, (281).

- (281) Rapidamente, i libri, li hanno rimessi a posto.
 (Rapidamente, os livros, eles os colocam no lugar)

(RIZZI, 2004, p. 15)

Além disso, outra assimetria verificada é que os advérbios não podem preceder naturalmente elementos Wh em contextos de pergunta, ao contrário do tópico. Em PB, as mesmas condições são verificadas, conforme exposto abaixo, nos exemplos em (283).

- (282) a. Improvvisamente, Gianni è tornato a casa.
 (De repente, João voltou para casa)
- b. ??Improvvisamente, chi è tornato a casa?
 (De repente, quem voltou para casa?)
- c. Il mio libro, chi lo ha preso?
 (Meu livro, quem o pegou?)

(RIZZI, 2004, p. 15)

- (283) a. Felizmente, as tarefas de casa, Maria realizou.
- b. Felizmente, Maria realizou as tarefas de casa.
- b'. ??Felizmente, quem realizou as tarefas de casa?
- b'''. ??Felizmente, o que Maria realizou?
- c. À Maria, o que fizeram a ela?

Ademais, em sentenças com dois advérbios, o advérbio hierarquicamente mais baixo não pode ser movido para CP, a menos que esteja focalizado. No italiano, por exemplo, o celerativo (*rapidamente*) não pode preceder o epistêmico (*probabilmente*). O contrário é possível, conforme o contraste entre (284a') e (284a'').

(284) a. I tecnici hanno (probabilmente) risolto rapidamente il problema.

(Os técnicos (provavelmente) resolveram rapidamente o problema)

a'. *Rapidamente, i tecnici hanno probabilmente risolto ___ il problema.

a''. Probabilmente, i tecnici hanno ___ risolto rapidamente il problema.

(CINQUE, 1999, p. 11)

Realizar esse teste em construções com PPloc pré-verbal, não parece ser uma tarefa fácil, uma vez que a combinação de dois advérbios *in situ* pode comprometer o julgamento da sentença quanto a sua formação⁵⁴. Todavia, no exemplo em (285a'), observamos que o advérbio frequentativo (*frequentemente*) não pode figurar deslocado, acima do advérbio avaliativo (*infelizmente*). Caso isso ocorra, a sentença apresenta má formação. Já a subida de *infelizmente* é permitida, enquanto *frequentemente* permanece *in situ*, conforme (285a'').

(285) a. ?Na cantina da escola infelizmente frequentemente vende muita porcaria.

a'. *Frequentemente, na cantina da escola infelizmente ___ vende muita porcaria.

a''. Infelizmente, na cantina da escola ___ frequentemente vende muita porcaria.

O contraste entre os advérbios deslocados pode ser melhor observado nas sentenças causativo-incoativas e incoativas periféricas, conforme ilustrado em (286).

(286) a. O vidro da janela provavelmente quebrou do nada.

a'. *Do nada, o vidro da janela provavelmente quebrou ___.

a''. Supostamente, o vidro da janela ___ quebrou do nada.

b. A roupa felizmente lavou rapidamente.

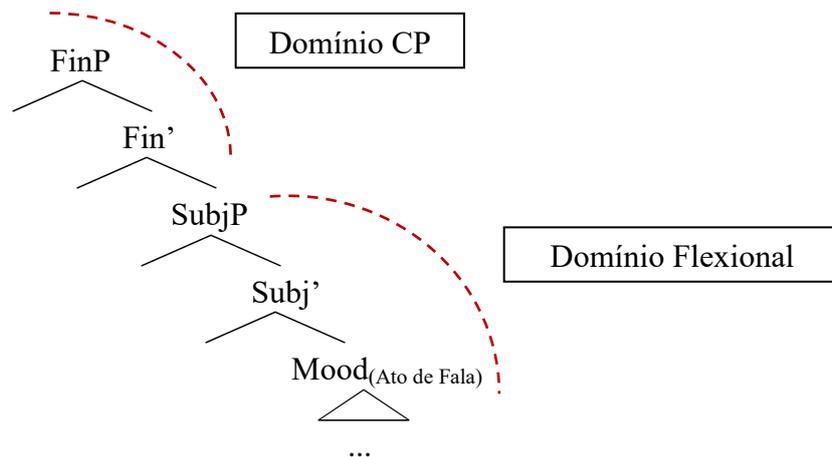
b'. *Rapidamente, a roupa felizmente lavou ___.

⁵⁴ Por essa razão, apresentamos um ponto de interrogação (?) no início da sentença em (285a).

Já Rizzi (2005) e Rizzi e Shlonsky (2007) defendem SubjP como uma posição obrigatória que se localiza entre os domínios CP e IP, uma vez que compartilha propriedades de ambos. De CP, SubjP herda o caráter criterial, visto que funciona como “local de pouso” dedicado a propriedades de escopo-discurso. De IP, herda a obrigatoriedade da posição. É justamente por compartilhar essas propriedades que os autores defendem a alocação de SubjP na ponta da estrutura do domínio flexional.

Desse modo, a partir da discussão apresentada e dos dados do PB analisados, concordamos que SubjP parece figurar na posição mais alta do *middlefield*, considerando as possibilidades de movimentação dos advérbios para a periferia esquerda da sentença (RIZZI, 2004; RIZZI; BOCCI, 2017). Em (289), ilustramos a proposta.

(289)



Reforçamos a importância de se realizar novos testes para fins de controle da prosódia e confirmação dos julgamentos apresentados. Outro fator relevante a ser investigado são os traços valorados pelos candidatos a *sujeito da predicação*, já que isso pode interferir de alguma forma na altura da posição SubjP⁵⁵ em relação à hierarquia universal dos advérbios, o que fortaleceria a hipótese de se ter SubjP gerado livremente, acima de T_{anterior} no PB.

⁵⁵ Tescari Neto (c.p.) destaca que seria importante investigar se a posição SubjP varia a depender do tipo de constituinte que ocupa seu Spec. Em outras palavras, verificar se o PPloc sobe a uma altura máxima distinta de DPloc na derivação. Consideramos essa questão de grande relevância para pesquisas futuras.

5.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO 5

O capítulo 5 foi dividido em três grandes seções. A seção 5.1 tratou sobre a posição de origem do PPloc pré-verbal. A partir da discussão apresentada, observamos uma assimetria na possibilidade de apagamento dos argumentos externo e interno de verbos transitivos. Há pesquisas que defendem que o PPloc satura uma posição argumental, mais precisamente a de argumento externo (FERNÁNDEZ-SORIANO, 1999; NEGRÃO; VIOTTI, 2011; CARVALHO, 2018a; 2018b). No entanto, a inclusão de um DP agentivo mostra que PPloc e argumento externo não estão em distribuição complementar, caso contrário a sentença se tornaria agramatical, o que não ocorre. Quando o argumento externo está presente morfofonologicamente, o PPloc figura deslocado à esquerda, em CP, podendo ocupar diferentes posições: TopP, FocP ou FinP.

A proposta de Cinque (2006; 2010) que inclui uma zona acima de vP parece dar conta dos dados analisados. Nela, estão alocados os circunstanciais temporal (PPtemp), locativo (PPloc) e de modo (PPmodo), em uma ordem hierárquica rígida. Com o apagamento do argumento externo, esses constituintes passam a ser candidatos a ocupar Spec,SubjP, tornando-se o *sujeito da predicação*. Nesse sentido, parece-nos que a zona circunstancial de Cinque (2006; 2010) compartilha determinadas características com a zona argumental, o que possibilita a subida de um PP diretamente para SubjP, ficando a posição Spec,TP vazia. Nesse caso, defendemos a existência de um *pro*.

Já a seção 5.2 apresentou a posição de origem do DPloc pré-verbal, reafirmando as distinções entre as sentenças com PPloc e as sentenças com DPloc. Entre elas, as principais são: (i) a obrigatoriedade da concordância entre DPloc e verbo; e (ii) a impossibilidade de uma leitura genérica/impessoal nas construções com DPloc. Consideramos, assim, que esse DP é tido como sujeito do evento, mesmo que tenha traços [- humano; - animado; - agentivo]. Nesse caso, o todo é tomado pela parte.

Segundo Quarezemin e Cardinaletti (2017), assumimos que o DPloc se comporta como qualquer argumento agentivo e, por isso, nasce na posição de argumento externo, se move até Spec,TP para checar traços de Caso e concordância e finaliza o movimento em Spec,SubjP, onde checa o traço *sujeito da predicação*.

Por fim, na seção 5.3, discorreremos sobre a posição SubjP e a hierarquia universal das projeções funcionais, proposta por Cinque (1999). Para tanto, realizamos alguns testes em sentenças com sujeito locativo e advérbios. Também estabelecemos comparações com outras construções: sentenças SVO, causativo-incoativas e incoativas periféricas.

Os dados do PB mostram que SubjP deve figurar minimamente acima de T_{anterior} , corroborando com as análises de Cinque (1999) e Cardinaletti (2004). Quando observamos as sentenças com advérbios mais altos que T_{anterior} , parece possível que o sujeito transite pelo *middlefield*. Entretanto, ressaltamos que uma parte significativa dos falantes consultados tende a dar ênfase no advérbio preposto, o que configura deslocamento à esquerda. Já em relação aos advérbios mais altos da hierarquia, $\text{Mood}_{\text{Atodefala}} > \text{Mood}_{\text{Mirativo}} > \text{Mood}_{\text{Avaliativo}} > \text{Mood}_{\text{Evidencial}} > [\dots]$, o julgamento da posição do advérbio em relação a SubjP se mostrou mais complexo, uma vez que os falantes julgaram as duas ordens aceitáveis: $\text{adv} > \text{loc}$ e $\text{loc} > \text{adv}$. Todavia, o fato de o advérbio poder ocupar diferentes posições em CP parece colaborar para o deslocamento do advérbio para a posição inicial da oração.

Nesse sentido, em concordância com a proposta de Rizzi (2005) e Rizzi e Shlonsky (2007), assumimos SubjP como a posição mais alta do domínio flexional, uma vez que ela compartilha propriedades de ambos os domínios, CP e IP: o caráter criterial e a obrigatoriedade da posição, respectivamente. Não descartamos a necessidade de investigar mais a fundo essa questão, considerando, inclusive, os traços valorados pelos candidatos a *sujeito da predicação*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese buscou investigar a sintaxe do sujeito pré-verbal à luz da Cartografia, a qual sugere uma divisão dentro do domínio flexional com diferentes posições, considerando os traços distintos a serem valorados (CARDINALETTI, 2004; 2014; RIZZI; SHLONSKY, 2007; RIZZI, 2015; QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017; entre outros). Para isso, recorreremos à análise empírica, método caro a essa abordagem, e delimitamos nosso objeto de estudo nas sentenças com PPloc e DPloc pré-verbal, assumidas como sentenças com sujeito locativo.

- (290) a. **Nessa loja** vende / vendem sapatos de couro legítimo.
 a'. **Na escola da Maria** ensina / ensinam lógica.
 b. **Essa loja** vende sapatos de couro legítimo.
 b'. **A escola da Maria** ensina lógica.

Vimos que a checagem do traço *sujeito da predicação* por um constituinte é a principal motivação para ocupar a posição criterial de sujeito, SubjP, a qual pode ser ocupada não só por sujeitos nominativos, mas também por constituintes que apresentam variação translinguística, como XPs dativos e locativos ou, ainda, aqueles que não se movem por checagem de Caso estrutural.

A partir disso, procuramos explorar o movimento dos locativos na hierarquia da sentença, desde a posição de origem até a posição final. Verificamos, inicialmente, que o PPloc é obrigatório para a boa formação da oração quando o argumento externo não aparece realizado fonologicamente. Em contrapartida, o apagamento do argumento interno não parece ser possível, mesmo com o PPloc manifesto. Isso só ocorre em contextos específicos, não sendo possível em contextos *out-of-the-blue*.

Também tecemos algumas considerações sobre a possibilidade de o PPloc figurar em posição deslocada, em CP. Isso acontece, por exemplo, quando um DP agente é incluído na sentença, acionando obrigatoriamente a concordância verbal. Nesse caso, identificamos que o PPloc não deve ocupar a mesma posição de um argumento do verbo, segundo algumas análises preveem, visto que não ocorrem em distribuição complementar.

Sobre a origem do PPloc, julgamos pertinente a proposta de Cinque (2006), a qual prevê uma zona de PPs circunstanciais, ordenados rigidamente entre o *middlefield* e a zona argumental: PPtemp > PPloc > PPmodo > VP. Nesse sentido, sustentamos a ideia de que o

PPloc compartilha certas características com a zona argumental, o que possibilita sua subida para SubjP, quando não há argumento externo manifesto. O PPloc, diferentemente de um argumento externo, não passa por Spec,TP.

Independente da flexão verbal, assumimos uma única estrutura para as sentenças com PPloc pré-verbal do PB. Uma justificativa para as construções com verbo no singular pode ser a preferência pelo preenchimento da posição à esquerda do verbo, levando os falantes a tentar estabelecer concordância entre PPloc e verbo. Outro indício que reforça essa preferência é a possibilidade de concordar o verbo meteorológico com o DPloc pré-verbal.

- (291) a. Nas cidades do interior choveu / *choveram muito.
 b. As cidades do interior *choveu / choveram muito.

O DPloc pré-verbal, por sua vez, apresenta uma estrutura diferente. Com a obrigatoriedade da concordância verbal, não é possível disparar uma leitura impessoal, situação que ocorre nas construções com PPloc.

- (292) a. Essa loja vende / *vendem sapatos de couro legítimo.
 b. A escola da Maria ensina / *ensinam lógica.

Assim, assumimos a análise de Quarezemin e Cardinaletti (2017): o DPloc nasce na posição de argumento externo, se move até Spec,TP para checar Caso e concordância e finaliza o seu movimento em Spec, SubjP, checando o traço *sujeito da predicação*. Dessa forma, ele é realizado como um sujeito referencial.

Abaixo, reproduzimos as estruturas sentenciais assumidas para as construções investigadas.

- (293) a. [_{SubjP} **PPloc**_i [_{TP} *pro* verbo [_{LocP} **t**_i [_{VP} DP]]]]
 b. [_{Subj} **DPloc**_i [_{TP} **t**_i verbo [_{VP} **t**_i DP]]]

Em relação à hierarquia universal das projeções funcionais (CINQUE, 1999), realizamos testes com locativos e diferentes advérbios e assumimos SubjP como a posição mais alta do sistema TP. Cabe destacar que o controle da prosódia é de extrema importância, uma vez que influencia diretamente no julgamento dos dados. Seguindo Rizzi e Shlonsky (2007) e Rizzi (2015), entendemos que o compartilhamento de propriedades tanto de CP

quanto de TP é fator crucial para alocar SubjP na posição mais alta da hierarquia funcional. Todavia, sugerimos a realização de testes que possibilitem maior controle da prosódia, bem como uma análise minuciosa dos traços que os candidatos a ocupar SubjP carregam.

Além disso, a fim de enriquecer a pesquisa, comparamos dados produtivos do PB com dados do EC (Apêndice A). Em testes de extração-Wh e em contextos de relativas, por exemplo, observamos um comportamento parecido entre as línguas. A diferença crucial entre elas é que a primeira permite construções com PPloc e verbo na terceira pessoa do singular, enquanto a segunda recorre ao uso do pronome *se* ou ao verbo na terceira pessoa do plural, o que ocorre também no PE e no italiano (pronome *si*).

Consideramos, enfim, que a presente pesquisa também possibilitou reflexões quanto ao *status* tipológico do PB. Em síntese, diante da preferência pelo preenchimento da posição pré-verbal, e levando em conta a necessidade de mais de uma posição de sujeito na hierarquia funcional, classificamos o PB como língua de proeminência de sujeito.

Retomando os pontos para investigações futuras, observamos a necessidade de aprimorar a investigação sobre os traços dos constituintes candidatos a ocupar a posição SubjP. Também consideramos relevante rever o julgamento de construções com locativo (PPloc e DPloc) e advérbio, levando em conta as possibilidades de deslocamento à esquerda e a marcação prosódica. Por fim, outra importante questão a ser verificada é se a soldagem de SubjP varia a depender do tipo de constituinte que ocupa seu Spec, ou seja, verificar, por exemplo, se o PPloc sobe a uma altura máxima distinta de DPloc.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; CARVALHO, J. The role of locatives in (partial) pro-drop languages. In: SHEEHAN, M.; BAILEY, L. R. (Eds.). **Order and structure in syntax II: subjecthood and argument structure**. Berlim: Language Scienc Press, 2018. p. 41 – 67.
- AMARAL, L. **A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. 158p.
- _____; CANÇADO, M. Alternância de transitividade com verbos agentivos em PB: a louça já lavou, a casa já vendeu, o caminhão já carregou. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 1871 – 1904, 2017.
- AVELAR, Juanito. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 232 – 252, jan./jul. 2009.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas bantu à sintaxe do português brasileiro. **Linguística: revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Portugal, v. 3, p. 55 – 75, 2008a.
- _____. Sobre constituintes locativos pré-verbais: paralelismos entre o português brasileiro e as línguas bantu. **Cadernos de estudos linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 19 – 30, 2008b.
- AVELAR, Juanito; GALVES; Charlotte. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: COSTA, A; FALÉ, I; BARBOSA, P. (Orgs.). **Textos Selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Portugal: APL, 2011. p. 69 – 45.
- _____. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: Moura, Maria Denilda; Sibaldo, Marcelo (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2013. p. 103-132.
- _____. Notas sobre constituintes locativos, caso e concordância no Português Brasileiro. In: MARINS, J. E.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. O. **Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 184 – 215.
- BARBOSA, P. P. Clitics: A window into the null subject property. In: COSTA, J. (ed.). **Portuguese syntax: new comparative studies**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____. Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa (2001). In: **D.E.L.T.A.**, 22.2, 2006. p. 345-402.
- BELLETTI, A. **Generalized Verb Movement**. Turim: Rosenberg & Sellier, 1990.

_____. Aspects of the low IP area. In.: RIZZI, L. (Org.). **The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures**. New York: Oxford University Press, 2004. v. 02. p. 16-51.

_____; RIZZI, L. Psych verbs and theta-theory. In: **Natural Language and Linguistic Theory**. 1988. p. 291-352.

BOISSON, C. Hiérarchie universelle des spécifications de temps, de lieu, et de manière, **Confluents**, v. 7, 1981. p. 69–124.

BUTHERS, C.M. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no Português Brasileiro Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo**: uma abordagem minimalista. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 163p.

_____. **Aspectos morfossintáticos de construções com XPs pré-verbais no Português brasileiro**: uma análise a partir da fatoração de EPP. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018, 270p.

_____; DUARTE, F. B. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório? **Diacrítica**, Portugal, v. 26, n. 01, p. 64 – 88, 2012.

CANÇADO, M. Comparando alternâncias verbais no PB: cortar o cabelo e quebrar o braço. **Revista Letras**, Curitiba, n. 81, p. 33-60, 2010a.

_____. Verbal Alternations in Brazilian Portuguese: a Lexical Semantic Approach. In: **Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics**. 3(1): 2010b. p. 77 – 111.

_____; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. **Revista da Abralin**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.

_____; GODOY, L.; AMARAL, L. **Catálogo de verbos do português brasileiro**: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____; GONÇALVES, A. Lexical Semantics: verb classes and alternations. In: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J (Eds.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**, 2016. p. 374-391.

CARDINALETTI, Anna. Toward a cartography of subject positions. In: RIZZI, L. **The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures**. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004. p. 115-165.

_____. Cross-linguistic variation in the syntax of subjects. In: **Linguistic Variation in the Minimalist Framework**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 82-107.

CARVALHO, J. M. R. O que causa a alternância de verbos agentivos no Português Brasileiro?. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 47, p. 68 – 84, 2013.

_____. **A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva.** Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2016. 288p.

_____. A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro. In: **D.E.L.T.A.**, 34.2, 2018a. p. 661 – 688.

_____. Diferentes tipos de sujeitos nulos no português brasileiro. In: **ReVEL**, vol. 16, n. 30, 2018b. p. 78 – 107.

_____. Sentenças impessoais do português brasileiro. In: **Cuadernos de la Alfil**. n. 12(2), 2020. p. 251 – 277.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional: 2008.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. NY: OUP, 1999.

_____. Issues in adverbial syntax. **Língua**. vol. 114, 2004. p. 683 – 710.

_____. Complement and Adverbial PPs: implications for clause structure. In: **Restructuring and Functional Heads**. The Cartography of Syntactic Structures. v. 4. NY: OUP, 2006. p. 146 – 166.

_____. **The Syntax of Adjectives: a comparative study**. Massachusetts: MIT Press, 2010.

_____. Word order typology: a change of perspective. In: BIBERAUER, T.; SHEEHAN, M. (Ed.). **Theoretical Approaches to Disharmonic Word Order**. Oxford, Oxford University Press, 2013. p. 47 – 73.

_____; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. **CISCL Working Papers**, Siena, v. 2, p. 42 – 58, 2008.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R; ROSENBAUM, P. S. (Orgs.). **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn, 1970.

_____. On Binding. In: **Linguistic Inquiry**. 11. v. 1. n. Massachusetts, 1980. p 1-46.

_____. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. Cambridge: MIT, 1982.

_____. **Barriers**. MIT Press, Cambridge, Mass. 1986.

_____. Minimalist Inquiries: The Framework. In: R. Martin, D. Michaels, & J. Uriagereka. (Eds.). **Step by Step – Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

_____. Derivation by Phase. In: *Hale, K. (Ed.). A Life in Language*. M. Kenstowicz, Cambridge, MA: MIT Press, 2001, p.01 – 52.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p.163- 184.

_____. A “restrição do nome nu” e o Português Brasileiro. In: MARINS, J. E.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. O. **Contribuições à descrição e ao ensino do Português Brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 384 – 406.

_____; DUARTE, M.E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A.; Negrão, E.V. (Eds.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

CYRINO, S.; ESPINAL, M. T. Bare nominals in Brazilian Portuguese: more on the DP/NP analysis. **Natural Language and Linguistic Theory**, n. 33, 2015. p. 471-521.

COSTA, J.; DUARTE, I. Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated In: **Journal of Portuguese Linguistics**. 2002. p. 159-175.

COSTA, J. PB e PE: orientação para o discurso importa?. In: **Estudos da Língua(gem) – Estados diacrônicos e sincrônicos da Língua Portuguesa**. v. 8, n. 1, 2010. p. 123-143.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DUARTE, I. A topicalização no português europeu: uma análise comparativa. In: DUARTE, I. & LEIRIA, I. (Eds.) **Actas do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa: APL/Colibri, 1996.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The Null Subject Parameter and the Structure of the Sentence in European and Brazilian Portuguese. In: Wetzels, Leo; Costa, João; Menuzzi, Sérgio (Eds.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 2016. p. 234-253.

DUARTE, M. E. **A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado). Campinas: Unicamp, 1995. 151p.

_____. The loss of the “avoid pronoun” principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. (eds.). **The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese**. Frankfurt & Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 17–36.

_____. On the embedding of a syntactic change. **Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE 2**, 2004, p. 145-155.

_____. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos.** São Paulo, Parábola Editorial, 2012.

_____; KATO, M. **Mudança paramétrica e orientação para o discurso.** Trabalho apresentado no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Braga, 2008.

DURÁN, J. Inversión de sujeto en las construcciones inacusativas: análisis en los diferentes niveles sintagmáticos. **V Jornadas de Filología y Linguística**, Argentina, Universidad Nacional de La Plata, 2012, p. 01 – 19.

FERNANDEZ-SORIANO, O. Two types of impersonal sentences in Spanish: locative and dative subjects. **Syntax**, Blackwell Publishers, n. 2, 1999. p. 101 – 140.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro.** Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FREY, W. Syntactic Requirements on Adjuncts. In: FABRICIUS-HANSEN, C. LANG, E.; MAIENBORN, C (Eds.). **Approaching the Grammar of Adjuncts**, ZAS Papers in Linguistics. Berlin, ZAS, 2000. p. 107–134.

GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 280p.

GRAVINA, A. P. Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 16, n. esp., p. 199-231, 2014.

HOLMBERG, A. Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive. **Linguistic Inquiry**, v. 31, n. 3, 2000.

_____; NAYUDU, A. & SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v.63(1), p. 59-97. 2009.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronouns. In: _____. **Linguistic Inquiry**. v. 15. n. 4. 1984. p. 531-574.

KATO, M. Strong and weak pronominals and null subject parameter. **PROBUS**, v. 11, n. 1, p. 1-38, 1999.

_____. Comparando o Português da América com o Português de Portugal e com outras línguas. 2006. In: **Museu da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=13>. Acesso: abr., 2016.

_____; TARALLO, F. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: KOCH, I. V; SCHLIEBE-LANGE, B. (Orgs.) **Linguistik in Brasil**. Tübingen: Nyemeyer, 1993.

_____; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 18/1, p. 01 – 22, 2014.

KAYNE, R. S. **Movement and Silence**. New York: Oxford University Press, 2005.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo *raising***. Dissertação de Mestrado. RJ: UFRJ, 2002.

_____. O status tipológico das construções com tópico no português Brasileiro: uma abordagem experimental. In: **Revista da ABRALIN**. v.13. n.2. 2014. p. 151-183.

KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of subjects. **Língua**. 1991. p. 211 – 258.

KRAPOVA, I.; CINQUE, G. On the order of wh-phrases in Bulgarian multiple wh-fronting. In: ZYBATOW, GERHILD *et al.* (Eds.). **Formal Description of Slavic Languages: The Fifth Conference**, Leipzig, 2004. p. 318 – 336.

LARSON, R. On the double object construction. In: **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 3, 1988, pp. 335 – 391.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (Orgs.). **Subject and topic**. New York: Academic Press Inc., 1976.

LOPES, R. Bare nouns and DP number agreement in the acquisition of Brazilian Portuguese. In: SAGARRA, N.; TORIBIO, J. A. (Orgs.). **Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 252-262.

MAIENBORN, C. Event-internal modifiers: Semantic underspecification and conceptual interpretation. In: LANG, E.; MAIENBORN, C.; FABRICIUS-HANSEN, C. (Eds.). **Modifying Adjuncts**. Berlin / New York: De Gruyter, 2003. p. 475 – 509.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. In: **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n. 56, p. 97-139, 2001.

MÜLLER, A. The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. **Probus**, n. 14, 2002. p. 279-298.

_____. Tópico, foco e nominais nus no português brasileiro. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (Orgs.). **Sentido e significação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 77-95.

MUNN, A.; SCHMITT, C. Number and indefinites. **Língua**, n. 115, 2005. p.821-855.

NEGRÃO, E. **Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 1999.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179 – 203.

_____. A estrutura sintática das sentenças absolutas no Português Brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 23. 2010. p. 37 – 58.

_____. A ergativização do português brasileiro: Uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: DA HORA, D.; NEGRÃO, E. (Orgs.). **Estudos da linguagem**. Casamento entre temas e perspectivas. Paraíba: Ideia Editora Universitária, 2011. p. 37 – 61.

_____. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. **Linguística**, Rio de Janeiro, vol. 30/(2). 2013. p. 289 – 330.

_____. Abordando a emergência das peculiaridades do sujeito do português brasileiro a partir das margens da ciência linguística. **Cuadernos de la ALFAL**. n. 12 (2). 2020. p. 174 – 198.

NILSEN, Ø. **The Syntax of Circumstantial Adverbials**. Oslo: Novus Press, 2000.

ORSINI, M. T.; VASCO, S. L. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. **Revista Diadorim**. v. 02. Rio de Janeiro, 2007. p. 01 – 16.

PEDROZA, J. F. **Sobre a emergência da inversão locativa no Português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2015.

PILATI, E. N. S. **Sobre a ordem verbo-sujeito no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2002.

_____. **Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil**. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2006.

PINTO, M. **Licensing and interpretation of inverted subjects in Italian**. Tese de Doutorado. Utrecht: LED, 1997.

PIRES, A. The subject, it is here! The varying structural positions of preverbal subjects. In: **D.E.L.T.A.** v. 23. 2007. p. 113-146.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, UG, and the structure of IP. In: _____. **Linguistic Inquiry** 20, 1989. p. 365-424.

PONTES, E. **O tópico no português brasileiro**. Campinas: Pontes, 1987.

QUAREZEMIN, S. **Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2009. 289 p.

_____. Alternância sintática no Português Brasileiro: sujeito ou tópico?. Trabalho apresentado no **Anagrama** (Grammatical Analysis and Corpora). Universidade de Lisboa, 2016.

_____. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. **Revista Letras**, Paraná, v. 96, p. 196 – 218, jul./dez. 2017.

_____. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em Português Brasileiro. **Revista da Anpoll**. v. 1, n. 48, p. 52 – 63, Florianópolis, 2019.

_____. Brazilian double subjects and sentence structure. In: PIRES DE OLIVEIRA, R.; EMMEL, I.; QUAREZEMIN, S (Eds.). **Brazilian Portuguese, Syntax and Semantics**. 20 years of Núcleo de Estudos Gramaticais. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 108 – 134.

_____; CARDINALETTI, Anna. Non-topicalized preverbal subjects in Brazilian Portuguese, compared to Italian. **Rivista Annali di Ca' Foscari**. Serie occidentale, Itália, v. 51, 2017. p. 383 – 409.

REIS, L. M. **A sintaxe dos sujeitos locativos no Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. 90p.

RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In.: HAEGEMAN, L. (Org.). **Elements of Grammar**. Klumer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

_____. On the Position „Int(errogative)“ in the Left Periphery of the Clause. In: Guglielmo Cinque and Giampaolo Salvi (Eds.). **Current Studies in Italian Syntax: Essays Offered to Lorenzo Renzi**. Amsterdam: Elsevier, 2001, 267–296.

_____. **The structure of CP and IP**. The Cartography of Syntactic Structures. vol. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

_____. On some properties of subjects and topics. In: BRUGÉ, L. *et al* (Eds.). In: **XXX Incontro di Grammatica Generativa**. Itália: Cafoscarina, 2005. p. 203-224.

_____. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENH, S.; CORVER, N. (Orgs.). **Wh movement Moving on**. MIT Press, 2006.

_____. On Some Properties of Criterial Freezing. In: V. Moscati (Org.). **STiL - Studies in Linguistics**. CISCL Working Papers on Language and Cognition. v. 1. 2007. p. 145-158.

_____. Cartography, criteria, and labeling. In: SHLONSKY, Ur. (Ed.). **Beyond Functional Sequence**. Oxford: OUP, p. 314-338, 2015.

_____. Subjects, topics and the interpretation of *pro*. In: PETROSINO, R; CERRONE, P; HULST, H. (Eds.). **From sounds to structures: beyond the Veil of Maya**, studies in generative grammar. Berlim: De Gruyter, 2018. p. 510 – 530.

RIZZI, L.; BOCCI, G. Left Periphery of the Clause, Primarily Illustrated for Italian. In: Everaert, M. & Riemsdijk, H. van (orgs). **The Blackwell Companion for Syntax**. Oxford: Blackwell. 2017.

RIZZI, L.; SHLONSKY, U. Strategies of Subject Extraction. In.: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H. M. (Orgs.). **Interfaces + Recursion = Language?**. Berlim: Mouton De Gruyter, 2007.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 42. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ROGERI, R. A. **Sujeitos Circunstanciais**: pistas para uma consideração sobre ergatividade cindida em português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019. 106p.

SCHWEIKERT, W. The Order of Prepositional Phrases. In: **Working papers in linguistics**. Itália, Universidade de Veneza, n. 15, 2004. p. 207 – 245.

SHLONSKY, U. Agreement in Comp. In: **The Linguistic Review**, 1994. p. 351-375.

SILVA, G. V. **Word order in Brazilian Portuguese**. Berlim; Nova York: Mouton de Gruyter, 2001. 217p.

SOUZA, E. M. **O uso do pronome ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2007. 116p.

TESCARI NETO, A. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese**: a Cartographic Study. Tese de Doutorado, Università Ca’ Foscari di Venezia, 2013.

_____. Diagnosing verb raising: the view from cartography. In: PIRES DE OLIVEIRA, R.; EMMEL, I.; QUAREZEMIN, S. (Eds.). **Brazilian Portuguese, syntax and semantics**. Amsterdam: John Benjamins, 2020. p. 168 – 190.

_____. **Sintaxe Gerativa**: uma introdução à Cartografia Sintática. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021. 213p.

VASCO, S. L. **Construções de tópico na fala popular**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

APÊNDICE A – COMPARANDO O PB COM O ESPANHOL COLOMBIANO

As línguas não se comportam de maneira uniforme quando o assunto é sujeito locativo. Dessa forma, com o intuito de enriquecer a discussão e contribuir com a investigação sobre a cartografia do sujeito pré-verbal, faremos uma breve comparação entre o PB e outras línguas românicas, mais precisamente o espanhol colombiano, doravante EC. Ressaltamos que os dados aqui apresentados foram julgados por falantes nativos⁵⁶, isto é, são dados que podem ocorrer naturalmente na língua.

As construções com sujeito locativo são bastante produtivas em PB e podemos afirmar que o mesmo ocorre no EC. A primeira semelhança entre as línguas investigadas é o licenciamento dessas construções com diferentes tipos de verbo: inacusativos (01a, a'), inergativos (01b, b') e intransitivos (01c, c').

(01) a. Na casa da Maria chegaram algumas cartas.

a'. A la casa de María llegaron algunas cartas.

b. Nesse quarto dormiram várias pessoas.

b'. En ese cuarto durmieron varias personas.

c. Nesse colégio ensina/ensinam culinária.

c'. En el colegio enseñan culinária.

Quanto à obrigatoriedade do PPloc, observamos que os comportamentos são similares, uma vez que o locativo deve aparecer na sentença (em posição pré ou pós-verbal) para que ela seja bem formada, como observado nas sentenças em (02).

(02) a. Naquela loja vende/vendem livros antigos.

a'. En esa tienda (se) venden libros antiguos.

b. Vende/vendem livros antigos naquela loja.

b'. Venden libros antiguos en esa tienda.

c. *Vende/vendem livros antigos.

⁵⁶ Agradecemos especialmente à Maria Alejandra Godoy Roa pela ajuda imprescindível com os dados produtivos na língua. Agradecemos também os falantes nativos do EC que julgaram as sentenças de modo informal, a fim de atestar a gramaticalidade dos dados apresentados.

c'. *Vende/venden libros antiguos.

Além disso, como já mencionado, as sentenças com PPloc pré-verbal no PB são produtivas, em sua maioria, com três condições diferentes: (i) pronome *se* impessoal; (ii) verbo na terceira pessoa do plural; e (iii) verbo na terceira pessoa do singular. Já em PE, as mesmas construções somente são aceitas com o pronome *se* impessoal ou com um *pro* impessoal de terceira pessoa do plural.

- (03) a. Na escola aceita-se cartão de crédito. (PB^{OK} ; PE^{OK})
 b. Na escola aceitam cartão de crédito. (PB^{OK} ; PE^{OK})
 c. Na escola aceita cartão de crédito. (PB^{OK} ; PE^{*})

No italiano, Quarezemin e Cardinaletti (2017) observam que os dados são aceitos nas mesmas condições do PE, (04). E o mesmo comportamento ainda é verificado no EC, (05).

- (04) a. A scuola si accetta le carte di credito.
 b. A scuola (*pro*) accettano le carte di credito.

(QUAREZEMIN, CARDINALETTI, 2017, p. 398)

- (05) a. En el colegio se acepta tarjeta de crédito.
 b. En el colegio (*pro*) aceptan tarjeta de crédito.
 c. *En el colegio acepta tarjeta de crédito.

A partir do exemplo (06), uma assimetria importante verificada entre as línguas é que a flexão do verbo aparece sempre em concordância com o sintagma pós-verbal, o que não ocorre sempre no PB.

- (06) a. Na casa do Marcelo chegou uma encomenda.
 a'. A la casa de Marcelo llegó un paquete.
 b. Na casa do Marcelo chegou / chegaram umas encomendas.
 b'. A la casa de Marcelo *llegó / llegaron algunos paquetes.

Já em relação às sentenças com DPloc pré-verbal, o comportamento dessas línguas é o mesmo do PB.

(07) a. La scuola accetta le carte di credito.

a'. A escola aceita cartão de crédito. (PB^{OK} ; PE^{OK})

a''. El colegio acepta tarjeta de crédito.

Conforme observamos em (07), a concordância deve ocorrer necessariamente entre o DPloc pré-verbal e o verbo, não sendo possível uma leitura impessoal, ao contrário do que é visto nas construções com PPloc pré-verbal.

Os verbos meteorológicos também vêm ganhando destaque por apresentarem um comportamento curioso e, muitas, vezes, não esperado. Como já mencionado, é possível ocorrer o apagamento⁵⁷ da preposição do PPloc frontado nas sentenças com inversão locativa, inclusive em sentenças com verbos meteorológicos.

(08) a. Em Porto Alegre choveu o inverno todo.

a'. Porto Alegre choveu o inverno todo.

(09) a. En Bogotá llovió todo el mes.

a'. Bogotá llovió todo el mes.

Outra questão interessante a ser observada é a concordância entre o verbo e o locativo pré-verbal. O exemplo em (10a'), a seguir, mostra que não é possível estabelecer concordância entre o PPloc e o verbo. Em contrapartida, a assimetria entre (b) e (b') mostra que é necessário acionar a concordância entre verbo e locativo nos casos em que ocorre o apagamento da preposição do PPloc (QUAREZEMIN, 2017).

(10) a. Nas cidades da serra nevou muito noite passada.

a'. *Nas cidades da serra nevaram muito noite passada.

b. *As cidades da serra nevou muito noite passada.

b'. As cidades da serra nevaram muito noite passada.

⁵⁷ Roa (c.p.) chamou atenção para um contexto produtivo com as sentenças com verbo meteorológico e locativo sem preposição: em viagens, quando o piloto do avião anuncia as condições de tempo durante a aterrissagem, é bastante produtivo construções do tipo: "*Florianópolis llueve en este momento*".

Avelar e Galves (2011) sugerem que o constituinte pré-verbal das sentenças em (10) figuram em Spec,TP. Entretanto, para isso, seria esperado que a concordância fosse acionada também nas sentenças em que o sintagma locativo é preposicionado (QUAREZEMIN, 2017), o que não ocorre (10a’).

No EC, por sua vez, a concordância entre verbo e locativo não é bem aceita, como ilustrado nos exemplos a seguir.

(11) a. En Bogotá y Medellín llovió todo el mes.

a’. *Bogotá y Medellín llovió todo el mes.

b. *En Bogotá y Medellín llovieron todo el mes.

b’. *Bogotá y Medellín llovieron todo el mes.

(12) a. En las ciudades de la sierra nevó mucho anoche.

a’. ?Las ciudades de la sierra nevaron mucho anoche.

Sobre a sentença em (12a’), cabe ressaltar que ela não é totalmente agramatical, mas causa bastante estranhamento, isto é, não pode ser considerada uma sentença natural pelos falantes do EC.

Quarezemin (2017) afirma que o contraste entre as sentenças (10a) e (10a’) parece indicar que o PPloc deslocado figura em posição de tópico. Porém, diferentemente das sentenças com tópico deslocado, as construções com PPloc em posição pré-verbal parecem ser possíveis respostas em contextos *out-of-the-blue*.

(13) – O que aconteceu?

a. Em algumas cidades de SC nevou no inverno.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 213)

Observamos que outras sentenças com PPloc e verbos meteorológicos também respondem contextos *out-of-the-blue* do tipo *O que aconteceu?*, conforme mostramos em (14).

(14) – O que aconteceu?

- a. No Maranhão relampejou ontem à tarde.
- b. Nas capitais do sudeste do Brasil choveu/*choveram torrencialmente.
- c. Nas cidades do interior ventou/*ventaram a noite toda.

No EC, sentenças com PPloc pré-verbal e verbos meteorológicos também respondem contextos *out-of-the-blue*.

(15) – ¿Qué pasó?

- a. (Que) En las capitales del sur de Brazil llovió torrencialmente.
- b. (Que) En los pueblos venteó toda la noche.

De acordo com Rizzi (1997; 2005), somente sentenças apresentativas (téticas) e sentenças com foco amplo respondem a perguntas do tipo ‘O que aconteceu?’. Sentenças com tópico são inapropriadas nesse tipo de situação, uma vez que fornecem mais informação do que a pergunta solicita. Assim, tal evidência reforça a ideia de que os constituintes locativos pré-verbais, também no EC, não estão alocados em posição de tópico, e sim no domínio flexional.

Além do teste de ocorrência em contextos *out-of-the-blue*, outros testes importantes são utilizados para definir a posição de sujeito na hierarquia da estrutura sentencial. Um deles é o teste de extração-Wh. Segundo Quarezemin e Cardinaletti (2017), quando esse teste é aplicado, o PPloc pré-verbal não cria nenhum efeito de interferência no PB, mesmo em contexto de extração longa do adjunto temporal. No EC, verificamos um comportamento parecido, conforme mostrado em (17).

(16) a. Quando ele disse que na escola aceita cartão de crédito?

b. ??Quando ele disse que cartão de crédito na escola aceita?

(QUAREZEMIN; CARDINALETTI, 2017, p. 396)

(17) a. ¿Cuándo fue que él dijo que en el colegio aceptan tarjeta de crédito?

b. * ¿Cuándo él dijo que tarjeta de crédito en el colegio acepta?

Já em contextos de relativa, o PPloc fronteado também não causa interferência no movimento (18a) e (19a), diferentemente do objeto deslocado (18b) e (19b).

- (18) a. O cartão de crédito que na minha escola aceita/aceitam é o Visa.
 b. ??O cartão de crédito que para os alunos a minha escola dá é o Visa.

(QUAREZEMIN, 2017, p. 212)

- (19) a. La tarjeta de crédito que en mi colegio aceptan es Visa.
 b. ?La tarjeta de crédito que le da a los alumnos mi colegio es Visa.

Quarezemin e Cardinaletti (2017) afirmam que o contraste entre as sentenças (a) e (b) não seria esperado se a posição ocupada pelo PPloc pré-verbal fosse do tipo A-barra. Isso quer dizer que a falta de efeitos de minimalidade é um indício de que a posição ocupada pelo PPloc é do tipo argumental.

Outra questão relevante que diferencia as construções locativas é a possibilidade ou não de retomada por um pronome, conforme observado pelas autoras.

- (20) a. Na minha escola_i, ela_{*i/j} aceita cartão de crédito.
 b. A minha escola_i, ela_{i/*j} aceita cartão de crédito.

Esse comportamento parece estar ligado ao fato de as sentenças com PPloc terem natureza impessoal, já que ele não pode ser retomado por um pronome pessoal (20a), enquanto sentenças com DPloc pré-verbal permitem essa retomada (20b).

No EC, o mesmo comportamento é verificado nas sentenças com PPloc pré-verbal (21a), mas (21b) mostra que não é possível retomar o tópico *mi colegio* a partir do pronome *él*. A explicação para isso é que *él* é um pronome sujeito e se restringe a DPs com traço [+agentivo]. Assim, nos exemplos em (21), o *él* parece se referir a uma pessoa, e não ao local *colegio*.

- (21) a. En mi colegio_i, él_{*i/j} acepta tarjeta de crédito.
 b. Mi colegio_i, él_{?i/*j} acepta tarjeta de crédito.

Os dados apresentados reforçam a ideia de que o preenchimento da posição pré-verbal por constituintes que não são o sujeito lógico não está condicionado ao sistema de Caso-concordância, e sim pelo fato de ser o *sujeito da predicação* (QUAREZEMIN, 2017). Além disso, reforçam a tese de que o constituinte locativo em posição pré-verbal está localizado em posição argumental. Cabe ressaltar que tais construções podem ser comparadas com estruturas do italiano, como, por exemplo, as sentenças com dativo pré-verbal e as copulares invertidas (CARDINALETTI, 2004), apresentadas no segundo capítulo desta tese.

Observamos ainda que as sentenças com locativo em posição pré-verbal não são um fenômeno restrito ao PB, já que aparecem em outras línguas românicas, como o PE, o italiano e o EC, todas línguas de proeminência de sujeito. A principal diferença é que a sintaxe do PB, em alguns casos, permite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular, enquanto as outras línguas citadas recorrem ao uso do pronome *se/si* ou ao verbo na terceira pessoa do plural.